

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afrânio Peixoto

Monteiro Lobato

N. 72

DEZEMBRO

921

EDITORES

Monteiro Lobato

& Comp. - São Paulo

Redactor-chefe: Brenno Perraz

293

SUMMARIO

ANTHEGITA DA RELATIVIDADE

DE EINSTEIN Roberto Marinho 289

A INQUISTAÇÃO NA POESIA Renata Almeida 305

EXCAVAÇÕES Hippolito da Silva 309

VARIANTE CARIOCA DE UM

SURDIALECTO BRASILEIRO Antenor Nascentes 312

POEMAS Carvalho Araújo 322

HISTORIA SIMPLER Julio Scheibel 325

O GOVERNO POPULAR Alberto Salles 330

AO LUAR Rodriguez de Abreu 349

NÃO PAGA A PREÇA Oliveira e Souza 351

BIBLIOGRAPHIA 358

RESENHA DO MEZ 362

DEBATES E PESQUISAS 369

NOTAS DO EXTERIOR 377

S. PAULO.

1921.

RIO.

SEIOS

DESSENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFRODISIACOS, em A PASTA
BUBSA de Duho G. Bialbi.

O melhor **REMÉDIO** que em matéria de dolo marro assegura o **DESENVOLVIMENTO** e a **FIRMEZA** dos **SEIOS** são esses de que alguns a sede da **UTERINO**. — Vide as atestadas e prescrições que acompanham cada Caixa. *Recomenda-se a venda nas farmácias PHARMACY, PROGRASS e C&AS*

25 FARMACIAS DO BRASIL.

AVISO — Digo de uma Caixa 1000, 940, Curta mais 2500. Parfite de
Agente Geral

J. DE CARVALHO Caixa Postal 1728 — Rua de Janeiro,
Deposito: Rua General Câmara, 211 (104).

GRAVIDEZ

Reza de modo a *Terminar* a *Gravidez* em 100 dias, por
meios de *Atividade* e *Atividade*. — *Exatamente*
se a *venda* nas *principais* *DEPOZITARIAS* DE S. PAULO

AVISO — *Recomenda-se* *regras* *para* *Gravidez*, *para* *qualquer* *parte* *da* *Matr.*,
sentido *e* *quanto* *de* *1000*, *então* *em* *uma* *das* *VALOR* *DICIA*
RAPO, *se* *Agente* *Geral*

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL 3. 1728

RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O *Zapellum* de *Thomas* *Reynolds*, *matr.* *Medico* e *Scientista* *topico*, *para*
a *cure* *radical* *da* *Asthma*, *Dyspnea*, *Insomnia*, *Dificuldade*, *Disordens* *Cardi-*
acas, *Cardiaca*, *Tosse* *repetida*, *Cansaço*, *Indigestão*, *e* *em* *Medicamento*
de *traz*, *contendo* *medicamentos* *de* *origem* *da* *natureza*, *em* *um* *remédio*
indolente, *em* *medicinas* *e* *em* *medicamentos* *em* *uma* *das* *Atividade*

Vide as atestadas e prescrições que acompanham cada Caixa.

Recomenda-se a venda nas principais Farmácias e Depósitos de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Câmara, 211, Sd. — Rio de Janeiro

LOTERIA DE S. PAULO

Em 24 de Dezembro

500:000\$000

Por 110\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE



ULTIMA NOVIDADE

JARDIM DAS CONFIDENCIAS

versos de

RIBEIRO COUTO

Os mais lindos versos e a mais bella edição do anno

Preço 3\$000

MONTEIRO LOBATO & CIA. — EDITORES



PRESENTES PARA O

===== NATAL =====

NADA DE MELHOR QUE OS ULTIMOS
LIVROS DE POESIAS EDITADOS POR

Monteiro Lobato & Cia.

Primorosos na factura e excel-
lentes como arte

RITO PAGÃO — primeiro premio da Aca-

demia de Letras — Brochado. 4\$000

Encadernado em camurça 12\$000

IPÊS — *Ricardo Gonçalves* — Brochado 4\$000

ARTE DE AMAR — *Julio Cesar da Silva*, br. 4\$000

Encadernado 5\$000

JARDIM DAS CONFIDENCIAS — *Ribeiro Cou-*

to, br. 3\$000

PARA CRIANÇAS:

O SACY, e FABULAS DE NARIZINHO, por *Monteiro*

Lobato e Voltolino — Preço 2\$500 e 3\$000



A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbos de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone: 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAES

PUBLICAÇÃO OFFICIAL DOS TRABALHOS
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO,
DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade!

Anno	40\$000
Semestre	20\$000
Numero avulso	3\$000

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

Os assignantes da "Revista do Brasil", que desejarem obter gratuitamente uma assignatura, poderão fazel-o angariando-nos cinco assignantes novos. Basta para isso encher o boletim annexo, remetendo-o à Caixa 2-B, S. Paulo, acompanhado da importancia de 100\$000.

BOLETIM

Illmo. Snr. Gerente da

"Revista do Brasil"

Envio-lhe a quantia de 100\$000, proveniente das cinco assignaturas abaixo mencionadas, ficando com direito à minha, gratuitamente:

1.º Nome

Residencia

2.º Nome

Residencia

3.º Nome

Residencia

4.º Nome

Residencia

5.º Nome

Residencia

Assignatura do remettente

Endereço

REVISTA DO BRASIL

Os assinantes da "Revista do Brasil",
que desejarem obter gratuitamente uma assis-
tência médica (física ou mental) nos cinco
assinantes novos, basta para isso escrever o ou-
tro e enviar para o Editor da "Revista do Brasil",
sendo enviado de imediato para o Dr. Z. Paulo.

BOLETIM

Ilmo. Sr. Dr. Z. Paulo

"Revista do Brasil"

Envie-me a quem a "Revista do Brasil" proveja
as cinco assistências de que me refero no
seu boletim e envie imediatamente.

Casa Francesa de

L. GRUMBACH & CIA

Rua de São Bento N. 24

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

N. 72

EDITORES:

AFRÂNIO PEIXOTO DEZEMBRO MONTEIRO LOBATO
MONTEIRO LOBATO 1921 & COMP. — SÃO PAULO
REDACITOR-CHEFE: BRENNO FERRAZ

A THEORIA DA RELATIVIDADE DE EINSTEIN

ROBERTO MARINHO

Professor da E. Polytechnica do Rio de Janeiro

A theoria de Einstein já tem renome universal: mesmo em França — apesar de sua raça judaica, educação na Suíça, recusa a assignar o manifesto dos 93 intellectuaes tedescos — se sabios como Poincaré e Borel a contestam, outros como Nordmann e Langevin a propagam. O curso deste matematico na Sorbona, excede, agora mesmo, o fimos dos de Bergson. Entretanto a theoria não é facil de ser ensinada aos profanos das mathematicas. Não poderiamos conseguil-o de ninguem mais competente no nosso paiz, do que da sabio professor da Escola Polytechnica do Rio para expor aos nossos leitores. E não nos illudimos dizendo que o sabio se revela um poeta.

NÃO ha, talvez, exemplo de descoberta scientifica, cujo successo acompanhasse tão de perto o seu apparecimento, como o da Theoria da Relatividade de Einstein.

Apresentada a parte mais importante, pelo menos, ha apenas meia duzia de annos, conseguiu a Theoria, nesse pouco tempo, não só alvoroçar o mundo scientifico, pela estranheza de sua linguagem, que vinha abalar idéas e noções tidas, até então, como das mais solidas das sciencias da natureza, como também excitar a curiosidade dos leigos pela ponta de mysterio que levantava.

Revistas de toda especie e do Mundo inteiro, desde a scientifica ao periodico diario, se têm occupado dessa Theoria da Relatividade, considerada ainda, por alguns, como de character provisorio, realçada, entretanto, por quasi todos como marco robusto destinado a mudar o rumo que ao pensamento da physica havia fixado o genio de Newton.



Em um ponto, uns e outros concordam: Einstein lhes fez, a todos, pensar.

Procuramos, nestas poucas linhas, dar da Theoria uma idéa, quanto permite a apresentação não mathematica da mesma, necessariamente limitada, mas a unica capaz de interessar a leitores de revistas como esta, na sua grande maioria dedicados a estudos de natureza differente.

Conseguirão elles, apenas, avistar de longe a terra promettida. Quanto aos que nella conseguem penetrar, deparam, após jornada longa e difficil, com essa realidade schematica da physica, impalpavel e toda feita de symbolos, realidade estranha, a unica que a mente do mathematico sabe filtrar das apparencias deste Mundo e além da qual jaz, eternamente velada, a natureza intima das cousas.

Passada a phase de surpresa e discussões apaixonadas, parece ter a Theoria da Relatividade chegado a um estadio em que já se pôde avaliar o muito de definitivo, progresso irreversivel, que ao dominio da physica ficará incorporado, e onde bem se julga da distancia entre o Universo de Einstein e o daquelles tempos ingenuos em que as estrelas eram cravos de ouro picados em tapeçaria brilhante ou lampadas suspensas ao azul da abobada immensa; conquista de seculos de pensamento, um nada arrancado ao enigma deste Mundo infinito.

Ao lado da realidade psychologica ou subjectiva, revelada pelos nossos sentidos, ha uma outra, a physica, de que não é senão uma interpretação a primeira, e á qual procuramos chegar pelo pensamento, essa actividade da nossa mente que descobre ordem e systema nas sensações que nos vêm do mundo exterior.

O physico que olha para o espectro solar recebe delle impressões provenientes das cores e da sua variedade. São as apparencias, é a realidade subjectiva. Para explicar o que sente, creou elle a theoria ondulatoria da luz; imaginou que a luz é produzida por pequenos oscilladores, que se transmite por intermedio do ether, provindo a diversidade das cores da differença das frequências com que vibram aquelles oscilladores. E' essa a interpretação do que elle vê da realidade physica.

Essa interpretação pôde ser verdadeira, e, nesse caso apenas, é conhecimento; ou falsa, sendo, então, opinião ou erro. Verdade e erro são, assim, expressões que se referem á traducção que a mente faz das apparencias do mundo exterior.

O problema da verdade, em philosophia, resume-se em caracterizal-a. A verdade consiste na concordancia de certas idéas com a realidade. Mas, que caracteriza essa concordancia? Eis o problema.

Deixando de lado assumpto tão debatido, o physico acompanha, desde muito, a corrente philosophica conhecida, em nossos tempos, pelo nome de "pragmatismo".

O pragmatista rejeita o ponto de vista do realista, para quem a verdade está na correspondencia da idéa com uma realidade independente da natureza humana, e, tambem, o do idealista que a vê na coherencia e consistencia logica da propria idéa. Ao pragmatista importa, apenas, a verdade do conceito, quer dizer a sua verificação, e não a realidade das cousas.

"O verdadeiro, diz William James, consiste simplesmente no que é vantajoso ao nosso pensamento".



O physico procura schemas, imagens capazes de interpretar o mundo das apparencias, permitindo, assim, prevêr imagens "mais commodas", no dizer de H. Poincaré, as que conduzam a "maior economia de pensamento", na expressão de E. Mach. Para o prognatista, como para o physico, o conceito será, assim, verdadeiro se fôr util, se permittir a previsão dos phenomenos.

Até Einstein, o schema do Universo de Newton era o mais commodo. A sua imagem tão simples — "tudo se passa como se a materia attrahisse a materia na razão directa das massas, e na inversa do quadrado das distancias"—permittiu edificar uma mecanica celeste que conseguiu explicar, com exactidão até então desconhecida, o movimento dos astros.

Surgiram, agora, novos aspectos que o seu quad. o não continha.

Era preciso amplial-o, de modo a abranger tambem esses outros pontos de vista. Foi o que conseguiu Einstein, na theoria da relatividade, com as suas leis mais geraes que encerram as antigas como casos particulares.

Essa ampliação levou, entretanto, a uma mudança profunda nos fundamentos da physica e a uma concepção do Universo radicalmente differente da de Newton e que permittiu resolver, de um só golpe, os enigmas da gravitação e da relatividade do movimento. E' na concepção, e não no dominio da applicação real, ainda muito limitado, que está a grande superioridade da nova Theoria sobre a mecanica classica.

Por analyse extraordinariamente aguda, Einstein conseguiu libertar as noções mais fundamentaes das sciencias da natureza de preconceitos que até então passaram despercebidos, supprimindo hypotheses perigosas, visto que tacitas e inconscientes, que sorrateiramente se introduziram nas theorias physicas e nos pareciam tão evidentes.

A imagem do Universo de Einstein continuará a ser a mais commoda até que novos pontos de vista surjam pedindo a sua ampliação. Vamos, assim, caminhando em busca dessa realidade physica perfeita que não é senão a synthese de todos os aspectos physicos da natureza.

O PROBLEMA

Quem observa a natureza com o fim de interpretal-a, está preso a um ponto de vista; occupa, com os seus instrumentos, determinada posição e move-se de certo modo, circumstancias que influem nos resultados das suas observações.

Pergunta-se: é possível uma concepção do Universo que não dependa da posição e movimento do observador? A influencia da posição pôde ser eliminada. Creaturas, como nós, capazes de perceber o relevo de um solido, representam mentalmente, de modo independente da posição que occupam, os objectos que as cercam.

Quanto ao movimento, não foi tão facil eliminar a sua influencia. E' assim que as leis da mecanica de Newton só são verdadeiras para os observadores de um dos systemas de referencia chamados inerciaes ou de Galileo, systemas fictícios, dotados de movimentos relativos uniformes. (1) dos quaes, entretanto, não se encontram na na-

(1) O movimento do systema é uniforme quando todos os seus pontos descrevem trajectorias rectilíneas com velocidades iguaes e constantes.

tureza senão exemplares que delles se approximam mais ou menos, como o systema das estrellas fixas, o do centro de gravidade do systema solar, ou, com menor aproximação, o da nossa Terra.

E' esse um dos pontos fracos da mecanica classica: as suas leis presuppõem systemas de referencia que não existem.

Para fugir á difficuldade, recorreu-se á noção vaga do "espaço absoluto" que seria o systema em relação ao qual as leis da mecanica seriam verdadeiras, e a varias outras theorias pouco precisas e satisfatorias.

Na physica, o ether immovel que tudo penetra, esse espaço onde se movem as estrellas e o nosso systema planetario, era, para Lorentz, o systema privilegiado ao qual deviam ser referidas as equações da sua theoria electromagnetica. Seria, então, possivel demonstrar o movimento da Terra e determinar a sua velocidade em relação a esse ether por meio de experiencias de optica e electrodynamica.

Todas as experiencias, nesse sentido, foram, entretanto, de resultado negativo.

As expressões das leis da mecanica e da physica, com as falhas apontadas acima, são, assim, verdadeiras apenas para certos systemas de referencia privilegiados.

Era preciso crear um schema do Mundo que não conhecesse observador, uma imagem que não dependesse da sua posição ou movimento.

Foi o que alcançou Einstein na sua theoria da relatividade. Conseguiu, primeiramente, na theoria da relatividade restricta, eliminar a expressão das leis geraes da physica, a influencia do movimento uniforme do observador, o que Newton já havia conseguido para as leis da sua mecanica, e, mais tarde, na theoria da relatividade generalizada, a de um movimento qualquer, abrangendo em uma synthese enorme os pontos de vista de todos os observadores do Universo.

O PRINCIPIO DA RELATIVIDADE RESTRICTA

O Principio póde ser enunciado: todos os systemas de referencia de Galileo são equivalentes para a expressão das leis geraes da natureza. Essas leis presuppõem, entretanto, que se avaliem, em cada um delles, o espaço e o tempo, assim como quasi todas as outras grandezas physicas, como massa, força, temperatura, energia, de modo característico, variavel de um a outro. Essas grandezas são, assim, puramente relativas; só têm sentido quando se especifica o systema de onde são medidas.

Antes de Einstein, tinham caracter absoluto; relativas eram as leis que dependiam do systema de referencia e não tinham, por conseguinte, amplitude sufficiente para abranger todos os pontos de vista.

Um exemplo: tres observadores, um na superficie da Terra, outro em um carro de estrada de ferro e o terceiro em um dirigivel. (1) movendo-se com grandes velocidades uniformes relativas, traduzem as leis geraes da physica do mesmo modo, pelas mesmas equações. Cada um delles, porém, observa a natureza por prisma differente, peculiar ao seu systema.

O que elles medem com instrumentos scientificos, por conseguinte, também, o que avaliam com os sentidos, é relativo; a interpretação

(1) Os tres systemas podem ser considerados, approximadamente, como systemas de Galileo.



sob a forma que lhe deu Einstein, a realidade physica, é a mesma para os três.

Cada um delles vê apenas uma das faces dessa realidade que não é senão a synthese de todas ellas, assim como o nosso Corcovado, o real, como o representamos mentalmente, synthetisa os varios aspectos, puras apparencias, com que se apresenta quando visto de diferentes lados. Aqui, as nossas faculdades permitem uma synthese mental; a differença de aspectos provém da diversidade de "posições". Lá, a synthese pôde ser feita, apenas, na linguagem symbolica mathematica das equações de Einstein; a diversidade de apparencias provém da differença de "velocidade".

Supponhamos que o aeronauta deixe cair um objecto. Como é sabido da mecanica classica, a velocidade desse objecto terá valores differentes conforme fôr medida pelo observador do dirigivel, o do trem de ferro ou o da Terra. Se elle tocar um sino, o mesmo se dá com a velocidade do som. Os tres observadores acharão, entretanto, para a velocidade da luz proveniente de fôco luminoso levado pela aeronave, exactamente o mesmo valor, trezentos mil kilometros por segundo.

Essa velocidade é, assim, privilegiada, não depende do movimento uniforme do fôco em relação ao observador.

Desse postulado, que a experiencia parece confirmar, deduziu Einstein a relatividade, já referida, do espaço e tempo, assim como das outras grandezas physicas, cujas medidas dependem da velocidade relativa da grandeza a medir e do observador que a mede. O aspecto das cousas, é assim, puramente relativo, varia com a velocidade do observador.

A razão de não percebermos essa relatividade está na pouca variedade dos nossos pontos de vista. Habitantes do mesmo planeta, dotados de movimentos quasi identicos, não possuímos órgãos nem instrumentos sufficientemente precisos para distinguir as pequenas differenças com que a natureza se nos apresenta; tão pequenas que, na grande maioria dos casos, pôdem ser desprezadas, o que equivale a conservar, para o espaço e tempo, o character de absolutismo que lhes havia dado a mecanica antiga.

Para que possamos perceber a influencia da velocidade sobre o aspecto do Mundo, é necessario ampliar enormemente as differenças dos nossos pontos de vista e recorrer a velocidades da ordem de grandeza da velocidade da luz. Vejamos como a Terra se apresenta a um aviador cuja velocidade fazemos variar, por grãos, de zero a trezentos mil kilometros por segundo, velocidade da luz, que não pôde ser ultrapassada e substitue, na nova theoria, o infinito da mecanica antiga. (1)

No momento da partida, a Terra tem, para o aeronauta, o aspecto que nos é familiar; nada de anormal. Ao passo que a velocidade augmenta, o panorama se va transformando; os comprimentos, na direcção do movimento, de todas as cousas e de tudo que vive sobre o nosso planeta, vão decrescendo, não se alterando as dimensões normaes áquella direcção; (2) na Terra, o escoar do tempo, medido pelos relógios da aeronave, se va tornando mais lento; a vida corre mais vagarosa; os homens envelhecem mais lentamente; são mais phlegmaticos, seus gestos mais descansados; os passaros parecem

(1) A cada uma dessas velocidades corresponde um aspecto da Terra, tanto mais differente do normal quanto maior fôr a velocidade.

(2) Consequencia, como o que se segue, das formulas de Einstein. Não levamos em conta o effeito das accelerações.

cantar com difficuldade, o canto lhes sahe arrastado; os sinos regicam mais tristes; o mar espraia-se mais preguiçoso; o silvo das locomotivas, agudo a principio, se vae tornando mais grave até assemelhar-se ao rufar de tambor ou rodar de uma matraca; a côr violeta de foco luminoso, torna-se, successivamente, anilada, azul, verde, amarella, alaranjada, e vermelha; em certo momento, começa o foco a emittir radiações calorificas, e, mais tarde, ondas Hertzianas, de natureza das usadas em telegraphia sem fio; o telegraphista do dirigivel recebe signaes incomprehensíveis.

No momento em que o aviador lê, no seu medidor de velocidade, trezentos mil kilometros por segundo, velocidade da luz, a vida cessa completamente na Terra; silencio, repouso absolutos; a temperatura, medida do dirigivel, de tudo quanto nella existe, é de duzentos e setenta e tres grãos abaixo de zero, zero absoluto; os corpos só têm duas dimensões; perderam a terceira, a da direcção do movimento.

O aviador diminue, paulatinamente, a velocidade do seu dirigivel e a vida resurge, os mesmos aspectos se vão apresentando, successivamente, em ordem inversa.

Os habitantes da Terra não notaram ahí cousa alguma de anormal. Viram, apenas, nos ares, uma aeronave cujo comprimento diminuia, ao passo que a velocidade crescia, até se reduzir, no sentido do movimento, á espessura de uma folha de papel. Os signaes do aviador, que gesticulava, tornavam-se cada vez mais lentos até parar completamente. Em seguida, com a diminuição paulatina da velocidade, o comprimento do dirigivel foi augmentando até se normalisar no momento em que cessou o movimento.

Os que observam a aeronave julgam do que ahí se passa do mesmo modo que o aviador julgou das cousas da Terra.

Nada, assim, mais relativo que o aspecto deste mundo que a simples velocidade altera. O que é immutavel é a realidade physica creada pela mente de Einstein para interpretar-o; são as suas equações que não conhecem observador, aeronauta ou habitante da Terra; assim como os varios matizes da nossa felicidade, tão relativa tambem, são representados, na linguagem fallada ou escripta, pelo mesmo symbolo.

Um dos resultados de maior importancia a que levou o principio da relatividade restricta foi a fusão, em um unico, dos dois principios fundamentaes sobre os quaes repousava a physica classica; o principio da conservação de energia e o da conservação da massa. Einstein demonstra como a massa de um corpo que absorve energia augmenta. O principio da conservação da massa é, assim, verdadeiro, apenas, para systemas isolados, que não perdem nem ganham energia.

Massa e energia radiante transformam-se uma na outra. Assim a massa da nossa mesa de trabalho cresce com a energia luminosa provida da lampada que illumina a mesa.

A massa de um corpo cresce com a temperatura do mesmo. Quando a temperatura augmenta, a energia calorifica absorvida transforma-se em massa; quando diminue, é a massa que se transforma na energia radiante. A inercia é, assim, uma propriedade da energia.

A energia "perceptível", mesmo quando proveniente de temperaturas elevadas ou de movimentos muito rapidos, é extremamente pequena em relação á enorme "energia latente", occulta, que os corpos possuem já em repouso e á temperatura de zero absoluto, igual ao producto da massa pelo quadrado da velocidade da luz. A technica não conseguiu ainda utilizar essa energia.



O MUNDO DE QUATRO DIMENSÕES

Os objectos que nos cercam differem, deixando de lado outros característicos, pelas posições que occupam.

E' assim que, quando descrevemos o nosso Pão de Assucar, mencionamos, entre suas propriedades, o lugar onde está situado. Em geral, porém, nada dizemos sobre o momento em que o olhamos.

Entretanto, o percebemos sempre em determinado instante ou por espaço de certo tempo. A realidade é, por consequente, o Pão de Assucar nesse instante ou nesse intervalo e não o Pão de Assucar independente do tempo, como geralmente o consideramos.

O objecto ligado ao tempo constitue o "acontecimento" ou "sucesso"; assim, por exemplo, um trem que deixa a estação em determinada hora; o mesmo trem que, partindo áquella hora, se move e chega á estação seguinte uma hora depois.

Este acontecimento estará completamente descripto se mencionarmos as diversas posições que o trem occupa successivamente e os instantes correspondentes.

Cada ponto do trem em movimento deve ser, assim, caracterizado pelas tres coordenadas que determinam sua posição e pela que fixa o momento correspondente a essa posição. A geometria do mundo real é, por consequente, de quatro dimensões: as tres conhecidas e o tempo.

A realidade na natureza é constituída por acontecimentos que passam. O objecto, o elemento que não passa, é uma face do successo e, como o tempo, uma abstracção, apenas, tirada do desenrolar ininterrupto dos acontecimentos.

Acceitar a theoria da relatividade resume-se, como mostrou Minkowski, em considerar o mundo composto de acontecimentos e não de objectos, em dar á sua geometria quatro dimensões e não tres. Só assim tem elle significação absoluta e não é relativo ao movimento do observador. (1)

Se tivéssemos faculdades apropriadas á pintura mental de um acontecimento, o representariamos de modo independente da nossa velocidade.

O mundo de quatro dimensões synthetisa, assim, a variedade infinita de aspectos com que a natureza se apresenta a observadores dotados de velocidades differentes comprehendidas entre zero e a velocidade da luz. Lembremo-nos do aeronauta do capitulo anterior.

O mundo com tres dimensões de cada observador, puramente relativo, não é senão uma face desse outro de quatro, o unico real, que o mero accidente da imperfeição dos seus sentidos não lhe deixa perceber, mas apenas permite schematisar nessa geometria de quatro dimensões que veio substituir a de Euclides.

THEORIA DA RELATIVIDADE GENERALISADA

Na theoria da relatividade restricta, conseguiu Einstein eliminar a influencia do movimento uniforme do observador na expressão das leis geraes da physica.

(1) O que tem significação absoluta é uma expressão mathematica denominada *intervallo*.



Os systemas de referencia em relação aos quaes essas leis se verificam são os mesmos da mecânica, os de Galileu, systemas, como vimos, fictícios, que se não encontram na natureza.

A objecção á mecânica de Newton, de presuppôr systemas que não existem, continua, assim, de pé na theoria da relatividade restricta. Além disso, sentiu Einstein a necessidade da generalisação; era preciso ampliar para o caso de movimentos quassquer o que estava feito apenas para movimentos uniformes. Foi o que conseguiu na sua theoria da relatividade generalizada, synthetizando em um unico schema os aspectos correspondentes aos pontos de vista de todos os observadores do Universo.

Vimos, na theoria da relatividade restricta, como o aspecto do Mundo dependia da velocidade do observador. Lembremo-nos do avião que avaliava as cousas da Terra conforme a velocidade uniforme do seu dirigivel.

Vejamos, agora, qual seria o aspecto dessa Terra, julgado por observador de um systema dotado, não de velocidade uniforme, como a aeronave do capitulo anterior, mas, de movimento acelerado qualquer, (1) onde a velocidade varia não só de um ponto a outro, como, em cada ponto, também com o tempo; por observador, digamos, de um aeroplano gigantesco, com muitos kilometros de extensão, caindo de grande altura e effectuando, durante a queda, toda sorte de viravoltas.

O aspecto dependeria do ponto do systema onde se achasse o observador e mudaria, além disso, continuamente a cada instante. O que, na Terra, elle medisse com instrumentos scientificos ou avaliasse com os sentidos, seria relativo á sua posição no aeroplano e ao instante da observação.

O problema consistia em descobrir a realidade no meio dessa infinidade de apparencias, em achar a synthese de todos esses aspectos.

Sente-se bem a sua enorme difficuldade e como poude ser resolvida, sómente, por intelligencia extraordinariamente aguda e espirito capaz de se libertar de preconceitos já tão enraizados na nossa physica, como o absolutismo do tempo e das dimensões dos corpos.

Não temos, é sabido, faculdades apropriadas para representar mentalmente a synthese dessa infinidade de aspectos, que poude ser feita apenas na linguagem symbolica mathematica das equações de Einstein, as quaes traduzem, assim, as leis da physica, de modo independente do movimento do observador.

Na theoria da relatividade restricta, o modo de avaliar o tempo e a extensão dos corpos varia, como vimos, com o systema de referencia, conserva-se, entretanto, constante para os pontos de um mesmo systema, todos dotados de velocidades iguaes. E' assim que o aeronauta do capitulo anterior julgava essas grandezas de modo independente da sua posição no dirigivel.

Como, nos systemas de referencia acelerados da theoria da relatividade generalizada, o que o observador mede, por conseguinte também o tempo e as dimensões dos corpos, é relativo á sua posição e ao instante em que a medida é feita, — o comprimento de uma escala, por exemplo, avaliada de certo ponto do systema, varia com o lugar e a direcção em que é collocada e, além disso, com o tempo; altera-se, assim, a cada instante. O avião, de seu lugar, olha em

(1) Movimento acelerado significa um movimento que não é uniforme.



torno de si e vê o aeroplano deformar-se continuamente. A forma do aparelho deixou de ter sentido.

O mesmo se dá com a indicação de um relógio, que depende do ponto do systema onde se acha e do instante em que é observado. Os relógios do aeroplano andam todos desencontrados.

Não existem, assim, nesses systemas, solidos com propriedades Euclidianas, nem é mais possível definição physica do tempo por meio de relógios. Somos obrigados a recorrer a uma geometria que não dependa da medida de comprimentos e de intervallos de tempo, a geometria de Gauss, onde se define o ponto como um conjunto de quatro numeros, 4, 3, 2, 1, por exemplo, as suas coordenadas. Fazendo variar essas coordenadas continuamente, por grãos insensíveis, o ponto descreve o "continuum" de quatro dimensões, constituído, assim, pela totalidade dos pontos.

Na theoria da relatividade restricta, o ponto era caracterizado por tres coordenadas fixando sua posição, tres "comprimentos" que podiam ser medidos com uma escala, e pela coordenada "tempo", avaliada por meio de relógio. Essas coordenadas tinham, assim, significação physica, o que não acontece com as de Gauss, cujo fim é apenas numerar os pontos do "continuum" de modo determinado mas arbitrário.

Desappareceu completamente a diferença entre as coordenadas espaciaes e a de tempo. O espaço e o tempo perderam, como diz Einstein, "o resto de objectividade physica", já tão ahalada no principio da relatividade restricta.

E' com o auxilio dessas coordenadas de Gauss que devem ser expressas as leis geraes da natureza. Só assim todos os systemas de referencia são equivalentes para a tradução dessas leis.

Ao mundo que nos impressiona os sentidos, puramente relativo, com a sua infinidade de aspectos, corresponde, em todos esses systemas, a mesma interpretação traduzida pelas equações de Einstein. E' essa a realidade physica, toda symbolica, a que a nossa mente, capaz apenas de synthetisar aspectos provenientes de diversidade de posições,—se esforça por dar cor sem o conseguir.

Por analogia com o que se dá na geometria de tres dimensões, onde o ponto, movendo-se, gera uma linha, dizemos, aqui, que o "ponto do universo", (1) ponto da geometria de Gauss caracterizado pelas suas quatro coordenadas, gera a sua "linha do universo" a qual não podemos representar mentalmente mas, apenas, caracterizar por meio dos symbolos da mathematica.

A um ponto que, no nosso espaço de tres dimensões, percorre sua trajectoria, corresponde, nesse outro de quatro, um "ponto do universo" deslocando-se ao longo da sua "linha do universo". Ha, assim, correspondencia perfeita entre o que se passa no nosso Mundo e a sua tradução symbolica por meio dessas "linhas do universo".

Vimos ser o fim da theoria da relatividade generalizada descobrir schemas capazes de traduzir as leis da physica de modo independente do movimento do systema de referencia, o que equivale, sob o ponto de vista mathematico, a exprimi-las por meio de equações que não mudem de forma quando se passa de um systema de coordenadas de Gauss para outro. (2) A uma mudança de ponto de vista do

(1) Ponto de universo e linha do universo são nomes dados por Minkowski aos pontos e linhas da geometria de quatro dimensões.

(2) Esse enunciado é mais geral que o primeiro.



observador corresponde, assim, uma transformação de coordenadas de Gauss, que não affecta a forma das equações de Einstein.

O principio da relatividade generalizada resume-se, por conseguinte, na equivalencia de todos os systemas de coordenadas de Gauss para a expressão das leis geraes da natureza.

Vejamos a razão. Como mostra Einstein, o que é susceptível de observação, o nosso conhecimento da natureza, reduz-se, em ultima analyse, a coincidências de pontos no tempo e no espaço. O astrónomo que observa uma estrella não faz mais que notar a coincidência da imagem da estrella com um ponto do reticulo de seu instrumento; as horas dos nossos relógios são indicadas pela coincidência da extremidade do ponteiro com determinado ponto da escala; uma temperatura é dada pela coincidência da extremidade da columna mercurial com um dos traços da escala thermometrica, e assim por diante.

Tudo o que observamos, o nosso Mundo, é, assim, representado, nesse "continuum" de quatro dimensões, por "pontos do universo" intersecções das "linhas do universo" correspondentes a esses pontos que, pela sua coincidência, constituem a observação.

No caso do astrónomo, por exemplo, a observação da passagem da estrella corresponde, no "continuum" de quatro dimensões, um "ponto do universo" intersecção das "linhas do universo" da imagem da estrella e do ponto do reticulo com que ella coincide.

Na mudança de um systema de coordenadas de Gauss para outro, ha, por assim dizer, uma deformação do "continuum", (1) que, não alterando a ordem, ao longo de cada "linha do universo", dos "pontos" do universo correspondentes ás nossas observações, nem introduzindo novos, faz com que os dois mundos, o primitivo e o deformado, não sejam physicamente differentes.

Os dois systemas de coordenadas são, assim, equivalentes para a expressão das leis geraes da physica. As equações que traduzem essas leis não mudam de forma quando se passa de um para outro.

De modo analogo, não perceberíamos qualquer deformação do nosso Mundo de tres dimensões proveniente de um deslocamento de todos os seus pontos, obedecendo a certas condições, (2) e de modificação conveniente das constantes physicas.

Se, durante a proxima noite, o Rio de Janeiro, com seus habitantes e tudo quanto nelle existe, soffresse torção analoga, nada notariamos amanhã, ao despertar, dessa deformação geral da nossa Cidade, que não alteraria a ordem, ao longo de cada rua, em que se succedem os cruzamentos com as ruas transversaes.

No Rio de Janeiro primitivo, como no deformado com sua rede de ruas curvadas, encontraríamos os mesmos cruzamentos. Assim, tambem, nesse "continuum" de quatro dimensões onde schematisamos a realidade, os "pontos de universo", cruzamentos das "linhas do Universo" correspondentes aos pontos do nosso Mundo que pela sua coincidência constituem o que nelle, é susceptível de observação, conservam-se os mesmos nessa deformação do "continuum", equivalente a uma mudança de ponto de vista do observador ou, como

(1) As coordenadas de um ponto em um dos systemas são funções arbitrárias, mas contínuas e uniformes, das coordenadas do mesmo ponto no outro systema.

(2) As coordenadas de um ponto qualquer do Mundo deformado seriam funções arbitrárias, mas contínuas e uniformes, das coordenadas do mesmo ponto no Mundo primitivo.



Vimos, a uma transformação de coordenadas de Gauss. Encontramos nesses cruzamentos alguma coisa de imutável, de independente do ponto de vista de quem observa.

O "continuum" de quatro dimensões, que a nossa mente construiu de "pontos do Universo", constitui, assim, o mundo absoluto onde a natureza se nos mostra verdadeira, o mundo real da physica, schematico e extremamente simples, mas de natureza além de toda compreensão humana, mundo bem diverso desse outro que nos impressiona os sentidos, puramente relativo e todo feito de apparencias e illusões.

Chegamos aqui, também, à barreira intransponível que nos esconde a natureza íntima das cousas. Do "ponto do Universo", elemento do nosso mundo absoluto, conhecemos apenas as coordenadas. É o que se dá com todas as entidades da physica; a sua natureza nos escapa, aprendemos apenas a medi-las. As previsões maravilhosas da nossa technica são feitas por meio de formulas onde figuram, somente, as "medidas" de grandezas, como a electricidade, por exemplo, de natureza indefinível em termos compreensíveis à mente humana.

O mundo da physica é incolor e todo feito de numeros; é o céu do mathematico que, no dizer de um delles, e dos maiores, só se sente feliz quando não sabe de que se trata.

O que nos é familiar não é simples nem real, mas complexo e relativo; pertence a estadio anterior na synthese das apparencias.

GRAVITAÇÃO

É bem conhecido o esforço desenvolvido por uma locomotiva para mover um trem que se acha em repouso. Se o trem se move, somos obrigados, para pará-lo, a applicar os freios.

A tendencia de uma bola que lançamos sobre a superficie perfeitamente lisa é conservar o seu movimento rectilíneo e uniforme. Para transformar esse movimento em outro, curvilíneo e acelerado, ou para parar a bola, somos obrigados a exercer sobre ella um esforço.

Dizemos, para explicar essa resistencia de um corpo á modificação do seu estado de repouso ou movimento que elle é dotado de inercia, medida pela massa, chamada massa de inercia, do corpo.

Para interpretar a queda dos corpos, dizia Newton que elles são attrahidos pela Terra. Dois corpos attrahem-se, — assim, mutuamente, e, segundo elle, na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distancias. A massa aqui, a que podemos chamar grave, mede essa tendencia de um corpo a attrahir um outro ou a ser attrahido por elle.

Mostra a experiencia que todos os corpos cahem com a mesma acceleração. Se deixarmos cahir do alto de uma torre, no mesmo momento, corpos de natureza diversa, chegam elles ao solo no mesmo instante. Deduz-se d'ahi o facto muito singular, registrado mas não interpretado pela mecanica classica, da igualdade das massas de inercia e grave, que medem, como vimos, tendencias tidas até hoje como de natureza completamente differentes.

A razão, diz Einstein, é que gravitação e inercia são componentes arbitrarías de uma só propriedade; a mesma qualidade de um corpo manifesta-se, conforme as circumstancias, como inercia ou como peso. É por isso que o peso é sempre proporcional á massa de inercia.



Para Einstein, gravitação e inércia são da mesma natureza, o que torna impossível differenciar-as por meio de qualquer experiencia. Quem percorre, em trem de ferro, uma curva conhece bem a tendencia a ser atirado para o lado de fóra da mesma. Se o machinista faz funcionar os freios bruscamente, somos levados para frente. Nos dois casos a sensação provem da inércia contrariada que procura conservar o movimento rectilíneo e uniforme do passageiro.

E', entretanto, possível uma outra explicação. Podemos suppor o trem em repouso e o passageiro em um campo de gravitação tendendo, no primeiro caso, a deslocar-o para o lado de fóra da curva, e, no segundo, para frente, no sentido do movimento.

O passageiro não pôde decidir, por meio de qualquer experiencia feita no seu trem, qual das duas explicações é a verdadeira, visto que gravitação e inércia se manifestam do mesmo modo.

E', assim, permittido, de um modo geral, substituir todo systema de referencia acelerado (1) pelo mesmo systema em repouso sob a influencia de campo de gravitação conveniente. As leis geraes da physica são expressas, nos dois casos, pelas mesmas equações. Em campos de gravitação não existem, assim, tambem, solidos com propriedades Euclideanas nem é possível uma definição physica do tempo por meio de relógios; somos obrigados, como no caso de systemas de referencias acelerados, a recorrer á geometria de Gauss.

Outro ponto de importancia é que todo campo de gravitação é puramente relativo, depende do systema de referencia do observador. Para individuo em um elevador que cae livremente, não existe o campo de gravitação terrestre; os corpos não têm peso; se elle solta um objecto, esse objecto não cae, mantem-se suspenso a seu lado sem se approximar do fundo do elevador.

Assim que elle toca o solo, surge, como por encanto, o campo de gravitação; o observador passa a ter consciencia do seu peso e da tendencia de todos os corpos a se approximarem da Terra, como que attrahidos por ella. Só notamos a presença de um campo de gravitação quando somos impedidos de nos mover livremente, quando o systema de referencia que empregamos não tem a accleração devida á gravidade.

O campo de gravitação não é mais que o reflexo dessa falta de liberdade do observador que, no exemplo do elevador, só sentiu o campo terrestre quando, tocando o solo com os pés, foi impedido de continuar a cair livremente.

Vimos, no capítulo anterior, como as leis geraes da physica devem ser formuladas com o auxilio das coordenadas de Gauss.

Demonstra, entretanto, Einstein que é sempre possível, para região limitada em torno de um ponto qualquer do espaço, escolher um systema de referencia onde as equações da physica tomem a forma simples que tem na theoria da relatividade restricta. Esse systema é o que tem a accleração devida á gravidade no ponto considerado; o que pôde mover-se livremente e cujo observador, por consequente, não nota campo de gravitação algum; é, por exemplo, o elevador que cae. Nesse systema privilegiado, permite-se, durante um instante, o uso de escalas e relógios.

(1) Como são, por exemplo, o do trem que se move ao longo de uma curva, e do trem que o machinista faz parar applicando os freios, ou o do aeroplano caindo de grande altura, exemplos já citados.



Na theoria da relatividade generalizada, esses instrumentos de medida, são, assim, admittidos, apenas, em caso muito especial, certa distribuição da materia no Mundo e escolhido o systema de

Vejamos a parte principal da obra de Einstein. Admittida uma certa distribuição da materia no Mundo e escolhido o systema de referencia, consegue Einstein calcular dez grandezas que determinam a geometria em um ponto qualquer do "continuum" de quatro dimensões, e descrevem, ao mesmo tempo, o campo de gravitação em cada ponto do espaço. Materia, geometria e gravitação estão, assim, na theoria da relatividade generalizada, intimamente ligadas, presas uma a outra como o homem a sua sombra. Com o systema de referencia varia o campo de gravitação, que vimos ser puramente relativo, e, por conseguinte, também, a geometria correspondente. Essa variação, entretanto, não é arbitrária.

Einstein conseguiu estabelecer equações que restringem as especies de geometria possiveis no Mundo. Fixado o systema de referencia, está determinada a geometria, incluída entre aquellas que as equações de Einstein affirmam serem possiveis.

Essas equações (1) synthetizam, assim, os aspectos correspondentes a todos os observadores do Universo e dellas deduz Einstein a sua theoria da gravitação.

Para Newton o movimento natural dos corpos é o rectilíneo uniforme. Todo corpo, livre da acção de uma força, ou está em repouso ou se move em linha recta e com velocidade uniforme. Repouso e movimento são, aqui também, relativos a esses systemas ideaes de Galileo que se não encontram na natureza. O movimento natural, rectilíneo e uniforme para um desses systemas, é curvilíneo e acelerado quando visto de qualquer outro; seria, assim, para o relativista que considera todos os systemas de referencia como equivalentes, puramente relativo; ou, então, o movimento natural dos corpos é outro muito diverso.

Para Einstein, esse movimento é o que se effectua livremente sob a acção combinada da inercia e gravitação, duas componentes de uma mesma qualidade; seria, por exemplo, o da pedra que cae, o do projectil, ou o do planeta que gyra em torno do sol.

O que caracteriza o movimento natural não é, assim, a forma da trajectoria nem a especie da velocidade, ambas relativas e dependentes do observador, mas, a ausencia de qualquer causa perturbadora da acção combinada da inercia e gravitação.

Na theoria de Newton, o planeta move-se, também, sob a influencia da inercia e gravitação, para elle, entretanto, duas entidades de naturezas completamente differentes. A inercia representa a tendencia natural do planeta a mover-se segundo a tangente á trajectoria; a gravitação constitue a causa perturbadora que o obriga a abandonar a sua inclinação. Sob a acção das duas o planeta descreve a ellipse.

A concepção de Einstein do movimento natural dos corpos, mais ampla que a de Newton, refere-se, como vimos, a casos que se apre-

(1) Equações do campo de gravitação na ausencia de materia.



sentam na natureza. A de Newton applica-se, apenas, ao caso limite, que se não verifica no Mundo senão approximadamente, da ausencia de campos de gravitação.

Einstein conseguiu, além disso, traduzir com maior precisão o movimento dos planetas. As divergencias entre suas equações e as de Newton, extremamente pequenas, pôdem ser verificadas experimentalmente apenas em casos muito especiaes.

A theoria de Newton apparece, nas equações de Einstein, como uma solução approximada para o caso particular de campos de gravitação fracos e velocidades pequenas em relação á da luz.

Chega-se a ella naturalmente, sem o auxilio da hypothese especial, que Newton foi obrigado a introduzir, da força de attracção variando na razão inversa do quadrado das distancias das duas massas agindo uma sobre a outra.

A' trajectoria de todo corpo que se move livremente, do planeta, por exemplo, de forma relativa ao ponto de vista de quem observa, corresponde, no mundo de quatro dimensões, uma "linha de universo" immutavel, com significação absoluta. E' a chamada "geodesica" que o planeta descreve cedendo á sua inclinação natural, do mesmo modo que a torrente despenha do alto seguindo a linha de maior declive da montanha.

O UNIVERSO E' ILLIMITADO SEM SER INFINITO

De creanças estamos habituados a considerar o nosso Universo como infinito. Podemos caminhar eternamente por esse espaço em fôra descobrindo sempre novas estrellas. Foram ellas semeadas com muita economia; suas dimensões são extremamente pequenas em relação aos enormes intervallos que as separam, vencidos, mesmo pela velocidade da luz, sómente em milhares de annos. A densidade da materia, no Universo, é, assim, muito pequena, deve, entretanto, por essa hypothese, ser, em media, constante em qualquer região do Mundo, mesmo no infinito.

A concepção acima é, entretanto, incompativel com a theoria de Newton, que exige, como mostra Einstein, um Universo dotado de centro onde a densidade das estrellas seja maxima e a partir do qual vá diminuindo e tendendo para zero.

Por essa imagem pouco satisfactoria, o Mundo desapareceria no fim de certo tempo. Pouco a pouco as estrellas iriam debandando e afastando-se para as regiões do infinito; assim, tambem, a luz que irradiam perder-se-ia na immensidade do espaço.

Para fugir á difficuldade, suppõe o astrónomo Seeliger que a attracção de duas massas não decresce, para grandes distancias, segundo a lei de Newton do quadrado das distancias, mas mais rapidamente. Apesar dessa modificação permittir conservar a nossa primeira hypothese da constancia da densidade da materia, sem que daí resulte campos de gravitação de intensidade infinita, a hypothese de Seeliger é pouco satisfactoria; foi imaginada, apenas, para resolver a difficuldade e não tem apoio algum da experiencia.

Em meio de todas essas controversias, lembrou-se Einstein de procurar uma solução na sua theoria da relatividade. Para elle, o Universo é "illimitado" sem ser "infinito".

Imaginemos, sobre a superficie de uma esphera, creaturas sem espessura, capazes de conceber objectos de apenas duas dimensões.



Essas creaturas pôdem deslocar-se indefinidamente sobre a superfície da esphera sem encontrar limites; o seu mundo é "ilimitado" mas não "infinito". Se uma dellas traçar, sobre a superfície da esphera, a partir de um ponto e em todas as direcções, linhas "rectas", para ella, quer dizer linhas as mais curtas entre dois pontos, arcos de circulo, por conseguinte, para nós, essas "rectas" afastam-se primeiramente uma da outra para, em seguida, approxima-rem-se e convergirem, finalmente, no antípodo do ponto onde se acha a creatura que experimenta. Essas linhas correspondem ás que, em uma laranja, separam os gomos. Esses arcos de circulo cobrem toda a superfície da esphera, todo o mundo dessas creaturas.

Riemann descobriu o analogo, em tres dimensões, desse mundo espherico de duas, o espaço espherico. Seus pontos são, tambem, todos equivalentes, como os da superfície espherica nossa conhecida.

Se tirarmos de um ponto e em todas as direcções "rectas", linhas mais curtas entre dois pontos, acontece aqui o mesmo que no exemplo acima: as linhas divergem para mais tarde convergirem em um unico ponto. O conjuncto de todas essas linhas enchem o espaço do nosso Universo que tem, assim, volume finito.

Quando pensamos caminhar em direcção ao infinito, estamos dando a volta do Mundo.

O Prof. Sitter propõe, em lugar do espaço espherico, o espaço-tempo espherico e Einstein, um Universo cylindrico curvado nas tres dimensões especiaes e sem curvatura na dimensão tempo.

Avaliações grosseiras dão, nos dois casos, para o nosso Mundo, um raio de cerca de 10-13 vezes a distancia da Terra ao Sol.

Os raios de luz emittidos pelo Sol necessitam de 1000 milhões de annos para dar a volta do Universo e convergir no lugar da partida para, outra vez, divergirem e iniciarem nova viagem. Esses raios, de volta da primeira viagem, não encontram mais o Sol que, nos 1000 milhões de annos, se deslocou no espaço; formam, entretanto, um simulacro do Sol com todos os caracteristicos do verdadeiro no que se refere á luz e ao calor mas sem a sua substancia.

A trajetoria do Sol fica, assim, marcada por esses aões ficticios, verdadeiras pégaças que elle deixa no seu caminho.

E' provavel, entretanto, que a luz, nessa enorme viagem, seja em parte absorvida e, em parte, dispersa pela materia diffusa no espaço.

VERIFICAÇÕES DA THEORIA

Newton já havia suggerido a possibilidade de ser a luz sujeita á gravitação.

A deformação dos raios luminosos em um campo de gravitação é consequencia da theoria de Einstein.

Um raio luminoso de estrella proxima do Sol é curvado, ao passar juncto ao disco solar, voltando a concavidade para elle.

Essa estrella parecerá, assim, a um observador na Terra, deslocada da sua posição verdadeira e mais afastada do Sol do que na realidade está.

Photographando a região do firmamento onde se acha a estrella, na ausencia do Sol e, em seguida com elle presente, por occasião de um eclipse, é possivel medir, sobre a chapa photographica, o seu deslocamento em relação a outras estrellas mais afastadas do Sol e, por conseguinte, menos deslocadas.

Duas comissões, organisadas pela Royal Society e Royal Astronomical Society, foram enviadas, uma a Sobral, no Ceará, e a outra, à ilha do Príncipe, no golfo de Guinéa, para observar o eclipse de 29 de Maio de 1919.

As condições eram favoráveis; o sol, em sua viagem annual, achava-se em região do firmamento rica em estrellas brilhantes (Hyades).

Para um raio tangenciando o disco solar, o deslocamento previsto pela theoria de Newton é de 0"87, e pela de Einstein, 1"75.

Os resultados das observações confirmaram plenamente as previsões de Einstein.

Pela theoria de Newton, a trajectoria de um planeta é uma ellipse de posição invariavel em relação ás estrellas fixas, quando se despreza a acção dos outros planetas e o movimento proprio dessas estrellas.

Pela de Einstein, é uma curva que se approxima da ellipse e gyra lentamente no espaço, no sentido do movimento do planeta.

Desde muito, procuravam os astrónomos uma explicação para um movimento dessa natureza observado na orbita de Mercurio. Levando em conta a acção dos outros planetas, a theoria de Newton previa, para essa orbita, um deslocamento de 532" por seculo, em quanto o observado era de 574". A differença de 42" não tinha explicação.

Pela theoria da gravitação de Einstein, o deslocamento deve ser de 43".

A differença, de 1" apenas, porvém de erros de observação inevitaveis. A confirmação não podia ser mais brilhante.

Prevê a theoria de Einstein que um atomo de determinada substancia, na superficie do Sol, deve vibrar mais lentamente que um atomo igual na Terra.

Como a luz é produzida pela vibração de pequenos oscilladores analogos áquelle atomo, é possivel, por meio do espectroscopio, comparar a luz que nos vem do Sol ou das estrellas com a que podemos produzir na Terra, provindo a luz, nos dois casos, da mesma substancia.

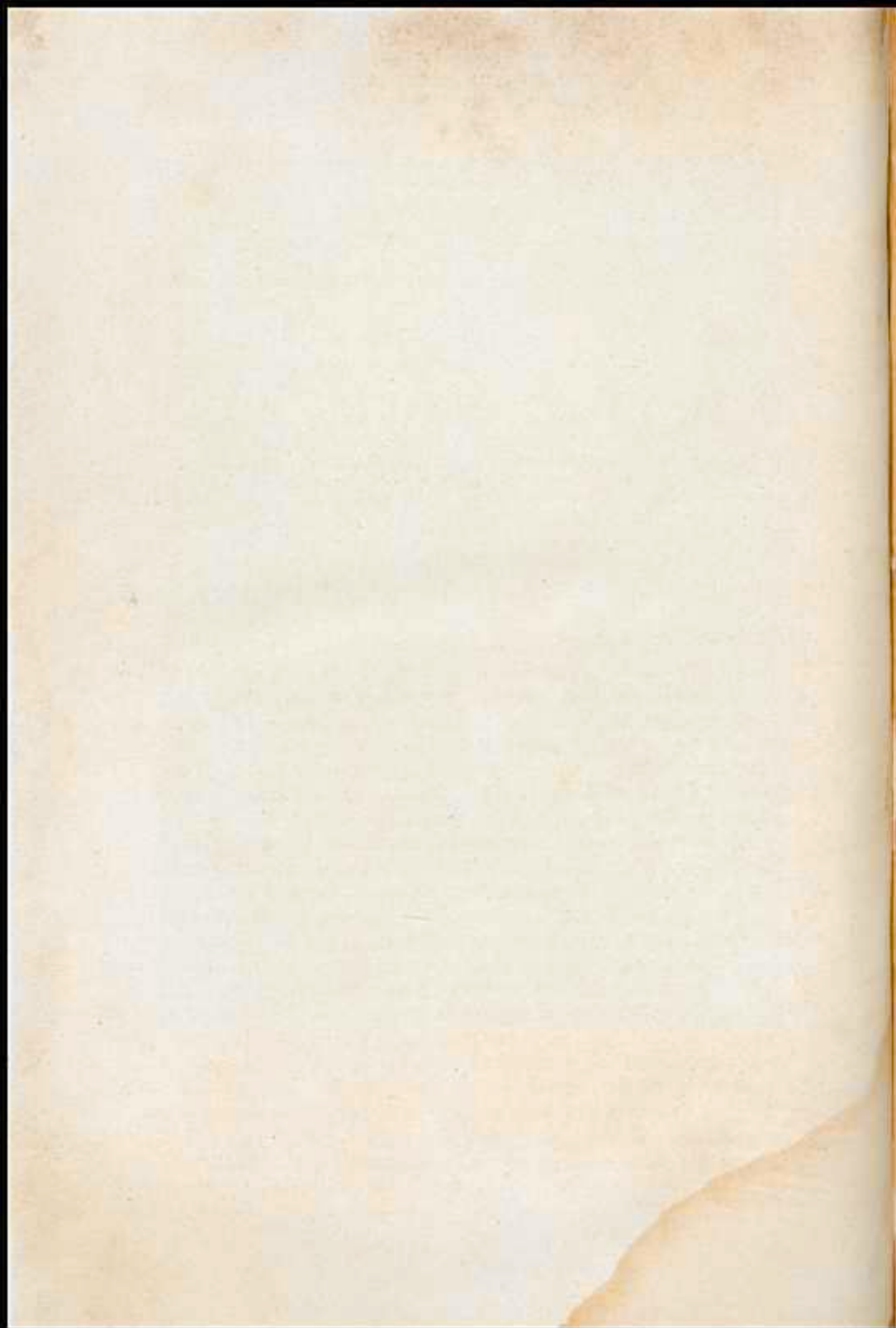
Se Einstein tiver razão, a linha espectral da luz dos astros deverá estar mais deslocada para o vermelho do espectro que a da Terra. A experiencia tem sido tentada; os resultados são ainda discordantes.



GALERIA DOS EDITADOS



JULIO CESAR DA SILVA, auctor da "Arte de amar"





A INQUIETAÇÃO NA POESIA

A PROPOSITO DE RIBEIRO COUTO

RENATO ALMEIDA

O espírito humano ainda se resente do peso imenso de um século de incertezas e mallogros, em que, ao lado de um formidável progresso material, crescia a ansia interior e a dúvida assumia as formas mais penetrantes, depois de abalar todo o largo alicerce da sciencia classica. O pragmatismo em voga, que se seguiu ao desengano philosophico de Kant, espalhou sobre as almas tal inquietação e pavor, que temeram como se um olhar de Górgona as quizesse petrificar. Então, os poetas, ou se exaltaram em face da natureza, cantando hymnos instinctivos de gloria e alegria, ou procuraram em outros ambientes os coloridos requintados para sua emoção, ou se recolheram no proprio *eu*, temerosos e atormentados pelo destino incerto. Volveram estes a afinar, através desse velho diapasão da alma humana, todas as cordas de seu instrumento, nas infinitas e variaveis vozes do universo, e a musica que compuzeram, se não é propriamente nova, tem a ingenuidade dos que não tentaram, para evitar a desillusão amarga, mas cujo travor, ainda assim suspeitaram, como se o tivessem sentido.

A crise de desengano, que a exaltação do instincto nos legou, teve na renuncia seu doloroso epilogo. Por um instante, todos se acreditaram deuses, attingindo á bondade natural, que o mysticismo de Rousseau apostolou, entorpecendo a intelligencia e o sentimento. Quando, porém, se desfez a illusão, na certeza da nossa fallaz humanidade, sem forças para reagir, ficaram esca-

vos, nas cadeias do inconsciente. Dahi essa attitude mallograda, de desprezo á vida, nessa tortura constante, que vencemos a custo.

Uma grande parte da poesia, da arte contemporanea enfim, ainda reflecte esse estado d'alma, que vae sendo dominado no torvelinho das idéas novas, ou das velhas que reapparecem, para mover os homens. E, ao grito de acção, dessa alvorada moderna, uma arte differente traduz a sensibilidade dos de hoje, desorientados ainda no proprio desejo. Mas, a geração que se formou nas influencias anteriores á grande guerra, não poderá arrancar do peito, já envelhecido para os tempos modernos, aquella dose de amargura e desconforto, que um destino ironico lhe deitou nalma inquieta. A esses, que somos nós, se uma reacção de ordem espiritual não encaminhar em trilha segura, só restará o abandono de viver, mergulhados numa triste melancolia, que desbotará todas as madrugadas e sombreará a propria luz, como uma nuvem espessa de torpor.

Jardim das Confidencias, de Ribeiro Couto, é o reflexo dessa inquietação absolutamente imponderavel, que reponta em todas as coisas, suspira em todas as boccas, sem que nunca possamos attingil-a, porque móra dentro de nós mesmos, e só vemos o mundo como espelho da propria alma. Na sensibilidade do poeta, que não tentou analizal-a, como a somma dos dados immediatos e reaes, ainda maior é sua magua, mais dolorosa sua ferida.

Quem será, porventura, essa mulher tristonha
que ainda agora se foi do meu frio aposento?

interroga, descrente da visita extranha, de "mãos de cera" e "bocca sem cor, de violeta fanada". Debalde, lhe falou commovido e offereceu seu leito, como um trono aberto; debalde seu beijo o coroou ali "num reino sem gloria"... Elle não a conheceu e, á sua pergunta, só respondeu:

"Sou a desconhecida".

E que ella propria, até, não sabia quem era.

A Vida? a Felicidade? a Belleza? a Sorte? talvez a propria alma do poeta, sua inquietação interior, que tambem é silenciosa e nem sabe de si... Visita-o sempre, numa alcova sombria, "na velha praça adormecida", "no esmaecer do crepusculo frio", em todas as horas enfim de recolhimento e abandono, em que a alma sofre o "tormento de advinhar":

as palavras que estão dentro de nós chorando...



Na sensibilidade finíssima de Ribeiro Couto, que a imaginação não exalta, nem a razão ordena, a nota predominante é o temor pela vida. Por alguns aspectos, que passaram ante seus olhos ansiosos, evitou-lhe o arremesso e a brutalidade, dos que vão, dos que vêm e dos que ficam, recolhendo-se no seu jardim, entre as corollas frescas, as ramarias gementes e os frutos de ouro, a contar á su'alma a tristeza de não ter forças para participar desse festim pittoresco e tragico, que a existencia nos serve. São essas as confidencias. O rumor da vida que corre, chega amortecido aos seus ouvidos e elle teme, tem vontade de chorar... O seu encanto ha-de ser a arte, dizer aos outros, que virão

a dor sentimental dos romances perdidos,
da mocidade inquieta e de uma espera inutil...

porque

Ha de haver alguns ouvidos
que, por momentos, ficarão enternecidos
no seu jardim de confidencias,

Este poeta interior, de tão inquieta sensibilidade, não a resolveu num pessimismo atroz, antes a illuminou furtivamente no brilho de arte singular, em versos singelos e requintados, num contraste que é bem a marca de seu estro. Não é desses muitos *subtis*, que pretendem esconder a alma artificial na sonoridade vasia da fórmula estilizada e extravagante, mas um artista sincero, que sabe vasar as emoções da juventude tímida, humanizando-as em imagens, a cujo fulgor o desengano se torna uma legenda amavel. Para elle, a vida não é um poema emphatico e violento, cortado por hyperboles e exclamações, nem tampouco um devaneio lirico, exaltando a sentimentalidade nas suas cordas mais caprichosas e occultas, mas um mysterio inquietador, cuja primeira solução está na reserva que devemos manter deante do destino, que o propõe, aos nossos olhos extasiados. Olha para si mesmo, tirando do proprio coração as figuras, com que cria a vida, num modelado de meias tintas.

Em sua poesia, as vozes interiores são as unicas que se ouvem, misturadas ás vezes á paisagem, num mesmo estado d'alma.

Na velha praça,
na velha praça adormecida
por onde agora ninguem passa,
parece que morreu a vida.
Parece que morreu a vida
na velha praça adormecida.

Que aspecto humano de abandono doloroso
tem a fila deserta e anónima dos bancos,
entre arvoredos, no jardim silencioso,
entre arvoredos que ao luar são quasi brancos!

Oh! a doçura destas frias madrugadas...

A um canto do jardim da praça imensa e triste
sonho, semicerrando as palpebras maguadas...

Ha tanto tempo, ha tanto tempo que partiste!

Na velha praça...

A amargura, que a sorte lhe tivesse vertido no coração adolescente, não lhe ennodou a alma, esfriou apenas a imaginação, sem despertar a intelligencia. Não se julga grande para o universo, contenta-se com saber que o espaço é infinito e que não seria prudente sondal-o. Guarda, deante da vida, o recolhimento no espirito, embora o torne

como os rosaes que, sob a chuva fria,
estão lá fóra no jardim se desfolhando

Peior seria se quizesse saber donde vêm as rosas, donde vem o homem, donde vem o mundo... Antes desfolhar, como as flores, sob a chuva fria, do que retorcer os galhos, vergal-os e lascal-os, qual o arvoredo ramalhudo, no vendaval infrene, nas borrascas impetuosas.

O melhor que um poeta, como Ribeiro Couto, póde dar á vida, é um momento de sonho, em que a belleza de seu canto illuda á dôr lascinante de existir...

Rio, MCMXXI.





EXCAVAÇÕES

VERSOS AUREOS

HYPPOLITO DA SILVA

(TRADUÇÃO)

Conservou-se inédita até hoje a presente tradução dos famosos versos de Pythagoras, segundo a versão de Fabre d'Olivet, — trabalho este feito em 1902 pelo finado José Hippolyto da Silva Dutra, saudoso e inteligente escriptor, jornalista e poeta paulista.

PREPARAÇÃO

*Aos deuses immortaes presta o devido culto;
Depois, conserva o fé e venera a memoria
Dos bondozos heroes, dos genios semi-deuses.*

PURIFICAÇÃO

*Sê bom filho, irmão justo, esposo e pae amante.
Escolhe para amigo o homem virtuozo,
Seus conselhos accêita, instrue-te em sua vida,
E por culpa não grave — ao menos se puderes —
Não o deixes jamais; porque uma lei severa
A Potencia ligou com a necessidade.
Foi-te dado entretanto o lutar e vencer
Tuas loucas paixões: aprende a dominal-as.
Sê moderado, activo e casto; evita a colera.
Em publico ou a sós não te permittas nunca*



*O mal, e, sobretudo, a ti proprio respeita.
Antes de reflectir não falles nem procedas;
Sê justo. E lembra que um poder insuperavel
A morte nos impõe; que os bens, as honrarias
Faceis de grangear, são faceis de perder.
E quanto aos males que o Destino traz consigo,
Julga-os como elles são: Supporta-os, e procura
Embotar-lhes a setta aguda o mais que possas.
Entregues aos crueis os deuses não deixaram
Os bons. Como a verdade, o erro tem amigos:
O philosopho approva ou censura — prudente,
E, si o erro triumpho, elle se affasta e espera.
Minhas palavras ouve e grava-as em teu peito:
Sê surdo e cego sempre á voz da prevenção.
Teme o alheio exemplo, e pensa por ti mesmo,
Consulta, delibera e escolhe livremente.
Deixa os loucos agir sem fito e sem motivo;
Tu, deves consultar no presente o porvir.
Nunca intentes fazer aquillo que não sabes.
Instrue-te: a constancia e o tempo se harmonisam.
Vêla pela saude, e dá com parcimonia
Alimentos ao corpo e repouso ao espirito.
Muito ou nenhum cuidado, é máu, porque a vontade
Egualmente se prende a qualquer dos excessos:
Têm cortejos eguaes o luxo e a avariza;
Escolhe sempre em tudo o meio justo e bom.*

PERFEIÇÃO

*Que nunca chegue a noite a te fechar os olhos
Sem que inquiras de ti: — Que me esqueceste? Que fiz?
Foi o mal? fuge delle; foi o bem? persevera.
Meus conselhos medita, ama-os e segue-os todos,
Que elles te levarão ás divinas virtudes.
Juro-o em nome de quem gravou em nossos peitos
A Tétrada sagrada, immensa e puro symbolo,
Origem da natura e modelo dos deuses.
Que tua alma, porém, invoque antes de tudo,
Fiel ao seu dever e com fervor, os deuses
Cujo auxilio é o final das obras queprehendestes.
Com seu ensino, então, nada te illudirá;
Has de sondar a essencia aos seres differentes,
De todos conhecendo o principio e o fim;
E, si o céu permittir, saberás que a natura
Em tudo semelhante é a mesma em toda a parte,*



*De sorte que seguro em teus reais direitos
Teu coração não mais nutrirá vãos desejos.
Verás que os males que devoram os humanos
São fructos de sua escolha; e que estes desgraçados
Buscam longe de si os bens — possuindo a fonte!
Feliz, poucos o sabem ser; pois das paixões
Movidos um a um pelas vagas contrárias,
Vivem a fluctuar, cegos, num mar sem praia,
Sem poderem vencer resistindo à tormenta.
Deus! vós os salvareis abrindo-lhes os olhos...
Mas não; a raça humana, a raça que é divina
Cumpre fulgar o erro encarando a verdade.
A natureza a serve. E tu que a penetraste,
Homem sábio e feliz, respira neste porto,
Mas segue as minhas leis, privando-te das coisas
Que tua alma, observando-as bem, deva temer.
Deixa no corpo teu reinar a intelligência,
Afim de que, subindo ao ether fulgurante,
Junto dos immortaes sejas tu mesmo um deus!*

31 de Julho de 1902.





VARIANTE CARIOCA DE UM SUBDIALECTO BRASILEIRO

ANTENOR NASCENTES

PHONOLOGIA

O traço que caracteriza de um modo geral a pronúncia carioca é o mesmo que distingue a pronúncia de todo o Brasil: há mais frouxidão, demora, sonoridade (Alfredo Gomes), suavidade (Julio Nogueira) do que na pronúncia de Portugal. "La prononciation brésilienne, comparée à la nôtre, a quelque chose de trainant". (Leite de Vasconcellos).

Em relação á quantidade vocálica observemos que não existe o *e* protônico brevíssimo que ha em Portugal com valor parecido com o do *e* mudo francez: *querer* = *qu'rer* em Portugal, *quêrer* no Rio de Janeiro. No Norte, este *e* protônico, embora não seja fechado, não é igual ao português: é surdo, soa como um *i* breve: *cebola* = *cibola*, *semente* = *simente*.

Quanto ao timbre observemos que não existem as vogais protônicas abertas que em Portugal representam a sobrevivencia de antigos hiatos: *padeiro* = *pãdeiro* em Portugal, *pãdeiro* no Rio de Janeiro (ant. *paardeiro*, como se vê do equivalente hespanhol *panadeiro*); *esquecer* = *exquêcer* em Portugal, *esquêcer* no Rio de Janeiro (ant. *scaeece* no Cancioneiro de D. Dinis.).

Não existem também as protônicas abertas que precedem os grupos *ct*, *cc*, *pt*, *pç*: *dirrecção*, *director*, *adoptar*, *excepção* = *dirrecção*, *dirrector*, *adoptar*, *excepção* em Portugal, *dirrecção*, *dirrector*, *adôptar*, *excepção* no Rio de Janeiro. O mesmo se dá em Goa, segundo Leite de Vasconcelos, cuja obra nos deu os subsídios que citamos em matéria de dialectologia portuguesa.

As vogais protônicas são geralmente fechadas ou surdas: *moral*, *automóvel* = *môral*, *autômóvel* (R. J.), *mural*, *autumóvel* (P.); *pequeno* = *piqueno* (R. J.), *p'queno* (P.), *lenheiro* = *lênheiro* (R. J.), *linheiro* (P.).

Vêr a "Revista" de 1921.



Em alguns casos há concordância: *real, leal, teatro, leão*. No Norte há protonicas abertas: *moralidade, dezembro*; existe o protônico e surdo: *butar, tumdr*.

Os phonemas são os mesmos de Portugal: ao tratar de cada um delles diremos as alterações que soffrem, quer na fala das classes médias, quer na das infimas.

VOGAIS TÔNICAS — Como na passagem do latim para o portuguez, é quase inatacável a resistência dessas vogais.

Não existe a tônica fechada senão diante de nasais: *cada = cãda* e não *cãda*, *para = pãra* e não *pãra* (excepto em linguagem affectada), *mas = mãs* e não *mãs* (excepto em linguagem affectada).

Na primeira pessoa do plural do préterito perfeito simples dos verbos da primeira conjugação, dizemos *amámos*, igual ao presente (como também fazem os hespanhóis), embora na escripta usemos um accentto agudo. Aliás, o *a* aberto provém da analogia com *amastes, amaram*; o *a* fechado é a forma que teria dado a applicação das leis phonéticas (Meyer Lübke).

Seguido de *lh*, e sã como na na maior parte de Tras-os-Montes, Alto Minho (Arcos), Baixo Douro (Baião), Beira Alta e quase todo o Sul de Portugal: *espelho = espêlho*, e não *espálho*.

Seguido de *nh, ch, x, j, o* e sã como no norte de Tras-os-Montes (Rio Frio) e quase todo o Sul de Portugal: *tenho, fecho, mexo, vejo = tãho, fêcho, mêxo, vêjo* e não *tãho, fãcho, mãxo, vãjo*.

Diante de nasais é fechado; não ha differença entre *dêmos* (presente) e *demos* (préterito), entre *lêmos* e *lemos*.

Diante de nasal, *o* é fechado: tanto se diz *cômo* no verbo, quanto na conjuncção, *Antônio, cônego, tônico*, e não *Antônio, cônego, tônico*.

VOGAIS ÁTONAS — Soffrem as mais arbitrarias transformações que variam do enfraquecimento à supressão.

O *a* soffre redução para *e* surdo ou fechado:

Januario = jenuário, factio análogo ao que já se dea em latim; numa inscripção do século IV, a de n. 1708 do VI vol. do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, e em outras, apparece a forma *Jenuarius*;

janella = jenella;

inveja = inveje;

razão, manhã = rezão, menhã (por dissimilação); aliás *rezão* se acha em Portugal desde o século XVI.

salada, badalada, embalsamar lanterna = zelada, badelêda, embalsemar (cfr. ital. balsamo), *lenterna* (cfr. esp. linterna).

Passa o *a* para o por influencia de labiaes: *também = tombém* ou *tomém* (cfr. *fames = fome*).

O *a* nasal ora se denasaliza, ora muda para *i*: *órfã = órfa*; *ambição = imbição*. A segunda tendência já se verificou em *enteado, enguia, empola* na passagem do latim para o portuguez; existe desde o século XVI pelo menos, na Beira, no Minho e no Sul do país.

O *e* protônico ou se conserva, ou passa para *i*, nasalizando-se ou não: *erguer, herdeiro = êrguer, hêrdeiro* e não *irguer, hirdeiro* (síllaba fechada); *fechadura, lenheiro, invejoso, velhaco = fêchadura, lênheiro, invêjoso, vêlhaco* e não *f'chadura, linheiro, inv'joso, v'lhaco* (diante de palatal); *pedir, pequeno = pidir, piqueno* e não *p'dir, p'queno*; *errado, educar, elogio, eleição = enrado, inducar, inlogio, inleição* (classe baixa) e não *irrado, iducar, ilugio, ileição* (síllaba aberta). Esta repugnância pelo *e* inicial isolado já é antiga (cfr. *exemplo, enxaguar, inverno, inlcom*; em fr. *englise, englantier*) (J. J. Nunes).

Final, passa a ser surdo como no Sul de Portugal e no Entre-Douro e Minho, em Goa, em Ceilão e em Macau: *fonte = fontí* e não *font'*.



A preposição *de* se pronuncia *dê* em expressões consagradas: *dê manhã, dê noite, cor dê rosa, conto dê reis*.

O *e* nasal protônico passa para *i*, como no Norte e no Centro de Portugal e na Estremadura Cistagana: *embaraço, enganar, entender* = *imbaraço, inganar, intender*. Postônico e final, perde a nasalização, como no Entre-Douro-e-Minho: *virgem, vagem* = *virge, bage*. Facto idêntico se dá no galego (*image*, por ex.) e se deu em *crime, gume, pente*, etc. na passagem do latim para o português. Em *ontem*, a pronúncia popular *onte* é a verdadeira pois o *m* final é uma nasal de contaminação (Cornu, Romania XI, pg. 91, *apud* Nunes).

Já vimos que o *e* brevíssimo não existe no Brasil: *levar* = *lêvar* e não *lêdr*.

O *i* protônico ou se conserva, ou passa para *e*, ou se nasaliza.

Ministro, vizinho = *ministro, vizinho* como na pronúncia portuguesa affectada (Leite de Vasconcelos) e não *m'nistro, v'zinho*, conforme tendência já antiga em Portugal (Nunes). *Direito* = *direito* (cfr. esp. *derrecho*), *diferença*, *difamar, virtude, Virgínia, Virgílio, Firmino, ordinário* = *deferença, defamar, vertude, Vergínia, Vergílio, Fermino, ordenário*.

O caso *Vergílio* não se explica pelas formas com *e* que apparecem nas inscrições e sim por corruptela igual às outras; ao lado de *vergere* se aponta *virgo* para etimo do nome, mas não é este o lugar próprio para discutirmos o caso. *Igual, ignorante* = *inguá, inguinorante* (classe baixa), nasalizado pela repugnância ao isolamento como no *e* (cfr. o fr. antigo *ingal*).

Postônico, passa para *e* nos suffixos em *il*: *fácil* = *fácel* (talvez por analogia com *amável*).

Nasal, protônico, passa para *e*: *princípio, ingrato, inveja* = *prencípio, engrto, enveja*, como no Alentejo e no Algarve; aliás as formas com *en* são as regulares (cfr. *vindicare* = esp. *vengar*, fr. *venger*, it. *vendicare*).

O *o* protônico é fechado e não surdo: *soffrer* = *sôffrer* e não *suffer* e às vezes muda-se em *u*: *cozinha* = *cuzinha*. No Sul de Portugal o *o* átono diante de *l* soa como no Brasil: *soldado* = *sôldado*.

O *o* nasal ou precedido de nasal passa às vezes para *u*: *comer* = *cumer, compadre* = *cumpadre*, como no Alto e Baixo Minho, em grande parte de Traz-os-Montes e da Beira Alta e de quasi toda a Estremadura.

Nos monosílabos dá *ão*: *bom* = *bão* (cfr. *razom* = *razão*).

Por dissimilação *o* às vezes se permuta com *a*: *saluço*.

Poucas alterações apresenta *u*; em *urina* muda-se em *ou*, como em Portugal, fenómeno que Nunes attribui à semelhança de *côr* entre líquido e o metal; alterações esporádicas do *u* nasal apresentam as palavras *unguento* e *umbigo* = *inguento, imbigo*; *imbigo* se acha em Gil Vicente, I, 172, 329, 389 e em Prob. App. encontra-se *imbilicus*.

Como na passagem do latim, o horror ao proparoxítono acarreta a syncope das átonas postônicas: *príncipe, máscara, cêcega, música, pêssego, cárrago, chicara, árvore, mármore, pólvora, Alvaro, abóbora* = *prinspe, mazera, cosca, musga, pêsco, corgo, chicra, arve, márme, porva, Arvo, aborba* ou *abobra*.

A forma *chacra* é mais etimológica do que *chácara*, segundo as abalizadas opiniões de Tschudi e Middendorf, citadas no Dicionário de R. Lenz.

SEMIVOGAIS — O *i* palataliza o *l*, o *n*, o *t* e o *d* precedentes: *família* = *familha*, como no Alentejo (cfr. lat. *filia* = *filha*); *demônio* = *demonho*, como também se diz em Portugal. *penitiar, codio* (desyllabos), como em Alandroal.

Entre duas vogais, pronuncia-se com a segunda, como no Sul de Portugal, e não com a primeira: *ceid* = *ce-ia*.

Postônico, precedendo imediatamente a vogal final, é absorvido: *história*, *dúzia*, *colégio*, *polícia*, *glória* = *histora* ou *hestora*, *duza*, *culejo*, *poliça*, (rimando com *preguiça* numa quadra popular), *glora* (cfr. esp. *limpio*, *urbio*, *agravio*, *nervio*, *vidrio* com *limpo*, *livro*, etc.).

O *u* é atraído ou absorvido: *tábua*, *régua*, *estátua*, *nódoa* (*o* = *u*) = *tauba* ou *taba*, *reuga*, *estauta* ou *estátuk* (por afectação), *noda* ou *nodia*. Phenômenos análogos se passam em andaluz com as tres primeiras palavras.

Depois de *q* antes de *e*, cai absorvido pelo *a*, especialmente se este é tônico: *quase* = *cafe*. Se não é, o *a* assimila-se ao *u* e depois ambos se reduzem a uma só vogal: *quantia*, *quavesma*, *quarenta* = *contia*, *coresmat*, *corenta*. Em *quatorze* ora soa o *u*, ora não soa.

Ditongos — O ditongo *ai* passa a *ei* em *Raimundo* (cfr. *ama* (*v*) *i* = *amei*), o que se pôde explicar também com a conservação de uma forma arcaica *Reimundo*. Sofre redução para *a* em *saiba*, *caibá*, *Adelaide* = *saba*, *caba*, *Delade* (ou *Delaida*), diante de *s*: *caira* = *cara*, como no Sul de Portugal e em Goa (cfr. esp. *caja*), absorvido o *i* pela palatal.

O ditongo *au* átono passa a *o* (cfr. lat. *auru* = *ouro*, esp. it. *oro*, fr. *or*): *Augusto*, *autoridade*, *aumento* = *Augusto*, *oturidade* ou *otôridade*, *omento*.

Final e átono, o ditongo *ão* perde o primeiro elemento: *orphan*, *orgão*, *são*, *Estvão*, *Christovão* = *orpha*, *orgo*, etc. (cfr. *sarampo*, *frango*, de *sarâmpão*, *frângão*). Na palavra *bênção* se reduz a *u*, por causa da flexão genérica feminina: *bença*.

Nos verbos *am* provenientes de *unt* latino dá *um* ou *o*, como no Entre-Douro-e-Minho, Sinfões e Rezende: *foram* = *forum* ou *foro* (*fuere*nt).

O ditongo *ei* se reduz a *e*, como acontece diante de consoante no oriente de Tras-os-Montes (Moncorvo), em parte da Beira Baixa e em todo o Sul de Portugal, excepção feita de alguns lugares vizinhos da Beira Baixa (Alvaiázere) e de Lisboa: *beijo*, *peixe* = *bêjo*, *pêxe* e não *baijo*, *paixe*.

Phenômeno análogo se passa nos Açores, em Damão, na costa noroeste da Índia, em Goa, em Ceilão, em Macau, em Java, em Malaca, no Cabo Verde, na Guiné, em S. Tomé, na ilha do Príncipe, na de Anno Bom, em Angola, no hespanhol (cfr. *beso*, *dejar*) e no dialecto piemontez (*fait*, *feù*, *fet*).

Nas palavras *quêmar*, *mantêga*, *têma* a ausência do ditongo está mais de acordo com a etimologia.

Átono e final, no plural do sufixo *vel*, reduz-se a *i*: *comestiveis*, *razad-veis* = *comestíveis*, *rezadáveis*.

O ditongo nasal graphado *em* soa com *e* nasal e *i*, como no Baixo Alentejo e no Algarve: *tambem* = *tambêi* e não *tambãe*, o que representa a conservação brasileira de um arcaísmo prosódico (Bourciez).

O ditongo *eu*, átono e inicial, passa a *o*: *Europa*, *Eugénia*, *Eulália*, *Eufrásia*, *Euridice* = *Oropa*, *Ogênia*, *Olalha*, *Ofrasia*, *Oridiz*.

No ditongo *ie* dá-se redução para *e*: *quieto* = *queto*. O mesmo se deu no latim vulgar, como atesta a forma *QUETA*, que está no C. I. L., VIII, 8, 128. Aliás, *quieto* é uma forma artificial, erudita; a normal é *quedo*, hoje antiquada (*ie* = *e*, como em *pariete* = *parede* e *t* = *d*). O italiano apresenta *quieto* e *cheto* com a redução.

O ditongo *ou* em sua marcha evolutiva se reduz a *ô*, como se dá em uma parte oriental de Tras-os-Montes e da Beira, no Algarve e nas regiões estremas e alentejanas que desconhecem *ô*; assim, *outro* = *ôtro* e não *o-utro*. Phenômeno idêntico se passa em Damão, na costa noroeste da In-



dia, em Goa, em Ceilão, em Macau, em Java, no Cabo Verde, na Guiné, na ilha do Príncipe, na de Anno Bom, em Angola, e no hespanhol: *outro* = *otro*.

Por apparecer em todos os dialectos extracontinentais, Leite de Vasconcelos conclui que já se reduzira na época dos descobrimentos (século XVI).

A alternância para *oi* que começou a apparecer desde o século XVI e que Bourciez attribui aos judeus, é relativamente rara nas classes cultas. A classe baixa usa só uma das formas, sendo que diz sempre *coisa, dois, doido, foice, tocinho, biscoito, oito, moita, afoito, acollar*.

O ditongo *ni* nasal se reduz a *u* em *muito* = *munto* (classe baixa), o que também se dá em Portugal.

HIATOS — O hiato *ie* se transforma em *ia*: *sociedade, piedade* = *zucia-dade, piadade* (nome de uma estação suburbana) (cfr. *apiado-me*, esp. *piadoso*).

Em *oa* nota-se a tendência para acabar com o hiato ditongando a primeira vogal: *boa* = *bona*, como em certas, partes da Beira.

Em *Joaquim* dá-se a redução de *oa* em *a*: *Joaquim*.

CONSOANTES SIMPLES — Ao passo que o destino das vogais é regulado pela accentuação, o das consoantes é dependente da posição.

As iniciais geralmente se mantem, as mediais se transformam e as finais caem.

Vejamol-as uma a uma, na ordem alphabetica, que é mais prática.

B — Quer inicial, quer medial, permanece inalterado, como acontece no Sul de Portugal, não havendo absolutamente a tendencia para mudal-o em *v*, como ha na Beira, no Entre-Douro-e-Minho e na parte sul de Trás-os-Montes.

C — Inicial, muda-se para *g* esporadicamente, como em *Gosme, gosmético* (influência de *goma*?), phenomeno análogo ao passado com **cattus, colaphus, colphas* — gato, golpe, golfo.

D — Como no Alentejo, palataliza-se quando precede um *i*: *lendia*. A Dra. Nella Aita o compara, nestas condições, com o *g* prepalatal explosivo italiano (Escorço de fonética comparada luso-italiana, pag. 29).

G — Inicial, diante de *e* ou de *i*, passa a *z* esporadicamente: *genebra* = *zinebra*. Interno também: *registro* = *rezisto*, *indigração* = *indiezção* (cfr. trazer de **tragere, franziar, esparzir*).

J — Sofre idéntica transformação; *Joaquim* às vezes soa na classe baixa como *Zaquim*; igual facto se dá em São Tomé e na ilha do Príncipe.

L — O *l* final cai, como em andaluz: *sol* = *só*. Pensa Leite de Vasconcelos que antes de cair este *l* se mudou em *r*: *sol* = **sor* = *só* e alega que no Amazonas se diz *animal* = *animar*, *malvado* = *marvado*. Não nos parece que assim tenha sido; primeiro, porque não ha vestigio de forma em *r*, segundo porque as consoantes finais podem cair independentemente de transformações; se o *r* pode cair, o *l* também pode. Em *marvado* o caso é differente; o *l* está agrupado.

M — Para o *m* final, que é uma verdadeira notação léxica, veja-se *e* e *o*.

N — Final e proferido, cai: *iman* = *ima*.

R — Final, cai: *mar* = *má*, como acontece em próclise diante de consoante no Centro e no Norte de Portugal.

Phenomeno idéntico se passa em Damão, na costa noroeste da India, em Ceilão, em Macau, em Malaca, no Cabo Verde, em S. Tomé, Príncipe e Anno Bom. Também, no francez (*aimer* = *aimê*), no andaluz e no alto aragonez.

S — Inicial, passa às vezes a *x*, o que também se dá no Sul de Portugal: *siringa* = *xeringa*, *Sancho* = *Xancho*, *sacho* = *xacho*. O segundo caso e o terceiro se podem explicar por assimilação; o primeiro é explicado por

Meyer Lübke por meio da influencia palatalizante de um *i* (cfr. *ensalmo*, *desenxabido*, *enxerga*, de *salma*, *sapidus* e *serica*) e por Pidal pela pronuncia mourisca.

Inferior, ha tambem palatalizações: *sanguisuga* = *sanguexuga* (influencia de *chupar*?).

Final, cahi como em andaluz: *ourives* = *orive*. Isto tem repercussão na morphologia como veremos adiante. As classes cultas pronunciam o *s* final, mudando entretanto numa chiante, como no Sul de Portugal. Ha quem attribua esta pronuncia ao influxo portuguez, sem explicação maior. Ora, influxo portuguez ha em todo o Brasil; além disso, em Portugal tanto se diz *s* final como *x* quanto como *ç* (Centro e Norte). O *s* reverso é pouco da indole das linguas românicas.

T — Diante de *e* surdo ou *i* é palatalizado, como na Estremadura: *pentear* = *pentiar*. Como em relação ao *d*, o phenomeno foi notado pela Dra. Nella Aita que compara ao *c* palatal italiano o *t* carioca antes de *i*.

V — Inicial, o *v* muda-se em *b*. Esses dois sons são de mui facil confusão; é a menos energica a oclusão dos lábios, basta uma pequena abertura para o *b* explosivo passar a *v* fricativo. Estabelecida a confusão, dão-se mudanças inteiramente arbitrarias.

Exemplos: *varrer* = *barrer* (esp. *barrer*), *vagem* = *baga*, *verruga* = *berruga*. Em Portugal, o *v* com o *b* (mais do que o *b* com o *v*) se confunde na Beira, no Entre-Douro-e-Minho, e na parte sul de Tras-os-Montes; no norte de Tras-os-Montes a regra é nunca pronunciar *v* e substitui-lo sempre por *b*. O phenomeno é estranho á maior parte do Sul do paiz; em Barrancos (Alentejo) e Villa-Real (Algarve) a confusão é devida ao hespanho! onde, como é sabido, não ha *v* senão na pronuncia affectada e na dialectal.

Já na passagem do latim para o portuguez se observa a permuta do *v* em *b*: *vagina* = *bainha*, *vesica* = *bexiga*.

X — O som duplo na fala popular é facilitado: *firo* = *fiche*. Poucas palavras, aliás, conhece o povo nas quais o *x* tenha aquelle som.

Z — Final, soa *x*, como no Sul de Portugal: *lux* = *lux*. Compare-se com o *x* reverso.

O phonema *zê* de *quase* passa a *j* na fala popular: *café*.

CONSOANTES AGRUPADAS — Os grupos consonânticos recebem tres tratamentos: ora alteram uma das consoantes, ora intercalam uma letra que lhes facilite a pronuncia, ora supprimem uma das consoantes.

Intercalam vogal os seguintes: *bc*, *bd*, *bj*, *bn*, *bz*, *bt*, *bv*, *ec*, *em*, *cn*, *ct*, *dj*, *dm*, *dn*, *dq*, *dv*, *gm*, *gn*, *mn*, *pc*, *pn*, *ps*, *pt*, *x* (cs), *tm*. Assim, *obcecado*, *obdurar*, *objecto*, *abnegado*, *absoluto*, *obter*, *obrar*, *infeção*, *acme*, *acne*, *infecto*, *adjacente*, *admirar*, *adnoto*, *adquirir*, *advogado*, *pragmática*, *ignorante*, *mnemônica*, *recepção*, *pneumatico*, *psicologia*, *excepto*, *fixo*, *atmosfera* se ouvem: *obicecado*, *obidurar*, etc. Este defeito é commum ás duas classes sociais, sendo que a classe inculta ignora muitas palavras que apresentam desses grupos.

Alteram uma das consoantes os grupos: *bl*, *cl*, *fl*, *gl*, *lb*, *lc*, *ld*, *lf*, *lg*, *lm*, *lp*, *ls*, *lt*, *lv*, *lxh*, *lz*, *pl*, *sl*. Em todos elles, menos no ultimo, o *l* se muda em *r*, porque, como diz Meyer-Lübke, o *r* é a consoante mais vizinha do *l*.

Vejamos exemplos:

bl — *bloco* = *broco* (termo carnavalesco), (cfr. *blandu*, *blank*, *blaese*, *blutubrando*, *branco*, *brázão*, *breido*);

cl — *clister* = *cristel*, *classe* = *crasse* (cfr. *clavicula* = *cravelha*). Em *recrutar*, por uma tendência antagonica ou de affectado se ouve *l*: *reculu-*

tar; aliás, em hespanhol e italiano a palavra é com *l*, assim como no francez antigo (Gaston Paris).

- fl — *flor*=*frô* (ou *fulô*, *afrito*=*afrito*, forma que já apparece no portuguez archaico (cfr. *flor*=*frol*, arc. *flaccu*, *flut*=*fraco*, *frata*);
- gl — *inglez*=*ingrez* (ou *ingullês*), como no portuguez antigo;
- lh — *Albino*=*Arbino*;
- lc — *calcar*=*carcã*, *sulco*=*surco* (como em hespanhol e como se encontra na cantata *Dido* de Garção); o mesmo se passa em siciliano.
- ld — *maldito*=*mardito*, como em andaluz;
- li — *alfaiate*=*arfaiate*; em *Alfredo*, por dissimilação, cabe o *l*=*r*; por affectação, às vezes ouve-se *lf* onde ha *rf*: *galfo*=*garfo*;
- lg — *algun*=*argum*; às vezes, por affectação, ouve-se *lg* onde ha *rg*: *velgonha*=*vergonha*;
- lm — *alma*=*armo*, como em andaluz e no francez popular de Paris *artex-se*, *armanach* (C. Nizard);
- lp — *golpe*=*gorpe*, como em siciliano;
- la — *bolsa*=*borsa*, aliás etymologicamente devia ser *borsa* (do grego *bursa*);
- le — *falta*=*farta*, como em andaluz;
- lv — *alvo*=*arvo*;
- lch — *colcha*=*corcha*;
- lz — *colza*=*corza*; (1);
- pl — *plantar*=*prantar*, como apparece no portuguez antigo (cfr. *placere*, *plumbu*, *plato*, *plancu*, *platu*, *platu*, *prazo*, *prumo*, *praça*, *pranto*, *prato*); o mesmo se passa no abrucez; ha um grupo *pl* na palavra *plumonia*, de *pneumonia*, talvez por influencia de *pulmão*;
- sl — é rarissimo este grupo; ha uma mudança esporádica para *n* em *deslacador* (termo de circo de cavalinhos).

Estas alterações se passam quasi que só na classe inculta. Nos grupos constituídos por *s* e outra consoante (*s* impuro), se a consoante for surda, o *s* torna-se reverso como quando é final: *escama*, *esphera*, *esperança*, *estado*=*excama*, *exphera*, *esperança*, *estado*. Igual phenomeno se nota no sul de Portugal, no romeno e no abrucez. Se a consoante for sonora, o *s* soa como *j*, o que tambem se dá no Sul de Portugal; *esbelto*, *rasgo*, *desde*, *mesmo*, *esvelto*=*ejbelto*, *raigo*, *dejde*, *mejmo*, *ejvelto*.

Estas pronuncias são communs ás duas classes.

Vejamos agora os grupos que soffrem o terceiro tratamento:

- dr — *compadre*=*compade* (cfr. *frater*=*frade*);
- gu — *repugnar*=*repunar*, *significar*=*sinificar*, como em andaluz (cfr. *malignus*=*malino*);
- gr — *alegre*=*alegue*, *negra*=*nega* (é do carnaval deste anno uma canção que documenta a ultima palavra);
- lh — A difficuldade da pronuncia do *l* molhado é evitado com a supressão da vibrante, ficando em seu lugar o *i* que originariamente produziu o molhamento: *filha*=*fi-ia*, *folha*=*fo-ia*. Igual phenomeno se nota em Ceilão, Cabo Verde, S. Thomé, Principe; e tambem no francez (*bataille*), no provençal, no veneziano, no lombardo e no romano, no andaluz, no leonez, no asturiano e no hespanhol americano. Em Portugal, em Olivença, dá-se o mesmo, por influencia do andaluz. Inicial, o *lh* é contrario á indole da nossa lingua. em hespanhol e catalão é normal o *u* inicial. A unica palavra genui-

(1) Em toscano, *l* diante de consoante tambem passa a *r*.

namente portuguesa com *lh* inicial é *lhe* que, perdendo o molhamento, se reduz a *le*, o que também acontece em Portugal. Por affectação, produz-se às vezes a tendência oposta, de modo que, palavras que devem ter *i*, têm *lh*: *arfalhate* em vez de *alfaiate*, *telha* de *aranha* (aqui por influencia da palavra *telha*);

- br — *birro*, *cambachira*=*birro*, *cambachirra*;
mb — *também*=*tamém*, *tomém* (e igualmente *tombém*); a nasal labial assimila e absorve a bilabial. Igual phenomeno se observa em Portugal e em Bogotá;
nh — *companhia*=*cumpania*, para evitar a dupla palatalização, como também acontece na Toscana;
pi — *próprio*=*propio*; o *r* cahe no segundo grupo, por dissimilação, como em hespanhol;
sc — *nascer*, *descer*, *crecer*=*nacer*, *decer*, *crecer*, como em o Norte de Portugal e em hespanhol (*nacer*, *crecer*); igual simplificação se deu no sufixo incoativo: *padecer*, *conhecer*, *amanhecer*;
s + i consoante — *artemisia*=*artemija*, como em Portugal; o *i* que desaparece, palataliza o *s* (cfr. *cerevisia*=*cerveja*);
rt — Às vezes cahe o *r*: *Fortunato*=*futunato*; o mesmo se deu em grego, ex. KOATA no *Corpus Inscriptionum Graecarum*, e em latim, ex. *Fortunate*, C. I. L., VI, 2236;
tr — *registro*=*rezisto*, *quatro*=*quato*.

Grupos de tres consoantes só ha dois que nos mereçam attenção: *nst* e *xt*

O primeiro perde o *n*: *instrumento*=*istrumento*, *Constantino*=*Custantino* (cfr. *monstrare*=*mostrar*). E' verdade que ha formas arcaicas *estromento*, *Costantino*, mas cremos que não se trata de arcaismos conservados e sim de igualdade espontânea de tratamento de um grupo de pronuncia difficil.

No segundo (*xt*=*est*), o *c* assimilou-se ao *s* e este evoluiu mais tarde em *x* sob a influencia de um *i* precedente (Nunes). Em **extribuer*, o *i* resultante do *c* perdeu-se (*astrever*, galego *estrever*); provavelmente na linguagem vulgar tinha-se substituido o *x* por *s*, á semelhança de *excellentum*, *dextera*, *zestu*, encontrados em inscrições.

DIVERSOS PHENOMENOS PHONETICOS — Até agora tratámos dos phonemas considerando-os isoladamente as mais das vezes; vamos ver agora a influencia reciproca de uns com outros e diversos phenomenos importantes.

Assimilação: *seduzir*=*zuduzir*, *Sancho*=*Xancho*, *sacho*=*xacho*, *também*=*tamém*, *Carlo*=*Carro*, *Jesus*=*Zezus*, *exigir*=*egigir*, *José*=*Zosé*.

Dissimilação: *manhã*=*manhā*, *borboleta*=*barbuleta*, *solução*=*salução*, *Alfredo*=*Afredo*, *cérebro*=*cêrebro* (em latim já *celebrum*, *celebro* no hespanhol antigo), *próprio*=*prôpio*, *armário*=*almário* (affectação; a forma existe no hespanhol), *clister*=*cristel* (com uma forma intermediária **crister*, segundo Nunes), *Frederico*=*Federico* (cfr. hesp., ital.).

Prótese: em verbos é o prefixo vernáculo *a*, com valor expletivo: *alembra* (em Camões), *amostrar* (idem), *apreparar*, *arreceber* (num canto de pastorinhas do Natal), *arrepetir* (no jogo dos bichos), *avoa*, *arrecear*, *arresponder* (cfr. *alevantar*, *alumiar*, *afear*, *acontecer*, *arrepender*, *atravessar*, *adormecer*, *assoviar*, *arrebentar*, etc.); nos substantivos é aglutinação do artigo definido feminino: *adália*, *anos*, *arrã* (cfr. *abrunho*, *avenca*, *arruda*, *aduela*, *ameação*, *aleijão*, *abantesma*).

Suarabacti: *Silvério*=*Silivério*, *Silvestre*=*Silivestre*, *Plínio*=*Pilínio*, *recruta*=*reculuta* (cfr. *caranguejo*, *fevereiro*, etc.).

Epêntese: *estralar, boneira* (Madureira Feijó registra *monecra*), *selectro, lagostra* (cfr. *lastra, mastro, estrela, registro, listra*, etc.). Quando de uma syncope resulta o grupo *mr*, contrário à índole da língua, intercala-se uma consoante da natureza do *m*, o *b*: *câmara*=*cam'ra*=*cambrá*, *número*=*num'ro*=*numbro* (classe inculta); o mesmo se passou em *umeru*=*ombro*, *memorare*=*lembrar*, etc., no grego, por ex., *gambrás*, de *gamrós*, no hespanhol e no francez (*chambre, nombre*). Dá-se também em Portugal o phenomeno.

Paragoge — Apesar de rara, encontra-se quando uma palavra termina por consoante que de accordo com a índole da língua não deve ser final: *sob*=*sobi*, *Isaac*=*Isaque*, *thalweg*=*tálvegue*, etc.; encontra-se ás vezes, na classe inculta, a de um *s* nos advérbios em *mente*: *sómente*=*sómentes* (cfr. *antes, alhures, nenhures*).

Aphérese — É communissima a do *a*: *contecer, guentar, repender, panhar, rancar, garrar; imaginar* dá *maginar*, como em Portugal e em gallego. É a tendencia opposta á próthese. *Adelaide* dá *Delaida* ou *Delade* porque o *a* é considerado artigo e se deglutina. *Sebastião* tem o hipocoréstico *Bastão* que apparece também em italiano (*Benvenuto Cellini*). O verbo *apagar* se confunde com *pagar*; ouvimos um trocadilho com estes dois verbos: um individuo dizia para outro: "*paga* o bonde, senão eu *pago* a luz". Estes factos se dão na classe inculta.

Syncope — As tendencias contra o proparoxytono que tanto influiram na passagem do latim para o portuguez, continuam a accentuar-se: *relâmpago*=*relampo*, *pássaro*=*passo*, *árvore*=*arve*, *mármore*=*marme*, *pólvora*=*porva*.

Quando em virtude da syncope certas consoantes ficam em contacto dão-se importantes alterações: *péssago, cécaga*=*pexco, cosca*, *música*=*musga*.

O caso do *c=g* se parece com o de *amicu*=*amigo*, mas aqui se den outro phenomeno: o *c* em contacto immediato com o *s*=*ç* (assim como acima o *g* com o *ss*=*ç* e o *c* brando) teve de acomodar-se e transformou-se na sonora.

Ha um caso de haplogogia em *paralellepido*=*paralepido* (cfr. *idolatria, bondoso, perda*, etc.). Estes phenomenos se notam na classe inculta.

Apócope — Já vimos a apócope das consoantes finais: o horror ao proparoxytono acarreta ás vezes a apócope da syllaba final: *legítimo*=*legite*. Na preposição *de* é rara a sinalefa; apparece em expressões fixadas: *copo d'água, estrela d'alva, vinha d'alhos, mãe d'água, fios d'ovos, obra d'arte*. Outros casos: *viu'alma, minh'alma, ... d'alma, n'água*.

Metáthese e hipóthese — *tormentar*=*trumentar*, *lagarto*=*largato*, *lagartiza*=*largatira* (influencia de *largar*?), *caderneta*=*cardeneta*, *procissão*=*purcissão*, *teatro*=*triato* (como no italiano popular); esses phenomenos se passam na classe inculta.

Nasalização — Ha alguns casos: *major, cemitério, condessa, maçã, maribondo*=*manjor, cementério* (como em hespanhol), *condessa* (analogia com *condenar*?), *maçã* (ha um arcaismo *manção*) (cfr. *mãe, mensagem, mim, muito, empingem*, etc. que apresentam phenomeno identico).

Palatalização — Já vimos casos quando tratámos das semivogais, do *d* e do *t*.

Outras alterações apresentam as palavras por diversas causas, das quais já demos exemplos: analogia, cruzamento de palavras, etimologia popular (*vagalume*=*cagalume*), *sacristão*=*saceristão*), mudança de suffixos (v. morfologia).

A persistencia do accentto tónico ligeiras excepções apresenta: *Oscar, Aída, miope* são as formas correntes no Rio de Janeiro. Em *ruim* que o povo faz monossyllabo e accentuado no *u*, verifica-se a lei physiologica se-



DANTE — Desenho de E. Vio

MATAPAU



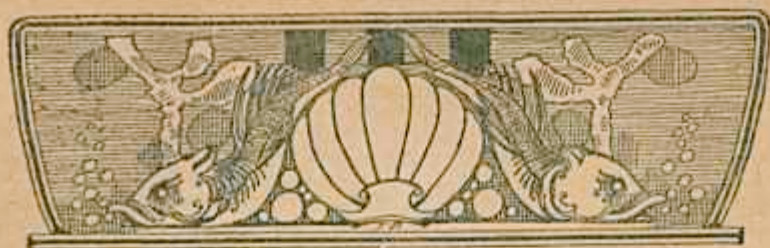
Desenho de E. Vio

gundo a qual de duas vogais recebe o accento a que tem mais sonoridade (Meyer Lübke).

As palavras muito usadas soffrem, como é sabido, as mais arbitrárias transformações. *Você*, que já soffreu tantas mutilações, ainda continúa a experimental-as: chega a reduzir-se á ultima syllaba: *êê é besta! Senhor*, quando proclítico, perde a palatal, desloca o accento e dá simplesmente: **seô, seu*, que se confunde com o possessivo. As formas *está, espera* reduzem-se a *tô* (como em Ceilão e em andaluz), *péra*, o que também se dá na Estremadura.

Resta-nos tratar dos casos de phonetica syntática. O *s* ou *r* finaes nos artigos e adjectivos determinativos, alteram-se conforme a consoante inicial: *os jarros*=*uj jarros*, *as chaves*=*axh chaves*, *dez réis*=*dê réis*; o *v* também: *dois vintens*=*doi gintém*; a vogal nasal *i* acarreta desenvolvimentos: *vim aqui*=*vi nha-qui* (como no Minho), o que se pode comparar com *vinu*=*vi-o*=*vinho*, e *nem um*=*nenhum*; *m+b*=*m+m*: *um bocadinho*=*um mucadinho* (cfr. também=*tomém*).





POESIAS

VIGILIA

A TASSO FRAGOSO

I

*Altas horas da noite. O tédio me constringe
O coração dorido em supplicante espasmo;
É uma sombra espectral, alva e gelada esphynges,
Anda ao redor de mim. Prende-me o horror e o pasmo.*

*O meu rosto contrai-se em magua atroz e finge
Sorrir, mas vem ao lábio um murmuro sarcasmo;
O sangue me accelera e o corpo todo cinge
A saudade do amor, no seu extremo orgasmo.*

*Julgo que vou morrer... O réquiem soluçante
Dos anhelos febris da minha mocidade
* É como o funeral á queda de um gigante.*

*E passa a babujar minha branca epiderme,
Pois me sinto na tumba e a sãnie tudo invade,
Um verme vagaroso e mais um outro verme...*



II

*No meu retiro, agora, as lágrimas bemditas
De minha santa mãe, pranto mudado em rosas,
Pelas manhãs de sol e nas manhãs brumosas
Hão de, lêstas, cair. Alma, porque te agitas?*

*A paz, a grande paz das coisas silenciosas,
Nostalgias do Além e as curvas infinitas
Do Nirvana fatal em que, sabio, meditas,
Surgem, aos olhos meus, do véu das nebulosas.*

*Vôa um mocho, a chilrar, e a maldição nocturna
Do vento, ao cyprestal, a ramaria esgalha,
Vae rolando a gemer, crebra, de fuma em fuma;*

*Emquanto, a palpar, núcleos de mundos, pelas
Estradas sideraes, da luz n'aurea mortalha,
Giram os eternos soes e as tremulas estrellas!*

CARVALHO ARANHA

CONFIDENCIA

*Perguntas porque sou triste?
Porque te amei e não posso
Te amar, ou antes, não devo...
Magua maior não existe,
Para minha alma de moço,
Mimosa folha de trevo.*

*Entre nós dois, o destino
Poz obstaculo tremendo,
Perfume de primavera!
E eu ando, quasi sem tino,
Porque te espero, soffrendo
A dôr de quem desespera.*



*Quiz te acolher em meus braços,
Rever-te, meiga, ao meu lado,
Visão de um sonho que tive.
Mas só em sonho os teus traços
Pude beijar... Desgraçado,
Acordo, e o sonho revive!*

*Vôa mais longe, andorinha!
Não saibas se me tortura
Um impossível querer.
De certo, não serás minha;
Mas só eu sei a amargura
Que soffro, por te perder!*

*Ardeamos na mesma chamma;
Os meus sentidos abrasas,
Desde o dia em que te vi.
Quero-te pura. Quem ama
Como eu, jámais cresta as asas
De um anjo que lhe sorri.*

*E's moça. Esquece-me. Eu desço
A escada da vida... Quero
Conter no peito os meus ais.
Mas sinto que não te esqueço,
E, a meu pesar, considero
Que agora te prêzo mais!*

*Pouco importa! no meu rosto
Impassível, não verão
O travo da minha dôr.
E' a tristeza do sol-posto...
Recebe-a no coração
Como um osculo de amor!*

CARVALHO ARANHA





HISTORIA SIMPLES

JULIO SCHEIBEL

DAQUELLA redondeza de dez leguas, a Joanninha, a filha mais nova do Antonio Maciel, aggregado do major Olegario, era positivamente a flôr.

Bonita assim, só ella mesmo.

Com aquella côr de pecego maduro, a boquinha vermelha como uma flôr de romã, os olhos taes quaes duas jaboticabas bem maduras e aquella preta, basta cabelleira revolta, fazia andar á razão de juro a cabeça de todo o rapazio do bairro de Campo Largo.

Não que ella fosse uma serigaita, como tantas outras, isso não. Ajuizada e séria como poucas, nem a mais afiada linguinha, dentre as muitas que por lá enxameavam, achava no seu procedimento o que cortar; a lindeza da rapariga, porém, era como que uma especie de iman, a cuja attracção não havia fugir quem possuísse um par de olhos.

Aos domingos, quando havia missa, até os casados, até os velhotes se ficavam para alli, á sahida, enlevados na contemplação longa e extactica da filha do Tonico Maciel, até que o seu vulto airoso se perdesse ao longe.

Então, daquelles peitos todos, era o arrancar de um fundo suspiro e, p'ra muita gente, parecia que o dia ficava mais escuro e triste...

Razão de sobra havia, pois, para que os rapagões mais desempenados das cercanias andassem no corropio em que andavam, este a exhibir um socado aparelhado de prataria, aquelle a fazer brilhaturas em um cavallo de preço, um outro

ainda a acompanhar a viola modinhas chorosas, em que contava as penas do seu coração.

O major Olegario tinha um filho, o Tancredo, que era um bilontra chapado e o principal responsavel pelos seus muitos cabellos brancos.

Pelas férias, como os *rr* lhe chovessem no toutiço de repente do primeiro anno de direito e o velho houvesse dado um golpe de estado, suspendendo-lhe a mesada, o madraço outro remedio não teve sinão recolher-se á fazenda paterna, trazendo na bagagem: uma collecção das mais completas de mentiras e a sua imprestavel alma de peralvilho, precocemente gangrenada pelos vicios dos grandes conglomerados humanos e enxovalhada por todas essas elegantes sujidades, que a moda importa.

Recebido com todas as honras de uma ensaboaddella de primeira classe, a que oppoz a humildade e os protestos de regeneração os mais hypocritas, cahiu na pasmaceira da vida da roça, á qual falleciam todos os elementos componentes da sua existencia de pulha urbano e, em primeira linha, os cafés, as bambochatas, as romarias por conventillos.

Os dias, passava-os estirado na rêde, de pança para o ar, ou então em infundáveis passeios ao léo, sem rumo fixo e sem outro intuito que não o de matar o tempo.

Foi durante uma dessas passeatas que viu a Joanninha.

A rapariga estava a ensaboar umas roupas no correjo do pasto e, certo, não contava ser alli surprehendida.

Aquella belleza sadia, agreste, com uns longes de arisco e de hostil, causou-lhe uma impressão profunda.

Que differença das francezitas de contrabando, caídas como um pastel barato, queimadas por todas as drogas do *maquillage*, cuja magreza de chloroticas e morphinomanas se habituára a considerar como a personificação da belleza feminina.

A carne daquelles braços bronzeo-dourados affirmava rijeza e força, a esbeltez elastica do talhe e a correcção das fórmulas gritavam saude, enquanto o esplendor da cabelleira, a purpura dos labios e a humidade luminosa da pupilla diziam a vida intensa e profunda daquelle organismo vivaz.

Ao seu — *bôa tarde* — respondeu um outro, algo enleiado, mas, ainda assim, envolto em um meio sorriso, que entremostrou duas fiadas de dentinhos, tão brancos como os de um cão novo.

Tornando para casa, poz-se a parafusar quem seria aquella flôr de carne, vista em pleno campo, á beira dagua. E do mais recondito, esquecido arcano da memoria, impreciso, vago, primeiro, depois paulatinamente mais claro, foi surgindo o vulto



de uma caipirinha, com que elle, menino, por mais de uma vez brincára.

Era a Joanninha do Tonico Maciel, não havia duvida. Sim, era ella.

E já na mente despontava-lhe a idéa de arranjar, alli na fazenda, um romancete com que preencher os ocios do tempo que lhe levaria cumprir aquelle degredo. Ia esboçando as scenas, arranjando os quadros, imaginando o sal novo e o picante exótico que deviam surdir da sua experiencia torpe amalgamada á ignorancia daquelles dezoito annos tão viçosos...

A sortida do dia seguinte já teve rumo certo: — foi uma visita ao Tonico Maciel, com quem foi tomar um café.

A visita estirou-se em prosa de coisas velhas. O Tonico era o typico aggregado, que recebeu a gleba do pae, que a recebera do avô. Falas descançadas, rispido com o seu povo e muito do major, de quem era até compadre.

Lembrou uma porção de casos da meninice do Tancredo: — o trambuião, que um bezerro lhe dera, deixando-o sem fala; a mão, que queimára no forno, ao puxar a assadeira de biscoitos; e, por ultimo, a historia daquella vez, que viera quasi carregando a Joanninha, que havia ralado os dois joelhos no pedregulho do morro fronteiro.

Era ahi que o Tancredo estava de tocaia.

— Pois, para a Joanninha, eu trouxe, para ver que não me esqueci della, uma lembrançasinha.

E exhibiu uma pulseira atôa, que lhe haviam recusado no *prêgo*, vinda esquecida entre outras bugigangas.

A caçula foi immediatamente chamada e appareceu na sala, canhestra, como si fosse á barra de um tribunal, mas transudando tambem uma intima admiração pela joia de suspeita origem e pelo inesperado doador, typo, aliás, bem cotado entre as mariposas dos focos de luz por elle frequentados.

O que se seguiu, durante o resto das férias, foi, para ella, um idyllio. Um moço bonito a jurar-lhe amor, a desfazer, um por um e uma por uma, os seus receios e ignorancias, parecendo rever-se nos seus olhos e só viver sob a irradiação delles. Para elle, uma inesperada, deliciosa aventura, em que se lhe deparava ao paladar polluido um manjar integralmente novo, em que havia o agri-doce, a sapida acidez de um fructo fino, inda incompletamente sazonado.

Guardadas as devidas proporções, era como que o agudo goso, que sentiam os devassos de outro tempo em seduzir devotas.



Ainda na tarde do ultimo dia, atravez da velha cerca de guarantãs acinzentados, que tanta coisa poderiam contar, o abraço frenetico, que recebera e o beijo mordente, que colhera naquella bocca sanguinea, haviam-lhe deixado um travo de remorso da premeditada patifaria praticada, ao mesmo tempo que a brumosa, indefinivel sensação de haver passado por alguma coisa, que não comprehendera...

Mas o asphalto da capital e a sua sordida poeira rapidas cobriram e gastaram esses tenues vincos, tanto mais facilmente quando a superficie que os recebera contra elles reagia.

Breve, logo, daquellas férias apenas restou a lembrança de uma aventura, narravel, com picarescos commentarios e pormenores crus, a uma mesa de *bar*, onde uma roda de estroinas se encharcasse de *chopp*s.

Da pobre Joanninha, parece que tomára conta a Mãe dagua, taes, tantas as lagrimas que chorou.

E mais ainda, mais amargas foram quando a sua cintura entrou a perder a delicadeza primitiva, o talhe esbelto a deformar-se, a fugir o corado das faces morenas.

Vivia em sobresaltos continuos, a esquivar-se de toda a gente da casa, temerosa fosse a cada olhar a sua culpa descoberta: — os dias, passava-os no lavadouro ou pelos recantos sombrios do pomar; as noites, em pertinaz insomnia dolorosa, a revolver-se no misero catre, como si os lenções de algodão-sinho fossem ouriçados de espinhos.

A mãe, emfim, de qualquer coisa desconfiou e, apertando com a rapariga, já gasta, lassa de tanto soffrer calada, teve a confissão integral do caso.

Foi a interventora perante o pae e d'elle alcançou que não falasse com a filha antes de se entender com o major.

O major Olegario, que tinha jantado bem e saboreava o cigarro no pretorio da fazenda, recebeu o compadre de boa sombra.

Mas, quando soube do que se tratava, foi ás nuvens.

Berrou e esbravejou contra as lambisgoias, que se aproveitam dos rapazes desmiolados; disse cobras e lagartos dos paes, que vivem a explorar as filhas e os bemfeitores e arrematou o espalhafato intimando ao Tonico Maciel a desocupação immediata das terras, com a valentia apoiada pelo povaréu, que acudira ao alarido.

O velho aggregado retirou-se corrido como um cachorro, com a raiva e o odio a refterverem por dentro, jurando que o compadre havia de pagar-lhe tudo com lingua de palmo.

Chegado á casa, já á bocca da noite, desabafou com a pobre da filha.



A ira fermentada, o seu brio de homem, sopitado pelo servilismo da adstricção á gleba, explodiram em increpações atrozes, em invectivas sangrentas; e, por fim, não valendo a intervenção da mãe e das irmãs, com a roupa do corpo e meio morta de pavor, poz a Joanninha pela porta afóra aos pescoções...





O GOVERNO POPULAR

ALBERTO SALLES (*)

INTRODUÇÃO

"Nosso século, que pretende praticar o culto da ciência, entrega por toda a parte o poder às classes que se acham nas antipodas da ciência, da ciência e do conhecimento. Que estranha contradição!... Assim a medida que governar se torna um acto mais difícil, confia o governo a pessoas cada vez mais medíocres e incapazes. Não será preparar a decadência pelas próprias mãos?"

Dr. Pantaleone.

A RAZÃO DESTE LIVRO

TÃO notáveis são as modificações que se operam de há muito na vida dos povos cultos, especialmente no desenvolvimento de sua actividade política, que nenhum outro problema nos parece mais digno de cogitação do que o estudo d'essas profundas transformações por que estão passando as nossas crenças. Os dogmas fundamentais da nossa civilização, os princípios tradicionais sobre os quaes repousava a delicada estrutura das nossas instituições, acham-se

(*) Alberto Salles, na Propaganda e na Republica, foi uma das figuras de grande realce intellectual. Jurista e homem de letras, desdobrava-se-lhe a personalidade no pedagogo e no homem de princípios e de caracter. Valen-lhe esta feição a grande notoriedade que, em certo momento, cercou o seu nome. Presidente da Republica o seu irmão Campos Salles, publicou no "Estado de S. Paulo" o — "Balanço politico", peça de desassombrada analyse do falsamento do regimen, que marcou época na evolução das idéas no Brasil. Foi, decerto, o ultimo grande exito do jornalismo doutrinário em nosso país.

Ao genero pertenceria o livro, que não chegou a ser escripto e de que publicamos a introdução, encontrada entre os papeis do saudoso escriptor.

Representou, durante algum tempo, na Camara Federal, o Estado de S. Paulo e exerceu pouco antes de fallecer o cargo de Director da Escola Normal. Das suas produções impressas em livro destacam-se as seguintes: "Catecismo republicano", 188...; "Politica Republicana", 1882; "Ensaio sobre a moderna concepção do direito", 1885; "A patria paulista", 1887; "Sciencia politica", 1891; "O ensino publico", 1901. Quando a morte o colheu, inopinadamente, em Março de 1904, tinha em elaboração uma grande obra sobre "O governo popular". Deste trabalho, amadurecido fructo de uma cabeça encanecida na meditação e no estudo, não nos restam senão o plano geral e as paginas de introdução, que ora publicamos, rendendo assim uma homenagem ao saudoso publicista e um serviço — bem o merecido — aos nossos leitores, pois, apesar do tempo que já transcorreu sobre ellas, são ainda cheias de actualidade, pelas visões por assim dizer propheticas que encerram as considerações preliminares com que o escriptor paulista pretendia abrir o seu livro mallogrado.

hoje postos em duvida e fortemente abalados no dominio das consciencias. Em nenhuma das sociedades policiadas contemporaneas, apesar do enorme surto que nestes ultimos decennios tem tomado a actividade industrial, encontram-se mais aquelles elementos de estabilidade e de ordem, que eram a suprema garantia das sociedades de outros tempos. Todos os povos, mesmo aquelles que se sentem curvados ao peso de uma forte organização militar, vivem hoje uma vida agitadissima, minados em seus mais solidos fundamentos e ameaçados constantemente de uma completa subversão nas suas mais antigas instituições. Caminhamos allucinados e vacilantes, para um futuro sombrio e desolador, em que a imaginação apavorada só vê ruínas e destroços, a anarchia e o caos.

Confrange-se-nos, por certo, o coração, ao caracterisar por essa forma o negro futuro que nos aguarda; mas não exageramos. O momento é realmente de extrema gravidade e convida á reflexão. Assistimos ao melancolico espectáculo de uma velha sociedade que se dissolve e de uma nova sociedade que se levanta. A crise é profunda, affecta todas as nossas instituições e vai até o amago das nossas crenças. Tudo se transforma. Quaes as causas dessa transformação e para onde vamos? No conceito de um eminente pensador contemporaneo, "dous factores fundamentaes encontram-se em sua base. O primeiro é a destruição das crenças religiosas, politicas e sociaes, donde se derivam todos os elementos de nossa civilização. O segundo é a criação de condições de existencia e de pensamento inteiramente novas, em virtude das modernas descobertas das sciencias e da industria. As idéas do passado, posto que meio destruidas, sentindo-se ainda bastante poderosas, e as idéas que devem substitui-las não se achando sinão em via de formação, a idade moderna representa um periodo de transição e de anarchia. D'este periodo, forçosamente um pouco cahotico, não é facil dizer-se agora o que poderá sair um dia. Quaes serão as idéas fundamentaes sobre as as quaes se edificarão as sociedades que hão desucceder á nossa? Ainda não o sabemos. Mas o que desde já vemos claramente é que para se organizarem, ellas terão que contar com um novo poder, ultimo soberano da idade moderna — o poder das multidões."

Tal é o vaticinio do illustre pensador. Não precisamos acrescentar que fazemos nossos todos os seus justos e admiraveis conceitos. O grave conflicto entre as idéas do passado, que tentam ainda conservar o seu predominio de outr'ora e as idéas do presente, ainda em via de formação; conflicto que enche toda a nossa vida contemporanea, por ninguem pode ser contestado, tão directos e evidentes são os effeitos que todos sentimos. A força do passado, das tradições, dos costumes e das crenças, condição fundamental de toda a ordem social e elemento indispensavel de toda civilização, já não é mais, como outr'ora, uma efflorescência espontanea do sentimento popular. Profundamente abaladas em suas crenças, que foram a garantia dos nossos ante-passados e o penhor seguro da civilização que crearam, debatem-se as multidões contemporaneas n'uma agitação revolucionaria que as consome, que ameaça tudo aniquillar e destruir, sem que possuam um principio que trace a orientação de sua actividade, uma crença definida e clara, que seja o symbolo do seu sentimento, a paz de seu coração, a ineffavel consolação da sua alma. Mergulhadas na penumbra melancolica da duvida, que a critica demolidora vai dia a dia tornando mais escura e carregada, falta-lhes evidentemente o sol bemfazejo do nosso dogma, que a

sciencia ainda não pode encontrar, mas que ha de ainda um dia formular, com a mesma precisão e o mesmo prestigio, que tivera outr'ora o dogma religioso.

Emquanto, porém, não se realiza essa grande operação intellectual e moral, havemos de nos resignar a soffrer as graves consequências d'essa actividade revolucionaria e cabotica, que caracteriza a vida contemporanea. Foram-se os velhos dogmas e estancou-se a fé no coração das multidões. A critica irreverente e iconoclastica, que tudo tem ferido e tocado sem piedade, lançou a duvida nos espiritos e plantou a angustia nos corações. O principio da gerarchia, base de toda organização social e politica, já quasi não existe, atacado e enfraquecido todos os dias, pela furia incandescente de uma louca propaganda emancipadora, que tudo tenta nivelar, muito embora nos arraste fatalmente para o charco da mediocridade e da inercia. O sentimento expontaneo da subordinação, que brotava naturalmente das antigas crenças e que regulava toda a vida individual e social, parece ter já passado para o dominio dos sonhos e das superstições dos velhos tempos, preconceito de outras eras, como ellas lançado ao esquecimento, simples reliquia do passado. Tanto na actividade individual como social, fraquissimos são os laços de disciplina que ainda se encontram, tão depressa se vão dissolvendo. Sente-se que toda a estrutura social e politica vacilla e cambaleia, por faltar-lhe uma solida base psychologica, uma crença universal.

De facto; o periodo de transição que atravessamos caracteriza-se principalmente pela ausencia completa de uma crença universal. E quem conhece o papel fundamental que representam as crenças na vida dos povos, formando a trama delicada de toda a sua evolução historica, sabe perfeitamente que a ausencia absoluta de uma crença commum importa necessariamente na ausencia egualmente absoluta de todos os laços de disciplina individual e social. Basta attender, por um momento, para o processo psychologico geral da formação das crenças, para se apprehender em toda a sua extensão a influencia real que ellas possuem sobre a alma das multidões. E' bem sabido que uma opinião, uma idéa, não se transforma em uma crença, tenaz e profunda, com raizes no sentimento, sinão depois que tem passado da região abstracta do raciocinio para o dominio do inconsciente, atravez de grandes modificações successivas e de lentas accumulações hereditarias. Desde o momento, porém, que ella se incorpora ao sentimento, torna-se logo intolerante e imperativa, não admite mais discussão, provoca a convergencia de toda a vida intellectual e moral, e transforma-se, por isso mesmo, n'uma fonte permanente de estímulos para a conducta. Uma crença commum implica necessariamente um modo de pensar e de agir também commum. "Uma crença commum — ainda é o mesmo pensador quem o diz — constitue talvez o factor mais poderoso da criação de uma alma nacional, de uma vontade nacional e, consequentemente, da orientação unica das idéas e dos sentimentos de um povo". E' por isso, sem duvida, que uma uniformidade de crenças se traduz fatalmente por uma uniformidade de conducta. Ella é a base psychologica indispensavel do caracter nacional. Uma civilização não se cria, nem se conserva, sinão tendo por base uma crença universal. Desde o momento que essa base lhe falta ou se enfraquece, aluida pela critica, começa para a civilização o periodo inevitavel da decadencia e, para as instituições, o periodo da desmoralização e do



descredito. E' o processo da dissolução, que tudo invade e tudo avassalla, caminho inevitavel da morte.

Será esta realmente a característica da phase que atravessamos? Parece que sim. E' isso, pelo menos, o que nos parece indicar esse movimento geral de dispersão de todas as energias individuais e sociais, que é precisamente a manifestação symptomatica mais grave e mais perigosa do período de transição e de anarchia que atravessam as sociedades contemporaneas. Tanto na ordem espirital, como na ordem temporal, é sensivel a falta de uma auctoridade, que tenha bastante força e prestigio, para impor-se ás consciencias e impedir essa marcha desastrosa e funesta para a anarchia e o caos. A sciencia ainda não conseguiu elaborar uma synthese bastante vasta e poderosa, capaz de se impor a todos os pensadores, fundindo n'uma unidade organica indestructivel a massa inteira do saber humano adquirido; e nem pode servir, por enquanto, de norma de conducta ao desenvolvimento da actividade individual ou collectiva. A religião por sua vez, decaida de seu antigo prestigio, já não tem mais um dogma, que possa ser o symbolo de uma fé universal, fonte permanente de toda disciplina social. Por outro lado, na ordem social e politica, os conceitos que ahí dominam são tão numerosos e oppositos, criam e suscitam aspirações tão multiplas e variadas, que se torna inevitavel o choque constante das paixões e dos interesses, que dividem as classes, enfraquecem os laços da disciplina e perturbam a ordem, diminuindo cada vez mais o prestigio da auctoridade, ao mesmo tempo que põem em sério perigo a estabilidade das instituições. Parece-nos, pois, que a destruição das crenças religiosas, politicas e sociais é o facto culminante da phase critica que atravessamos.

Vale a pena insistir por um momento na explanação d'este conceito. O que hoje observamos e sentimos nem sempre existio. Houve um período na evolução historica da humanidade, em que a actividade social e politica dos povos, não obstante a grande diversidade de suas condições materiaes de existencia, obedecia a uma orientação uniforme, alimentada e solicitada constantemente, graças á poderosa influencia moral de uma grande instituição religiosa, cuja supremacia era incontestada, pelos fortes estímulos de uma crença sincera e universal. Foi na media-idade, esse período tão levianamente calumniado pelos historiadores, como uma epocha de anarchia e desordem, de obscurantismo e regresso, mas que se acha hoje rehabilitado por uma san philosophia e que ha de sempre ser considerado como o berço fecundo de todas essas maravilhosas metamorphoses, que vieram mais tarde culminar, por uma evolução lenta e natural, na constituição das nacionalidades contemporaneas. Esses grandes e complicados organismos, que hoje provocam a admiração e o espanto, pela pujança de seu commercio e de sua industria, pela agudeza de sua sciencia, pelo esplendor de sua litteratura, pela exuberancia de sua vida intellectual e social. Foi então que se viu pela primeira vez esse extranho phenomeno de erguer-se sobranreiro a todos os povos, por um concurso espontaneo e livre, como o órgão vivo da religião, a instituição soberana do papado, a mais poderosa que jamais se tem conhecido. Era o órgão permanente de um novo poder, o poder espirital, que brotava naturalmente de uma crença então universal e que se constituia pela força exclusiva do dogma o supremo regulador de toda actividade individual e social.

A organização eclesiástica, essa obra prima de sabedoria política, como a qualificou um grande pensador, foi a ossatura resistente que impediu a dissolução da sociedade medieval e garantiu a evolução da nossa estrutura política, cujos elementos começaram então a aparecer. Dominada por uma disciplina interna rigorosa, que emanava do seu próprio seio para uma grande e poderosa instituição central — o papado — ella permitia á Igreja exercer sobre a actividade social e política dos povos, então agitados por discordias e lutas intestinas, uma força moral incontrastavel, já abrandando os costumes e harmonizando as relações dos individuos, já fomentando e promovendo todos os elementos de solidariedade social e politica. Foi essa a grande obra civilisadora do poder espiritual, que então surgiu e que abrangia, como observa um estimado publicista, "todos os desenvolvimentos possíveis do pensamento humano. Havia uma só sciencia — a Theologia; uma só ordem espiritual — a ordem theologica. Todas as outras sciencias comprehendiam-se na theologia. O poder espiritual encontrava-se d'este modo á frente de toda a actividade do pensamento humano e muito naturalmente queria para si o governo geral do mundo... O poder temporal era a força desenfreada e correrias intoleraveis... A Igreja era muito preferivel a semelhante governo temporal e os povos não cessavam de pedir-lhe que o viesse substituir. Quando um papa ou bispos proclamavam que um rei tinha perdido os seus direitos e que os seus subditos estavam desligados do juramento que lhe haviam prestado de fidelidade, esta intervenção, apesar dos graves abusos a que estava sujeita, era quasi sempre, n'aquelle caso particular, legitima e salutar... Os povos não podiam defender-se nem fazer vingar os seus direitos contra a violencia civil. Intervinha a religião em nome do ceu". Tal era a força moral do papado, tal foi a sua benefica influencia na evolução social e politica dos povos.

Foi principalmente no pontificado de Hildebrando que essa função eminentemente organica e civilisadora da Igreja attingio o seu maximo esplendor e prestigio. O grave problema da separação dos dous poderes, o temporal e o espiritual, então apenas esboçado e que vinha alterar profundamente as antigas praxes de governo, estabelecendo e firmando, ainda que de uma maneira simplesmente provisoria, a necessaria preponderancia da moral sobre a politica, foi por elle concluido com a audacia propria do seu vasto genio e executado com a prudencia, perseverança e energia, indispensaveis ás grandes operações sociaes e caracteristicas do seu admiravel temperamento de reformador. Foi elle que transformou o papado n'uma instituição verdadeiramente soberana, traçando com mão segura a sua legitima destinação social e firmando de modo incontestavel a sua supremacia, como o orgão de uma influencia puramente moral; foi elle que systematisou pela primeira vez, com uma coragem inaudita, o direito de insurreição, desligando por essa forma os subditos do juramento de fidelidade aos seus soberanos e firmando o seu prestigio. Victima de apreciações injustas e calumnias do por inimigos de espirito apoucado, a sua memoria acha-se hoje rehabilitada por uma san philosophia e a sua nobre figura, immensa e magestosa, surge aos olhos das gerações contemporaneas com o fulgor natural das almas de eleição, dos grandes typos da humanidade. Foi com elle que attingio a Igreja a sua maxima influencia e prestigio e que chegou o papado ao seu maximo esplendor e gran-



deza. O seu pontificado marca um ponto culminante, uma epocha brilhante e fecunda na historia da civilização occidental.

O vasto movimento religioso que então se operou em todo o occidente europeu, sob o nome de **cruzadas**, inevitável expansão proselytica da nova fé, na qual entravam povos de todas as raças dominados pelo mesmo credo e arrastados pelos mesmos sentimentos, é certamente o facto que mais particularmente caracteriza a civilização d'aquella epocha, no ponto de vista espirital, ao mesmo tempo que marca com cores bem vivas, na historia da Igreja, a epocha do seu verdadeiro apogeu. Ao começar, porém, a dissolução do regimen feudal, despontam também no seio da sociedade christã os primeiros germens da indisciplina e da revolta, que, visando sobretudo o papado, golpeiam de morte o seu grande prestigio moral, abalam em seus fundamentos a solida organização ecclesiastica e precipitam os povos na voragem das guerras religiosas. Rompe-se de uma vez a unidade moral e apparece como consequencia o enfraquecimento progressivo da autoridade da Igreja, forma provisoria e necessaria do poder espirital. A Europa inteira, apenas emergida do regimen feudal e entregue ainda á penosa elaboração das novas nacionalidades, foi agitada fortemente pela reforma, que quebrou violentamente a unidade religiosa e triumphou por fim na paz de Westphalia, onde se firmou o principio politico da tolerancia e se preparou inconscientemente, graças ao movimento revolucionario dos legistas, a preponderancia do temporal sobre o espirital. Partio-se a unidade catholica, cobriu-se a Europa de igrejas independentes, desconjuntou-se a vasta estrutura ecclesiastica e ruíu por terra o papado, cumprida a sua missão transitoria, para nunca mais reerguer-se, como o órgão do poder espirital.

Dilaceradas as consciencias, aos golpes da metaphysica triumphante, rotos os laços de disciplina moral, que a reforma arrancava das mãos da Igreja, surgiu então a diplomacia como uma solução provisoria, formulada no momento pelos legistas e destinada a manter em quanto possivel, o indispensavel equilibrio internacional. Com a queda do papado, órgão vivo da conciliação e da concordia entre os povos, em quanto a unidade religiosa não se havia partido, era evidente que desapareceriam do seio da grande familia humana os elementos garantidores da paz e da ordem, tão necessários á marcha geral da civilização. Era preciso assentar a organização, internacional, então profundamente abalada, sobre uma base transitoria: qualquer, uma vez que a unidade moral, seu alicerce legitimo e permanente, havia sido fortemente perturbada. Foi esse o unico beneficio que veio prestar á evolução humana a solução diplomatica. Eivada de vicios e defeitos, além do seu caracter puramente transitorio e revolucionario, por isso que brotava do cerebro estreito dos legistas, aferrados aos principios geraes e absolutos da jurisprudencia romana, não podia certamente o expediente diplomatico offerrecer as garantias indispensaveis, tanto de ordem intellectual como moral, para a conservação do equilibrio internacional.

A solução diplomatica era evidentemente inferior á solução catholica. Basta attender para a maneira por que surgiu a classe diplomatica, para reconhecer-se desde logo sua grave insufficiencia moral, em contraste manifesto com a sua função social e politica. Herdeira eventual da mais alta e melindrosa prerogativa do papado, não lhe permitia, comtudo, sua viciosa origem, adquirir aquelle grão preciso de influencia moral e de prestigio indispensavel, aliás, para cons-



tituir-se o órgão permanente de aproximação entre as diferentes nacionalidades. A dependencia directa em que sempre se conservou, em relação á realza, como um instrumento docil de seus baixos desígnios, disvirtuou-a inteiramente de sua verdadeira destinação social e transformou-a por isso mesmo, mais em defensora zelosa dos interesses dynasticos do que em órgão da paz e da concórdia entre as nações. Collocada assim em situação tão secundaria para com o poder real, peada em seus esforços por uma subordinação tão humilhante, era evidente que a classe diplomatica longe de offerecer ao delicado problema do equilibrio internacional uma solução satisfactoria, como aliás era sua pretensão, viria perturbar ainda mais esse equilibrio, já de si tão instavel e precario, fazendo convergir todos os seus esforços para a preponderancia quasi que exclusiva dos interesses puramente dynasticos.

Apezar de ter apparecido com intuitos de paz e de concórdia, como um elemento de resistencia ao desenvolvimento da actividade militar, como revelou claramente no tratado de Westphalia, em que pela primeira vez se firmou o principio salutar da tolerancia, como condição indispensavel á evolução normal da civilização occidental, renegou logo depois á alta missão que a principio se arrogára e transformou-se em mero instrumento das intrigas, dos odios e das machinações palacianas. A's guerras religiosas succederam-se então as guerras diplomaticas, que se estenderam até os nossos dias. Sem querer recordar o que se passou nos seculos anteriores, basta lançar os olhos sobre o seculo XIX, para se ver que a diplomacia tem antes sido um instrumento de guerra do que de paz entre as nações. Notando este mesmo phenomeno, escreve um estimado publicista: "Apenas Luiz Bonaparte conquistou um throno por meio de prejuizos e violencias sanguinarias, desapareceu a era pacifica. Tivemos a guerra da Criméa. Depois o governo francez declarou guerra á Austria, de accordo com o Piemonte, que se tornou Italia. A Prussia seguiu o exemplo que lhe fora dado e, pela victoria de Sadowa, desembaraçou-se da Austria na Allemanha. Quatro annos depois, procurando o governo francez a desforra dos seus erros diplomaticos, só encontrou a sua ruina e a da França. Com taes precedentes a Russia não hesitou em entrar em campanha contra a Turquia; e hoje mesmo a Inglaterra está prompta a desembainhar a espada se não lhe dão satisfação sobre os perigos que lhe ameaçam os interesses. Cinco grandes guerras em menos de vinte e cinco annos: foi uma guerra por cinco annos".

Pode-se, pois, dizer afoitamente que com a queda do papado rompeu-se o equilibrio internacional. E esse rompimento, por mais que protestem e affirmem os partidarios entusiastas das allianças e convenções occasionaes, fundadas apenas em interesses materiaes e transitorios, tem sido até hoje e continuará, sem duvida a ser, por muito tempo, um dos principaes embaraços ao desenvolvimento espontaneo e regular da actividade social dos povos. Arrimadas nas baionetas e nos canhões, ellas apresentam, antes de tudo, a preponderancia exclusiva da força material, na esphera das combinações politicas, com manifesto desprezo de toda influencia moral, e são, por isso mesmo, uma ameaça permanente á ordem e á paz internacional. Com ellas nada aproveita a melindrosa questão da aproximação moral e politica dos povos, condição indispensavel ao desenvolvimento normal da evolução humana, em virtude mesmo da grande facilidade com que se fazem e se dissolvem, ao sabor dos mais

triviaes incidentes e das mais pequenas intrigas. Verdadeiras combinações ephemeras, as mais das vezes incomprehensíveis e absurdas, sem uma base ethnica ou historica, por isso que n'ellas se agrupam e se entralaçam elementos hecterogeneos e oppostos, arrastam quasi sempre uma vida essencialmente precaria, ameaçadas constantemente de dissolução, quando não se constituem, pela arrogancia de seu enorme poder material, apoiado nos grandes exercitos, um serio perigo á manutenção da ordem e da paz entre as nações.

As pequenas neutralidades, alimentadas muito embora por uma consciencia sempre viva de sua unidade politica e pela corrente de suas tradições historicas, por isso mesmo que não podem dispor sinão de escassos recursos de defesa e cujas forças não são sufficientes para se imporem ao respeito das outras e manterem a sua autonomia e independencia, não passam de meros joguetes nas mãos das grandes potencias, sem auctoridade nem prestigio, ameaçados a todo instante de serem riscadas do mappa das nações e vivendo apenas á sombra da tolerancia condescendente e misericordiosa de suas poderosas rivaes. Vivem uma vida de emprestimo, como astros de infima grandeza, attrahidos á força pelos grandes centros, em torno do qual gravitam a contra gosto, arrastados por elles em seus mais caprichosos movimentos, á espera de que sôe a hora dolorosa de seu aniquillamento. Não são unidades politicas, por isso que não se contam nos grandes e solemnes concertos das altas potencias. São quantidades sem valor, que se desprezam nas combinações politicas e que só são lembradas, quando é chegado o momento decisivo da absorpção. Os conflictos, quando surgem, se decidem todos pelo direito da força e não pela força do direito. E' um processo barbaro de exclusão de absorpção, que enche as paginas da historia das mais revoltantes iniquidades e dos mais clamorosos attentados á soberania e independencia das nações. E' o cynico tripudio do mais forte sobre os mais sagrados direitos dos fracos e dos pequenos. Eis a base iniqua e immoral sobre que se assenta o equilibrio internacional. Tanto basta para a sua formal condemnação.

Bem sabemos que a luta pela existencia é um phenomeno universal, que se observa na escala inteira dos seres organizados, inexoravel e sem piedade, acompanhado sempre de suas consequencias naturaes — o triumpho dos fortes e o exterminio dos fracos. Os vegetaes, como os animaes, todos os seres vivos em summa, ou sejam os individuos ou sejam os grupos, debatem-se n'uma concurrencia instinctiva, que nunca se interrompe, que coalha a terra de cadaveres e que vai deixando victoriosos apenas os mais aptos, os exemplares superiores e mais resistentes, os mais bem apparelhados para o combate, justamente aquelles que, pela sua energia ou pela sua propria organização, são os unicos capazes de vencer todos os obstaculos e triumphar de todas as resistencias. No seio da especie humana, ou seja entre os individuos ou seja entre os differentes agrupamentos sociaes, entre os povos e entre as nações, lavra igualmente a concurrencia e são negaveis os vestigios d'essas acções mutuas, constantes e instinctivas, que se cooperam do mesmo modo para o aperfeiçoamento geral da especie. A luta pela existencia é talvez um dos mais energicos factores politicos; mas convém não perder de vista que, transplantada para este terreno, ella modifica-se, abranda-se, suavisa-se, perde o character de feroicidade que lhe é peculiar no dominio biologico e, mesmo quando se



trava no terreno economico, ella nunca deixa de empregar os processos superiores, aquelles que mais se harmonisam com os principios da moral e que, no campo da intelligencia principalmente, conduzem sempre a uma maior somma de bem estar e a uma maior expansão da consciencia. Foi debaixo d'este aspecto que um estimado pensador, justamente reputado pelos seus estudos sociaes, definiu a politica internacional como a arte de conduzir a luta pela existencia entre os organismos sociaes, pelos processos que mais possam acelerar a evolução da natureza da inconsciencia para a consciencia. N'essa luta, como já observamos, nunca será possível evitar, em absoluto, o aniquilamento e a morte. Ha perturbações funcionaes, causas pathologicas tão graves e profundas, assim os individuos como os organismos sociaes, que não podem ser combatidos e produzem fatalmente a morte.

Esses casos, apesar de serem muito dolorosos, são contudo inevitaveis. "A justiça internacional, assim como a justiça civil, accrescenta o mesmo escriptor, nunca poderá supprimir a dor n'este mundo. Dadas as condições biologicas do nosso globo, em face da doença e da morte, é uma chimera a qual se deve renunciar. A descida da escala das funcções será sempre dura e penosa. Não é sem uma profunda amargura que uma sociedade consentirá em acceitar uma funcção subordinada em relação a uma outra. Não é sem uma profunda mortificação que uma nação verá se desvanecerem as instituições seculares que lhe davam uma physionomia individual e um cunho particular. Obedecer depois de ter commandado é sem duvida muito cruel. Se a natureza prosegue um fim muito elevado, ella muitas vezes ahi chega por processos desapiedados. Revoltar-se contra elles seria entretanto tão inutil como querer mal á terra porque ella não gira do oriente para o occidente. Tudo quanto é contrario a natureza é finalmente quebrado por ella. Conformar-se intimamente com ella, é diminuir cada vez mais a somma da dor, ou o que dá no mesmo, augmentar a do gozo. Eis tudo quanto podemos ambicionar n'este mundo. Sem duvida, um immenso progresso será realisado, no dia em que as nações civilisadas não se empenharem mais em guerras atrozes, só pela posse de alguma aldeia insignificante, perdida nas areias da Asia Central".

E' precisamente este ideal, que a humanidade já parece entrever em seus futuros destinos, banhado pelo suave clarão da sciencia que desponta, que julgamos incompativel com os processos absurdos e immoraes que a diplomacia contemporanea, surda aos clamores da justiça e do direito, abafando a voz da consciencia e calcando aos pés a soberania, vai cynicamente applicando, sobre o falso pretexto do triumpho inevitavel do mais forte sobre o mais fraco, que deve fatalmente desaparecer. Essa politica internacional, baseada exclusivamente na supremacia do mais forte, longe de concorrer para o alagamento do campo da consciencia e para o augmento do bem estar, tem sido um dos mais graves obstaculos á marcha normal da civilisação, sinão um embaraço invencivel á necessaria approximação dos povos. Suscitando o ciúme e acirrando as rivalidades entre as nações, ella não pode evidentemente conduzir a outro fim que não seja o predominio do egoismo e da suspeita, dos odios e dos rancores, sentimentos antagonicos com as aspirações communs de paz e de concordia, de solidariedade e de amor, que a civilisação desperta cada vez mais entre os individuos



e que a consciencia humana proclama sem cessar, em seus mais vehementes protestos.

Apregoa-se, é certo, a existencia de um direito internacional, como um systema de regras juridicas, destinadas a regular as relações politicas e sociaes entre as nações. O que é verdade, porém, é que esse direito, apesar de tão preconizado pelos amigos da paz, tem se conservado até hoje devido à insufficiencia moral da classe diplomatica ou à falta absoluta de uma sancção positiva, mais um conjuncto abstracto inteiramente inefficaz de meros preceitos moraes do que um verdadeiro systema juridico. No conceito de um eminente jurisconsulto, "a expressão — lei internacional — estrictamente falando, é inexacta e pôde dar logar a erros, desde que se não tenha sempre em vista a sua falta de propriedade. Uma lei implica um legislador e ao mesmo tempo um tribunal capaz de impo-la aos transgressores por meio da coacção. Ora, não existe um legislador commun para os estados soberanos; e nenhum tribunal tem o poder de obrigar-os por meio de suas sentenças ou de coagil-os, si commetterem uma transgressão. A "lei das nações" é simplesmente a collecção dos usos que os estados civilizados concordam em observar em suas mutuas relações." Como são geralmente interpretados esses usos, quando por ventura invocados e como são postos em pratica, quando as circumstancias o exigem, todos perfeitamente sabemos. Repudiados uns, desvirtuados outros, o desplante de quem não tem escrupulos nem receios, por isso que se escuda na sua força e na audacia que a sua fortuna ajuda, o que, por fim, prevalece e triumpho, como a ultima "ratio", é sempre a supremacia do forte sobre o fraco, argumento simples e irrespondivel. O que é moral não é juridico. Será quando muito uma aspiração futura; mas não é obrigatorio.

Só este caracter essencialmente moral do direito internacional e a sua consequente inefficacia como normas reguladoras das mutuas relações dos povos seriam mais que sufficientes para por em evidencia a lamentavel ruptura do equilibrio internacional e os graves embarços que dahi decorrem necessariamente à marcha geral da civilisação, si por ventura não tivessemos ainda que accrescentar, como um dos symptomas mais assustadores, essa funesta reventão ao militarismo, verdadeira metamorphose regressiva, cheia de ameaças e de perigos, que parecem manifestar as nações contemporaneas. Dir-se-ia que as sociedades modernas, depois de uma tão longa e laboriosa evolução, attestada por tantas vicissitudes historicas, em demanda da paz e da concordia, definidas num regimen de ordem e de progresso, fazendo uma parada repentina e uma brusca inversão de sua marcha, começaram agora a retroceder, como um desmentido formal às leis da moral e da justiça, para o seu ponto de partida primitivo, o estado primordial da guerra, grósseiro inicio de toda organização social e politica. Tão extranho é esse phenomeno nos quadro geral da vida contemporanea, tanto se affasta da caracteristica predominante de nossa civilisação, que se traduz no desdobramento incessante da actividade industrial e mercantil, que difficilmente poderiamos comprehendê-lo, si por ventura não o reportassemos, como uma consequencia inevitavel, à propria instabilidade do organismo internacional, já por nós anteriormente assignalada. É possivel que haja alguém bastante sceptico, que queira ver no symptoma apontado uma prova incontestavel da absoluta impossibilidade de se extinguirem de uma vez as tendencias bellicosas da humanidade, qualquer

que seja o seu grão de civilização e qualquer que seja o regimen para o qual ella caminha; nós, porém, pensamos de modo contrario.

Devemos, todavia, acrescentar que este nosso modo de pensar não pôde ser interpretado senão dentro de certos limites. Assim como não julgamos que a guerra seja um estado permanente, como querem alguns, assim também não acreditamos que algum dia, muito remoto embora, segundo affirmam outros, chegue a humanidade á conquista da paz perpetua. Já dissemos em outro lugar que a luta pela existencia é um dos factores mais energicos da evolução politica; convem não esquecer, entretanto, que essa luta tem processos diferentes, uns inferiores, outros superiores, cuja applicação é claramente influenciada pelo grão de desenvolvimento da consciencia social. Ora, a guerra é justamente um desses processos inferiores que vão sendo cada dia mais repudiados pela consciencia social. A concurrencia vital vai se transplantando gradualmente para um terreno superior, em que predominam com mais energia as solicitações de ordem intellectual e moral. A luta entre os povos nunca desaparecerá certamente, porque ella é a propria vida; a sua forma, porém, será cada vez mais branda, mais humana e mais de harmonia com o desenvolvimento progressivo da consciencia. Ha um aperfeiçoamento do individuo, assim como ha um aperfeiçoamento da especie; mas lento, gradual producto de accumulações successivas e hereditarias, que só apparecem e avultam com o tempo, atravez de uma longa série de gerações. O homem emocional e intellectual de hoje não é certamente o mesmo dos tempos da pedra polida ou das habitações lacustres; não é mesmo o que foi nas civilizações polytheistas da Grecia ou de Roma, ou da media-idade. O dever juridico restringe-se a uma esphera cada vez menor, mais estreita e limitada, ao mesmo tempo que o dever moral alarga dia a dia o seu campo de acção. A preponderancia da coacção, no dominio da conducta, vai diminuindo pouco a pouco, para dar lugar á influencia espontanea da consciencia que se amplia constantemente. O direito, que era a regra, vai cedendo o passo á moral, cujo imperio se alarga. Por maiores que sejam, porém, as modificações operadas neste sentido, ellas nunca conduzirão o homem a um grão de perfeição tal que venha a excluir de uma maneira absoluta, das manifestações de sua actividade, a necessidade do elemento coercitivo do direito. O reinado exclusivo da moral como norma qual de conducta, é uma pura utopia. Elle supõe a perfeição e esta nunca poderá ser attingida. Quando dizemos, portanto, que não acreditamos na paz perpetua, não queremos significar sinão que só alcançaremos aquillo que está dentro dos limites do possivel para a humanidade, que é o que chamam os publicistas — o estado de paz. A guerra não será certamente supprimida, mas deixará de ser a regra, para se tornar uma anomalia ou um simples caso pathologico. Eis, em resumo, o nosso modo de pensar.

E' evidente, portanto, que não podemos considerar o regimen da "paz armada", em que vivemos, regimen absurdo e monstruoso aos olhos da moral e da justiça, sinão como uma grave anomalia social, um caso extranho de metamorphose regressiva, que de modo algum se compadece com os pacificos intuitos da civilização contemporanea. O eminente jurisconsulto ha pouco citado, do alto de sua cadeira de professor, com o espirito profundamente abatido diante do deploravel espectáculo que offerecem as grandes potencias occidentaes que se consomem doidamente em custosos preparativos militares, numa verdadeira furia bellicosa, em que parecem dispostas a gastar a ultima

gotta de seu sangue, na conservação de enormes exercitos permanentes e na construção de fortalezas e de poderosos contraçados, formidáveis engenhos de destruição e de morte, exclamou cheio de magua e tristeza: — "Que professor de direito publico ou privado, contemplando o que se passa em torno de nós, poderia esperar sequer des-cobrir os meios de regular e, muito menos ainda, de enfraquecer e aniquilar essas forças prodigiosas que parecem agora tão favoráveis á guerra? Os factos se juntam aos algrismos, para demonstrarem igualmente o desenvolvimento enorme dessas forças, tanto em volume, como em poder." Sente-se realmente invadido o espirito por uma profunda tristeza, ralado o coração por immensa dôr, ao contemplar-se esta extranha furia bellicosa, que vai pouco a pouco transformando o mundo num vasto acampamento, em que os operarios dos campos e da industria vão se metamorphoseando em soldados e o rumor das machinas vai sendo abafado pelo rufar dos tambores.

Uma tal situação não pôde absolutamente deixar de caracterisar-se por uma extrema instabilidade. O sólo sobre que assentam as sociedades contemporaneas parecem solapados por immensa mina, preste a explodir. Estamos todos sob a iminencia de uma medonha catastrophe. A tranquillidade de que gozamos não é senão apparente. De um momento para outro podemos nos achar mergulhados na mais terrivel das conflagrações. Basta para isso que esses immensos regimentos de homens armados, que se acham accumulados nos quartéis e estendidos ao longo das fronteiras, pensem um dia na immensidade de sua força e sejam tentados pela posse do poder. A deliciosa ociosidade que desfructam, enquanto a guerra não estala é para a paz interna um longo pesadelo. Triste o dia em que o soldado, cansado de esperar inimigo, se decidir a tomar de assalto o governo. Todos tremem só de o pensar. Entretanto, essa intervenção do exercito na politica, apesar de funestissima, é uma solução que não está fóra dos limites do possível. As tropas que hoje guarnecem as fronteiras e garantem a integridade do territorio podem amanhã ser os agentes inconscientes de uma formidável subversão da ordem interna. Nada mais fragil neste seculo do que a disciplina militar. A obediencia ao commando, que é a sua base, é uma pura convenção, que a consciencia do soldado, agitada pela ambição, pôde apagar a qualquer momento. Os caudilhos de todos os tempos e todos os regimens são filhos das fileiras, dellas se servem e para ellas trabalham. E' dahi tambem que surgem os cezares, dominadores sinistros, que fazem recuar a civilisação, chacinando os povos e encharcando a terra de sangue.

O eminente juriconsulto, que por vezes temos citado, estudando as possibilidades desta intervenção das classes militares na politica interna das nações, chegou á conclusão de que "quanto mais populares são as instituições, mais difficil se torna impedir que o exercito se intrometta na politica. As insurreições militares são combinadas por officiaes, mas sempre depois que cada soldado tem chegado a descobrir que sua parcella de poder, enquanto unidade do regimento, vale bem mais do que sua migalha de poder, enquanto unidade num collegio eleitoral. As revoltas militares são de occurrência universal; mas na Hespanha e nos paizes de lingua hespanhola ellas se têm produzido em numero maior do que em qualquer outra parte. Tem-se apresentado explicações muito engenhosas deste facto, mas a unica explicação manifesta é o habito. Um exercito que interveiu uma vez na politica experimenta uma viva tentação de intervir de novo. E'

esse um processo muito mais fácil e muito mais eficaz, para fazer prevalecer a sua opinião, do que lançar mão do escrutínio. Além disso, o resultado é muito mais proveitoso aos seus instigadores." Fatal a todos os respeito, essa intervenção deve agravar-se naturalmente nos países de organização mais democrática. O antagonismo que então se manifesta entre o espírito de disciplina, base da organização militar, e a liberdade de crítica, essência do regimen democratico, é uma ameaça constante á permanencia das instituições e á conservação da ordem publica. Entre a disciplina e a critica não ha conciliação possível. São dois estados de consciencia que se excluem mutuamente. No dia em que o soldado, sahindo das fileiras, tentar fazer-se cidadão, estará morta a obediencia, e, com ella, o prestigio da auctoridade.

Ante a iminencia de tão graves perigos, vê-se bem que não pôde ser consoladora a perspectiva que se desenrola aos nossos olhos. Devemos confessar resignados que temos effectivamente diante de nós um futuro cheio de ameaças, que se desenha com cores negras e que traz envolto em suas dobras o prununcio de modificações profundas e inevitaveis. O esboço que acabamos de traçar, rapido e singelo em suas linhas geraes, quanto ás perniciosas consequencias que podem advir da revulsão ao regimen militar, seria entretanto, incompleto, sinão accrescentássemos, como uma seria aggravante desse deploravel estado de cousas, a agitação socialista, profundamente revolucionaria em seus intuitos, que sóbe como uma grande onda demolidora, ameaçando subverter em seus proprios fundamentos toda a ordem social contemporanea. Quaesquer que sejam as suas causas, economicas, sociaes ou moraes, é evidente que esse grande movimento das classes operarias, muito embora se traduza na apparencia por uma continua repetição de conflictos entre o capital e o trabalho, tem uma significação muito mais importante e caminha para uma solução muito mais grave. Producto dos espantosos desenvolvimentos da industria, que tem favorecido nas grandes cidades a formação de enormes agglomerações de operarios, em torno de fabricas e usinas colossaes, essa agitação recrudesce cada vez mais, com verdadeira furia proselytica, e manifesta uma tendencia bem pronunciada em invadir as fileiras militares, convertendo os quartéis em focos perigosos de propaganda. O grito de guerra que dahi surge, sinistro e colérico, como uma sentença de exterminio, contra a propriedade, a familia e o estado, indica bem os anarchicos intuitos dessas multidões descontentes, sacudidas pelos instinctos aggressivos da humanidade primitiva, ao mesmo tempo que põe em toda a sua luz o seu pavoroso programma de demolição. Hoje ainda esparços e pouco unidos, mas amanhã solidarios e fortes, como fanaticos sectarios de uma religião, que prega a felicidade aos pobres e humildes, com o despojo dos ricos e poderosos, esses grupos de proletarios se alastram e se estendem de uma maneira verdadeiramente assustadora. Comprimidoss ainda hoje em seus protestos pelas tropas dos quarteis, amanhã confabularão com ellas, suggestionados todos pela mesma crença, em busca do mesmo ideal. Estará longe o dia dessa confraternisação? Só a sua possibilidade é bastante para pôr em franca evidencia a gravidade do perigo. A propaganda pelo contagio layra como um incendio, derrocando um a um os velhos dogmas, alicerces moraes de toda nossa complicada estrutura social. Já a ninguem mais é permittido illudir-se.

Um dos mais brilhantes escriptores de nossos tempos, sociologista

e philosopho, affeito aos penosos labores das investigações scientificas, observando estes graves symptomas da profunda anarchia dos espiritos, chegou á dolorosa conclusão de que o socialismo, máo grado as conquistas da liberdade e da sciencia, é inevitavel. "Será talvez a maior desgraça que o mundo terá jámais de presenciar; mas ahí vem fatalmente e muito mais depressa do que geralmente se pensa". Este frio conceito do eminente pensador, repassado de amargura, como a sinistra prophesia de uma tremenda calamidade que nos aguarda, encerra incontestavelmente uma triste verdade, para todos aquelles qu ejá não se illudem com a apparente estabilidade, em que ainda vivem as sociedades contemporaneas. Affirmando terminantemente que o socialismo será a maior desgraça, já hoje inevitavel, que o mundo terá jámais de presenciar, elle quiz evidentemente attestar a absoluta impossibilidade que se lhe depara, principalmente da parte dos poderes publicos, ainda mesmo armado dos meios de repressão que dispõem, de fazer abortar o movimento. A agitação socialista tem adquirido um tal incremento e tem assumido taes proporções, generalisando-se por tal fórma na consciencia simplista das multidões, que o choque ha de fatalmente se dar, qualquer que seja a resistencia que se lhe opponha. O socialismo é uma força que já não pôde ser mais desprezada e com a qual é preciso contar nos calculos da politica contemporanea. E' um novo evangelho que se annuncia pela bocca de novos prophetas, cheios de abnegação e de fé, que tentam supplantar a lei antiga, procurando a egualdade absoluta e prometendo á humanidade um delicioso paraíso. A luta é, pois, inevitavel. Não ha forças que a possam conjurar. Assim tambem, quando elle prognostica para o futuro uma enorme desgraça, a maior talvez que o mundo terá de presenciar, certamente quiz indicar que a luta vai ser tremenda e cheia de horrores, como um duello de morte entre um mundo que se levanta, arvorando um novo dogma, e um mundo que cambaleia, corroido pela descrença. O que poderá haver de desgraça, nesa luta medonha e encarniçada, não pôde talvez pintar o pincel de ninguém, por mais negras e carregadas que sejam as suas tintas. Presente-se apenas, cheio de espanto e terror, que o mundo cairá num immenso cahos, em que o furor dos elementos revolucionarios, violentamente desencadeados, caminhará como as chammas de um incendio illuminando com o seu sinistro clarão as ruínas das instituições humanas. Tal o lugubre painel que parece ter querido desdobrar aos nossos olhos o estimado publicista.

Um momento de reflexão, todavia, é bastante para nos mostrar que a doutrina socialista, máo grado as grandes esperanças que desperta cada vez mais no coração das massas populares, nunca poderá alcançar mais do que um ephemero triumpho. Os seus prophetas incançaveis e cheios de ardente esperança acreditam piamente que não vai longe o dia em que o novo evangelho social fará a conquista das consciencias e celebrará a sua victoria. Precisamos, contudo, não nos esquecermos de que o paraíso com que acena aos espiritos a nova crença, como o idéal da felicidade social, se dissipará como uma amarga illusão, no dia mesmo do seu triumpho. A felicidade que ella promette e que é o segredo de sua prodigiosa expansão proselytica terá de ser realisada nesta vida ou cairá como por encanto toda a sua influencia suggestiva. A vida da humanidade é uma carreira sem fim atraz de um bando de chiméras. Umas se desfazem hoje, amanhã seguem as outras. A hora da realidade é sempre a hora da decepção e da amargura. Chegado o momento de celebrar o triumpho, chegará

também o momento de cumprir a promessa; e a doce chiméra, que tanto acalentára a alma ingenua das multidões, transformar-se-á em profundo e amargo desengano. Faltam ao socialismo o encanto e o prestígio que sabem imprimir às suas promessas as velhas religiões, transferindo-as para uma vida futura, "força principal até aqui das grandes religiões que tem conquistado o mundo e que tem durado. Todas as promessas de felicidade do socialismo devem se realizar neste mundo. Ora, a realização de taes promessas terá de ir fatalmente de encontro às necessidades economicas e psychologicas, contra as quaes o homem é absolutamente impotente. Eis porque a hora do advento do socialismo será também a hora do seu declínio."

Ainda mais. Sob o ponto de vista philosophico, o socialismo nada mais é do que a tentativa de uma reacção arbitraria da collectividade sobre o individuo, tendo por fim a remodelação completa da sociedade e por instrumento o governo. E' o predomínio absoluto e caprichoso da vontade em todas as manifestações da vida social. Tanto basta para pôr em franca evidencia o seu vicio organico como doutrina. Assim como ha uma ordem cosmica, que se traduz pelas evoluções regulares dos corpos no espaço, quando descrevem em torno de seu centro de attracção suas bellas curvas ellipticas; assim como ha uma ordem physica, á qual se subordinam os corpos na superficie da terra, nas manifestações constantes de suas propriedades; assim como ha uma ordem chimica, que transparece maravilhosa nas condições de afinidade dos diversos elementos, quando se agrupam para a formação dos multiplos compostos, inorganicos ou organicos; assim como ha uma ordem biologica, que exprime as condições da vida; assim também ha necessariamente uma ordem social tão real e positiva como essas outras e que regula a vida da humanidade na superficie do planeta. O dominio das leis materiaes abrange também a humanidade. A ordem é universal. No amplo seio da natureza não ha lugar para o arbitrio. Tudo é regular e uniforme. Diante do determinismo dos phenomenos, não ha outro remedio sinão reconhecer a nossa absoluta impotencia e proclamar resignados a submissão da nossa vontade. A humanidade é um ser superior, que tem um destino a realizar no nosso planeta e que não póde retroceder em sua marcha, máo grado as loucas tentativas dos descontentes. Os factores economicos, politicos e psychologicos que influem sobre a vida dos povos, escapam absolutamente á intervenção caprichosa de nossa vontade. Não se remodela uma sociedade como se fosse uma simples massa de cêra ou de argila molle. Iniquidades sempre houve e os descontentes são de todos os tempos. São calamidades inevitaveis como a velhice, a doença e a morte. Para eliminá-las seria preciso eliminar a humanidade.

Para se acreditar no triumpho definitivo, seria preciso admitir que a natureza humana pudesse de uma maneira brusca e repentina, passar por uma modificação profunda e radical. Uma tal hypothese, porém, é absolutamente insustentavel e repugnante ao espirito scientifico de nossos tempos. O homem physico, emocional e intellectual de nossos dias não é obra perfeita e acabada, que sahio espontanea das mãos de um creador, como o acredita a lenda biblica, senão o producto natural de série inapreciavel de metamorphoses anteriores, de uma longa e penosa evolução por que tem passado, sempre modificando-se em seus instinctos, seus sentimentos e suas idéas, desde os tempos em que vivia errante nas florestas, abrigando-se debaixo das rochas e nas profundezas escuras das cavernas, ao lado dos grandes



pachidermas e dos ferozes carnívoros antídiluvianos, seus estranhos commensaes, até atingir o typo de perfeição relativa, que hoje o distingue como um ser moral superior, consciente de sua força e de seu destino. Nessa marcha dolorosa através de épocas incontáveis e de dificuldades inúmeras, que pareciam insuperáveis á sua fraqueza primitiva foram-se criando lentamente, graças a uma luta incessante e cheia de desfalecimentos, cousas e instituições, que se foram desenvolvendo pouco a pouco, transmittindo-se de geração em geração, pela tradição e pelo ensino, sempre crescendo e avolumando-se, até chegarem a constituir esse maravilhoso conjunto tão variado e tão rico, que se chama a civilisação contemporanea. Uma vez conhecida como está a lei geral desses phenomenos apesar de sua enorme complexidade, repugna ao espirito scientifico de nossos dias, como a mais extravagante das aberrações humanas, essa tentativa insensata de uma brusca subversão da ordem social, que proclama abertamente o socialismo.

Os apóstolos da nova crença contam, é certo com a extrema fascinação que exercem sobre a alma simplista das multidões as seductoras promessas de um delicioso paraizo de felicidade, neste mundo tão cheio de iniquidades e de injustiças; desconhecem, porém, de uma maneira lamentavel os caracteres psychologicos mais profundos e mais energicos dessas mesmas multidões. "Os socialistas acreditam que as multidões serão facilmente arrastadas por elles — pondera um illustre psychologista — mas logo descobrirão que é nesse meio que se acham, não seus alliados, mas seus irreductiveis inimigos. As multidões poderão sem duvida em suas coleras de um dia, abalar furiosamente o edificio social; mas logo no dia seguinte ellas acclamarão o primeiro Cesar, cujo penacho avistarem e que lhes prometta restabelecer aquillo que ellas quebraram. O que domina na realidade as multidões, nos povos que possuem um longo passado, não é a mobilidade, mas a fixidez. Seus instinctos destruidores e revolucionarios são ephemeross, e enquanto que seus instinctos conservadores tem uma tenacidade extrema. Seus instinctos destruidores poderão permittir ao socialismo triumphar por um instante, mas os instinctos conservadores não lhe permittirão durar, ao menos em sua forma actual. Em seu triumpho como em sua queda, nenhuma parte terão as graves argumentações dos theóricos. Ainda não soou a hora em que a logica e razão serão chamadas a regular os encadeamentos da historia." O socialismo é, pois, inevitavel; mas o seu triumpho será apenas de um dia. Será uma grande desgraça; mas os seus effeitos serão ephemeross.

Esboçado assim ainda que de um modo incompleto e com côres apagadas, o sombrio quadro da profunda anarchia em que se debatem as sociedades contemporaneas, parece-nos ter posto em relevo o grande mal de que soffrem presentemente os povos cultos. Este mal, que affecta radicalmente a ordem social em seus mais solidos fundamentos, caracteriza-se, segundo o nosso modo de pensar, pela insufficiencia moral da sciencia; como disciplina individual e social; pelo desprestigio crescente da religião como laço de união das consciencias; pela ruptura do equilibrio internacional, em virtude da inefficacia da solução diplomatica; pela reversão ao militarismo, como um elemento perturbador economico e, finalmente, pela agitação socialista, com suas theorias subversiva e anarchica. Sente-se, por toda a parte, assim na sciencia, como na religião, na moral ou na politica, a falta absoluta de uma auctoridade, que se imponha pelo seu presti-

gio e que se faça respeitar pela sua força. A restauração da auctoridade, eis a grave questão do momento, questão suprema para todos aquelles que se dizem amigos da ordem e do progresso e que fazem o maximo empenho em salvar da ruína, que as ameaça, as brilhantes conquistas da civilisação. E' preciso que se procure em qualquer parte um ponto seguro de apoio e que em torno d'elle, como um centro de convergencia de todos os esforços, se organisa desde já a resistencia, si por ventura se quizer não conjurar mas diminuir pelo menos os calamitosos effeitos da tremenda crise que se approxima. Esse ponto de apoio não pôde ser, no momento angustioso em que nos achamos, senão o governo. O que é preciso, portanto, é restaurar de um modo completo, com todo o seu prestigio e sua força, a auctoridade politica, unico centro de resistencia que ainda resta, contra a onde invasora da dissolução. Urge, pois, imprimir á machina governamental, após uma modificação radical em sua estrutura, toda a energia de que ella precisa, para resistir aos golpes inclementes das multidões que se revoltam. O problema é excessivamente grave e não pôde mais ser adiado, sem o sacrificio de nossa civilisação.

A crise em que nos achamos é identica a uma outra por que já passou outr'ora a humanidade e pôde, até certo ponto, ser conjurada pelos mesmos processos que então foram empregados. Mão gráo a tendencia, que em todos nós parece innata, de esquecermo-nos facilmente daquillo que está longe, principalmente quando nos preoccupa aquillo que está perto, é sempre conveniente lançar sobre o passado uma vista retrospectiva e tirar dahi os preciosos ensinamentos, que a experiencia dos seculos anteriores pôde nos fornecer. O grande philosopho, a que por vezes já nos temos referido, notando este grave defeito de nossa organização mental, observa de uma maneira pittoresca, clara e singela, como convem ás grandes verdades, que, "quando se vê, por exemplo, numa tempestade, as ondas demolirem um navio naufragado ou arrancarem as pedras dos diques, fica-se naturalmente impressionado pela enormidade de seu poder. Mas, desde que se observa que sem os ventos nada de semelhante se produz, reconhece-se que o mar é por si mesmo impotente e que a força que faz destruir os navios e massiços de nataria provem das correntes de ar que agitam a sua superficie. Todavia, si não remontassemos além, não poderíamos reconhecer a força que opera essas modificações admiraveis. Em si mesmo, o ar é tão passivo como a agua. Não haveria ventos sem os effeitos variaveis do calor solar sobre as differentes partes da superficie da terra. Ainda não é tudo. Não basta ter transportado até ahí a origem da força que mina os rochedos e os derruba, para attingir sua fonte ultima. E' preciso ir mais longe. Sem a concentração continua da massa solar, causada pela gravitação mutua de suas partes, não haveria radiação solar. Esta tendencia que tem todo o mundo a attribuir a força ao apparelho visivel que a exerce, em vez de a ligar á fonte despercebida de onde ella provem, exerce uma influencia perniciosa sobre nossas idéas em geral e particularmente sobre nossas idéas politicas."

Da mesma fórma, quando se contempla apenas superficialmente a perturbação que vai lavrando em todas as espheras da actividade humana, a desordem que vai se alastrando pouco á pouco por todas as camadas sociaes, o desprestigio sempre crescente em que vai cahindo dia a dia a auctoridade e que nos parece arrastar fatalmente para o desgoverno geral, com o desconjuntamento inevitavel da grande machina social, é muito natural que, diante dessa ameaça iminente de



uma dissolução completa de nossas instituições e de nossas crenças, apodere-se de nós, sem que disso nos apercebamos, uma espécie de terror panico, que nos leva insensivelmente a exagerar desmedidamente a gravidade do perigo presente, attribuindo á causa apparente que o produz uma força muito maior do que realmente possui, ao mesmo tempo que nos impossibilita de remontar pelo raciocínio á sua verdadeira origem, á fonte primitiva de onde decorre. A impressão que recebemos da iminencia do perigo presente perturba radicalmente a nossa visão intellectual e altera profundamente os nossos conceitos. Tudo se nos apresenta debaixo de um aspecto inteiramente falso, visto através de um prisma tambem falso, que deturpa as formas e desfigura os objectos. Victima de uma illusão, o nosso pensamento destaca diante da forte impressão do momento e só enxerga a causa apparente, avolumando-a, exaggerando-a cada vez mais. A agitação socialista tem exercido sobre nossas idéas essa perniciosa influencia. A rapida propagação de suas doutrinas pelas camadas inferiores, com a fê ardente de uma nova crença e sobretudo os perversos attentados do anarchismo, sua guarda avançada, são dois factos bem visiveis, que não podem deixar de ter exercido sobre a consciencia das classes conservadoras uma impressão bastante profunda. Dahi o terror panico que de todos se apodera, simples consequencia de um erro de apreciação. A agitação socialista não passa de um symptoma, o mais agudo talvez e por isso mesmo o que desperta maiores preocupações.

A crise actual, porém, é muito mais profunda; e, para bem comprehendê-la, é preciso remontarmos ao passado, á época que assignala na historia a queda do paganismo e o advento do christianismo. Foi uma phase excessivamente critica para a civilização daquelle tempo. As velhas crenças pagans, que tanto haviam cooperado para a evolução social, mergulhadas então em franca dissolução e já sem o mais leve prestigio sobre as consciencias, nenhuma força possuíam como disciplina moral, ao mesmo tempo que reclamava a vida social um freio bastante forte para contê-las em seus funestos desregramentos. O mundo antigo sentia-se profundamente abalado em seus alicerces, enfraqueceram-se todos os seus elementos de cohesão, partiram-se os laços de disciplina que ligavam as consciencias e achou-se a sociedade á beira de uma medonha catastrophe. Relaxaram-se os costumes, obliterou-se inteiramente a noção do dever, desapareceu o pudor e a vida dissoluta, com todos os seus desregramentos sensuaes e grosseiros, tornou-se a preocupação dominante. Foi um longo e angustioso interregno, em que as mais bellas conquistas da civilização antiga quasi que desapareceram e do qual a custo se salvaram com enormes perdas e sacrificios. Enfraquecida a disciplina religiosa, veio, porém, substituí-la a disciplina juridica. Foi justamente durante esse angustioso periodo que teve a jurisprudencia a sua mais gloriosa expansão, o seu mais brilhante desenvolvimento; foi a época de sua mais notavel florescencia, de seu maior prestigio e influencia. Foi amparando-se com os poderosos vinculos da disciplina juridica, obedecendo aos seus rigorosos preceitos e debaixo de sua sanção inexoravel, que a sociedade antiga se salvou e, com ella, as admiraveis conquistas da civilização greco-romana. Entre a queda do paganismo e o advento definitivo do christianismo, mediou, portanto, o reinado da jurisprudencia; reinado precario certamente e só justificavel nas épocas em que a unidade mental se acha rompida, mas suf-

ficientemente estavel, para preparar e garantir a supremacia do novo dogma.

O mundo moderno, como já ficou sufficientemente provado, atravessa, como o antigo, uma crise dolorosa e profunda. Todas as nossas crenças religiosas, politicas e sociaes acham-se quasi inteiramente destruidas. O christianismo, que outr'ora tão forte imperio exerceu sobre as consciencias, não é mais uma crença universal e nem exerce sobre as almas a influencia de uma disciplina vivaz e benefica. E' uma religião em franca decadencia, que apenas se conserva pela força da inercia e graças ao reconhecido misonicismo fundamental das multidões. A organização catholica, que foi a base sobre que se assentou e desenvolveu toda a vida social da media-idade, entrou em franca dissolução. Achamo-nos, como o mundo antigo, no angustioso momento em que uma velha religião, que já foi a arca santa da ordem social, sente perdido o seu imperio sobre as almas, sem que, entretanto, tenha surgido ainda a nova crença, que tem de empunhar o sceptro do poder espirital. A unidade mental rompeu-se e abriu-se um verdadeiro interregno na evolução normal das sociedades. A anarchia cresce sem cessar e ameaça demolir as instituições. A analogia é completa. Parece-nos, pois, que não nos resta outro recurso, para conjurar o perigo, senão lançar mão do mesmo expediente de que tão proveitoso uso fez o mundo antigo: appellar para a jurisprudencia e levantar os codigos á altura de verdadeiros evangelhos sociaes. E' preciso fazer do vinculo juridico a base de toda disciplina, a norma reguladora de toda a vida social. E' no imperio absoluto da jurisprudencia que está a salvação; e esse imperio só pôde vir com a restauração completa da auctoridade politica. Tudo quanto se fizer para fortalecel-a e prestigial-a, será uma obra de civilização e de progresso; tudo quanto se fizer para enfraquecel-a será uma obra de demolição e de anarchia. A machina governamental precisa, pois, ser profundamente modificada, para poder funcionar, neste angustioso interregno, como um poderoso centro de resistencia, até que se restabeleça de novo a unidade mental e que se inaugure de um modo decisivo o imperio definitivo da nova crença. Quaes devam ser as modificações a operar-se nesse sentido e até onde deverão attingir a estrutura politica, eis precisamente o objecto capital deste modesto trabalho.





AO LUAR

Ao mestre Amadeu Amaral

I

Abre-se dentro em mim, na florescência
de humana e quasi divinal bondade,
uma região de paz e suavidade,
em que vivo, em que sonho, na innocência.

Erra no ar perfumado por essência
rara uma sombra immensa de saudade:
recordação talvez de uma outra idade
de mais amor e de maior clemência.

Recordação, desejos de outro mundo
e sede de justiça e de virtude,
— tudo isso traz-me a sombra commovida.

E rezo e sonho, em extase profundo!
E nessa hora de paz que não illude,
bom, abenção a estupidez da vida.

II

Minha alma vae mais leve se tornando.
Flori, serena, num jardim de hyalinas
aguas doces correndo nas piscinas:
sente asas, ouve sons, brilha cantando!



Depois fica suspensa no ar, vibrando,
as asas: paira no ar sobre as campinas,
vae aos céos, vem á terra, entre divinas
e humanas ansias, bebedas, revoando.

E, casta como um lyrio, ao luar medita...
E se enche aos poucos das essencias raras
que o luar espalha, numa nução bendita.

Minha alma estende as asas, vibra e vóa.
E tem, vibrando as leves asas claras,
contentamento de sentir-se boa.

III

Os santos oleos, do alto, o luar derrama...
Eu, peccador, ao claro luar, ungido,
sonho: e sonhando rezo commovido
e arrebatado na divina chamma.

Deus piedoso, consolo do opprimido,
se compadece á voz que ardente clama,
porque meu coração, impura lama,
é um brado intenso para os céos erguido!

E o divino perdão desce da altura.
Grandes lyrios alvissimos florescem
sob a lua, floresce a formosura...

E nessa florescencia, immaculados
raios doces do luar piedoso descem,
chorar commigo sobre os meus peccados.

Rodrigues de Abreu.





NÃO PAGA A PENA...

OLIVEIRA E SOUSA

— Inda estamos longe?

O guia espalmou a mão, o olhar errando á esquerda, no verde-cinza da baixada:

— Quar! E' chegá na fazenda do seu dotô, e garrá a berinha do rio. Um fiapico. Allí do Pirova se avista. Num átimo tamo lá.

Entardecia. O engenheiro pernoitaria no Carrapicho e, ao alvorecer do dia, tocaria para o rio Novo. Contractara medição naquellas bandas: tarefa para um meio anno de serviço. Escolhido o pessoal, emmalados os instrumentos, seguiu resolute em busca de fortuna. Alta madrugada desse dia deixara elle a villa — ponto terminal da via-ferrea, levando na visão o aspecto extranho e triste da povoação adormecida na gloria alegre da ante-manhã estival, na pelle o frescor da aragem que a adocicava e na audição o accorde burlesco do "amiudar" dos gallos com o ladrido dos cachorros despertos. Caminhara todo o dia no trilho tortuoso e infindavel. Sentia-se exausto, o corpo molle e dolorido pelo chouto da cavalgadura, a cabeça zonha no meio da revoada das mutucas, a pelle queimada pela soalheira asperina... e o guia sempre a repetir que era "um átimo". Atraz iam os camaradas, em burros peludos, eguas lerdissimas, carregando á garupa caixotes com theodolytos, transitos, trenas, metros, planchetas, bussolas, estojos, cartões, lentes... Outros, no cabeção do arreo, trancos da "marcha-viajeira", agarravam supportes, atravessados em cruz, a escorregar infindavelmente para os lados. Praguejavam.

Tudo era melancolico. Sô anuns, de vez em quando soltavam



pios tristes, e carapinhês, no alto, equilibravam-se no azul sem jaca. O engenheiro ia alheado, parecendo ter a imaginação muito distante, a vagar num mundo sobrenatural e dulcíssimo. Aquellas capoeras sem fim, o dia calido, comburente, o silencio atroz... Os camaradas, soturnos. Morrera de toda a conversa. Só, por vezes, ouvia-se uma canção bizarra, mollenga, arrastada, fazendo accorde com a bulha ciscante da areia sob o passo frouxo das montarias. Abafava-se logo, tambem, parece que estrangulada pelo mormaço, dando logar a bocejos descoroçoados.

.....

"Meu filho! Ai... meu filho..."

Os viajantes sustiveram os animaes, de chofre. O grito parecia vir da esquerda, dorido, esganiçado, grito de mulher, gerando arrepios de pavor.

— Que é isso Juca?!

— Eu sei, patrão? Arma penada... credo! E persignou-se.

— Quem mora por cá?

— Hame, o mais chegado é seu dotô Sá. A casa tá li ansim, pra lá do matto, d'otra banda d'agua.

"Meu filho..."

— Que voz triste! Quem é esse dr. Sá?

E o Juca, lisongeadado, rindo superior, desembuchou:

— Quem num sabe? E' o fazendêro mais turuna deste fundão. Nem o coroné Terencio das inleição. Faiz uns dois anno que atorô pra cá, coa muic, casadinho de fresco, o safado... Gente de cidade. Ella, a tranquinha, é ua lindeza!... intê diz-que o primo garrô num caimento... num sei não...

Tomou folego, tarameleiro, já confiado, o matuto:

— Oie seu dotô: é um fazendão! Quano a gadaria desce pra riba da aguada, é só veno! E cada gordura! Dispoi, elle carregô pra cá um despotismo de machina! E' pra cascá café, para torrâ café, debuiâ mio, prantá, coiê, tirá leite, muinho, minjolo, ua tarequera! Pra mim, isso é bobage. Quano o cabra é bão, ua foice chega. Home cuera, seu dotô. Gosta da muiesinha que é um destempêro. Tamem lindeza tá li! E o tio, intão, o piquira? Nossa! E' um accó que num tem cabimento. E' só Mingote d'aqui, Mingote d'alli! A mó que só mamma na mammadêra! E já fala serio, o caicarinha, que nem gente grande. A mó qué sê home...

.....

— Que bella vivenda! Não esperava isto por cá...

— Antão? E' a casa do seu doutô...

Findo o capuêrão, que descahia de chofre em derrubada bruta, cheirando a cinza, com rastilhos de labareda recente, onde ger-



minava o milho tenro no meio das coivaras, desvendava-se, a meia collina, do outro lado da agua, a casa da fazenda, reluzente de vidros faiscando ao sol, cercada de palmeiras esguias e compridas como mastros, paredes caiadas, muito alvas, com toques azues no alto, e venezianas verdes. Pura "villa" italiana no coração do Brasil! Notava-se-lhe em torno uma agitação afanosa, um vae-vem continuo, para o lado da matta, nos fundos, especialmente. Correrias, gritos, signaes, pesquisas, confusão atabalhoada.

— E' argum mutirão — explicou o Juca.

Haviam caminhado um bocado, quando se lhes approximou uma caboclinha encardida, cabellos em tufo, olhos espantados, acanhada, torcendo a saia cor de terra:

— ...é que o minino suniu. Eu vim preguntá se mecês num viu elle ali pros caminho...

— Que menino?

— O Mingote, fio da patroa. Ella tá num berrero, arranca cabelo...

— Chegemos Juca. Vamos ver que é isso.

Rumaram para as palmeiras, trotando. Juca commentava:

— Ara veja! Será certo? Povre dotô! Cuitada da muê! Inda honte cedo passei pra qui, e vi o sdois lá no terrero, esquentano sor, muito se quereno, abraçado um nôtro, e o Mingote vermeio que nem um sacy nos hombro delles! Cum franqueza, eu virei a cara, mode num vê. Só alembrei da minha Maruca... eh, Maruca...

Plá, plá, plá... Oh! de casa!

— Esta gente tá tudo surdo! Num vem ninguem... Oh! de casa! Eh, rapaiz!

Meu filho...

O gemido partia dos fundos, agudo, plangente. A voz continuou, incerta, soluçada, fina:... "foram os ciganos que roubaram... eu sei, são ladrões de crianças... Mingol!" E uma voz de homem, cava, lugubre:... "não foram os ciganos. Já foram revistados. Foi alli no matto que elle se perdeu". Depois, gritos lancinantes, uivados, soluços...

Gallinhas piscavam no terreiro, rodeadas de pintos, no meio da cabritada lepidamente saltando, e cabras pensativas a ruminar. A natureza era calma, indifferente. Anoitecia. Tudo era extranho á dor que, naquella pedaço de deserto, tambem estrangulava a alma humana... O engenheiro olhou o ceu. Pareceu-lhe que uma nuvem muito branca, muito tenue, tomava aos poucos a forma que os egypcios imaginaram para o enigma terrivel, para a Esphinge...

— Vamos, Juca. Que podemos fazer aqui? Não tenho coração para estas coisas...



- Quar! Este mundo de Deus num paga a pena...
O engenheiro reparou na face do guia:
— Que é isso? Está chorando?
— E' mode o suô. Mais seu doutô tá cos ôio moiado...
— E' suor tambem.
-

Ouviram uma cantiga fina, comprida, triste como a propria tarde.

— Estão cantando?

— Que duvida! E' a ciganada, alli perto do morro, na samambaia.

— ... la suerte, caballeros! La suerte, la buena dicha...

E a ciganinha sacudia o pandeiro, fazendo soar as rodela de lata, saltitando, dengosa, com a longa saia de chita que lhe cobria os pés. Depois mostrava as cartas ensebadas, levantando-as para cima da cabeça, e cantarolando:

“Quando dejei la mia tierra,
un canarito me habló:
Paquita vá...”

O agrupamento de barracas, visto de longe, parecia desmedida colmeia. Entre ellas apinhava-se gente, inquieta, corrê-correndo. Os pannos sujos, suspensos pelo meio a duas estacas e tendo os bordos presos ao chão, agitavam-se ao vento que desencadeara rijo, num repente, mostrando, dentro, os tarecos em desalinho, miserrimos. Havia de tudo, no acampamento: cães magros, peludos, ganindo desesperadamente, cavalgaduras pastando, cabras amarradas em tocos, homens cor de terra, de camisa azul, gesticulando e, tecendo em zig-zag, mulheres de saia vermelha a cantarolar canções extranhas. A espaços, viam-se caixões servindo de berços, onde choramingavam pirralhos, esperneando no meio de palha de milho, redes, presas em estacas, sustendo velhos tremulos. Ouviam-se gritos agudos, berros roucos, reboos de chamados, um bater de latas...

O engenheiro via, indiferente, o quadro pittoresco. Empolgava-o, extranhamente, o drama de dor de havia pouco. Recolhendo redeas entreparou, voltado para a casa da fazenda, aprumando o ouvido. Julgou distinguir, morrendo em echos, ao longe: “meu filho... os ciganos...”

— Toquemos, Juca!

II

Uma lassidão morna, deliciosa, empolgava-lhe o corpo aconchegado pelos cobertores da cama de campo. Espreguiçou-se. Abriu os olhos. Amanhecia. Pipilos hilares de aves, "frou-frous" de azas, bulhas de ramagens, resomnar dos camaradas estirados pelas barracas, orquestração em surdina das vozes ignotas da floresta...

O engenheiro sentou-se na cama, sobre a esteira de tabua, fincou os cotovellos nos joelhos, meteu o rosto entre as mãos. Pensava: seis meses naquele rude trabalho! Dias, semanas, meses a fio, à mercê do sol ou da chuva, batendo matto, levantando mapas, a calcular infundavelmente, o olho pregado na lente do theodolito... E' dura a vida! Julgou ingrata a sua profissão. Tomou-o, aos poucos, uma suave nostalgia, muito triste mas muito doce... a família, os amigos, a sociedade, a vida, enfim! Dilatou as narinas, respirando forte; parecia-lhe sentir um odor suavissimo de corpo de mulher... Passou-lhe pela retina, em procissão phantasmagorica, estonteante, uma fileira de sobrados batidos de luz clarissima, ladeando ruas lisas, alvas, avenidas amplas peçadas de vehiculos bulhentos, coalhadas de gente como um formigueiro, num bruhá há incessante, enervador. Levantou-se. Espiou por uma fresta da barraca. Um nevoeiro espesso começava a toldar a mata, ondulando em baixo.

Enfim... ia regressar!

— Juca! O' Juca, acorda, homem!

— Madrugá deste geito? O frio tá caíçara!

— Desperte o pessoal. Mande arrumar os cargueiros. Dentro de meia hora devemos estar de caminho. Arre! Caramba, que é para desanimar um christão! Enfim... vamo-nos embora. Também estou exausto de aturar mosquitos.

.....

O regresso foi divertido. A camaradagem estava disposta. Também era como se fugissem de um desterro! Varios dias de caminhada, e não houve carencia de prosa, canções brejeiras, dictos espirituosos que os desmanchavam em risadas desdentadas, fazendo-os cuspir de esguicho, de gozo...

— Ciganos outra vez?

— Tá cum geito.

Na baixada branquejavam barracas, como manchas alvas no escuro desnudo da pedreira.

— Olé! Olha a cigarinha do outro dia, a da buena-dicha! Deve ser a mesma caravana!



— Pois então? Esse bicho num pára. Andam pra-hi pidonhando os caicara, que nem Divino. Caborterada tá li! E só furtá, furtá, que é um Deus-nos-acuda! E ladino, num faiz breganha sem passá manta. Gente atôa, canaiada...

—... que Diabo de mulher é aquella?

Tinham ladeado as barracas. Acocorada a uma banda, maltrapilha, só ossos, horrenda na attitude agressiva de douda, pobre creatura monologava, rouca, com olhares desvairados...

— Que será que está a dizer?

— Eh! Assombração!

A voz lugubre repetia, em intervallos:

— Me...u fi...lho... os ciganos...

Ciganinhos atiravam-lhe pedras, espantando as varejeiras que revoavam em torno della.

— Para deante, Juca. E' triste...

O engenheiro, de um lance, entrevira toda a extensão horrivel da tragedia...

E trotaram, naquelle quieto descambar de tarde.

— Olha aquelle homem!

— A mô que tá matano cobra...

— De certo perdeu alguma cousa na capuera.

— Chi! Seu dotô; oie a fazenda de seu dotô Sá! Será que a peste braba andô pr'aqui? Virô tapéra!

Dir-se-ia que a Ruína em pessoa passara por alli. No espaço d'aquelles poucos mezes, da optima fazenda restava apenas emaranhado capoeral.

— Vamos ver o que está fazendo o homem. E' só bater no sapé, parece sonso.

— Olá, patricio!

— Foi aqui... foi aqui...

— Que é que foi ahí?!

— Foi aqui...

— Quem é o senhor?

— Foi aqui... aqui...

.....

— Cumpade Carancho, por aqui!

— Nhô cumpade Juca, como vae? Vorto da villa.

Muié ta cum sessão, fui buscá um porrete pr'ella...

— Diga ua coisa cumpade: que fim levô seu dotô Sá?

— Credo in cruiz! Num é bão fala, mais porem acho que foi arguem lá da cidade... Gente de cidade é o diacho! Quano robaram o Mingote...

— Num pareceu mais?

- Qu'esperança! Num viram um home alli rente co'o matto?
- Bateno cum pau no sapé?
- Pois é o seu dotô Sá. A muié ensandeceu, a povre, dizem que os cigano tinha levado o fio, e lá anda atraiz delles por toda parte, que faiz dô. Seu dotô Sá inda tinha ficado cum cabeça, mais porem quano viu a muié dá de sahi que nem ua pintada atraiz da ciganada, num arresistiu mais, e foi abobano devagarinho, sem guaiú. e lá anda a batê na samanbaia dizem que o fio se sumiu lá. Eu sempre disse qu'este mundo é ua porquera! Deus me perdôe, mais pra mim foi arguem lá da cidade.

III

Dezesete annos mais tarde. O engenheiro espairece pelas ruas da villa socegada, vendo moleques que brincam com fava:

- Olá Dona Josephina! Ha quanto tempo... como vae?
 - Mal e mal doutor. A velhice vem chegando, a gente vae morrendo para o mundo...
 - Quasi que não a reconheci! Tambem, vinte annos...
 - Eum! No era para menos. Ah! Que tempinho!
 - Quem esse rapagão que sahiu d'aqui?
 - É' o Mingote, um rapaz que criei, filho de um fazendeiro.
 - De um fazendeiro?! E precisou a senhora criar!!
 - Sim. Eu o furtei.
 - Que historia é essa?!
 - Eu lhe digo. Agora não tenho mais medo. Vou morrer logo. Eu amava esse fazendeiro. Era um amor como não ha dois na vida, desses que trazem a felicidade para sempre, ou para sempre a desgraça. Para mim trouxe a desgraça. Elle me despresou e casou com outra. Mas eu jurei que o primeiro filho d'elle havia de ser meu...
 - O nome desse fazendeiro?!
 - Agora acho que não tem mais nome, porque já morreu. Mas em vida era o Dr. Sá.
- O engenheiro teve um mundo de recordações da longinqua mocidade cheia de esperanças, do tempo em que conhecêra a Zéfina na graça galharda dos vinte annos cheios de illusões. Agora, de vez em quando, murmurava:
- Tinha razão o Juca: este mundo não paga a pena...

Jahú — Julho, 921.



*Ricardo Gonçalves IPES —
Ed. Monteiro Lobato & C. —
S. Paulo — 1921.*

Ricardo Gonçalves, a mais sympathica figura de poeta dos ultimos tempos em nosso paiz, foi tambem, decerto, o que mais irmanado andou com o sentimento nacional.

O romanesco do seu typo de Campeador, gestos e rasgos impetuosos, talhara-o para os grandes triumphos na vida. Era o paladino, á antiga. Foi o querido das massas. Par a par com o homem, o poeta foi tambem o eleito da multidão. Completava-se-lhe a personalidade.

O nacionalismo, palavra morta, neologismo que ainda não tomara voga, então nem sequer se havia formado lexicamente. Os jornaes e as revistas, entretanto, andavam cheios das mais lindas e sentidas quadrinhas do vate paulistano, todas a rescender do perfume agreste, a trescalar o aroma das mattas. Eram um encanto. O caipira, no livro e no theatro, fazia rir apenas. Ricardo Gonçalves viu mais longe, viu-lhe a alma e nos fez sentir toda a poesia da roça e da sua gente. Com syntaxe e em versos perfectos, o caipira que apresenta é, contudo, o mais vivo e verdadeiro.

Ricardo foi o precursor do nacionalismo na poesia.

O fundo popular da sua poesia, sob uma forma apurada e culta, deu-lhe esse admiravel equilibrio, que lhe valeu a qualidade — que é sua mais que de ninguém —

de grande expoente da collectividade, do mais largo expoente mesmo do sentimento poetico da nossa gente. Sob esse aspecto, a sua obra é um prodigio de equilibrio: o maximo de inspiração sertaneja e o maximo de litteraria traducção della. Por isso, teve sempre o mais largo circulo de admiradores e o seu livro tem agora a mais vasta procura.

IPES nunca foi um livro propositalmente escripto. Fez-se naturalmente. Morto o poeta, nas tragicas circumstancias em que morreu, ficaram os seus versos, esparsos em manuscriptos e jornaes. Mãos piedosas de irmão e de amigo os reúnem agora em volume. Levam como titulo — *Ipês*, arvore da predilecção do poeta, que seguidamente apparece nos seus trabalhos.

*Rosalina Coelho Lisboa—RITO
PAGAO — Ed. Monteiro Lobato & C. — S. Paulo — 1921.*

Não ha como desconhecer um grande poeta, de fibra rara e vigorosa tuba, á simples leitura destes versos:

Antes de celebrar os heroes de outra
fedade,
Exalto a abnegação dos incognitos vultus,
Que firmaram, na sombra e no olvido
sepultos,
Preceitos da justiça e dogmas da verdade...

Voz assim canora e forte ha tempo que se não ouvia entre nós. Tão alta inspiração, tão direito aprumo e um sopro tal, animado de re-

miniscencias épicas, só muito raro se encontram em nossos letrados.

Eu canto a Índia antiga, a soberana terra,
Na aurea lei de outro tempo e aurea
[Luz de outras sôas,
E os poetas e os ricos e os dévas e os
[herões,
Que alto a ergueram na paz e alto a
[ergueram na guerra.

Mãos femininas lançaram no papel esses versos, cujo folego anuncia um alento, de que não se diria capaz a fragilidade de uma mulher. Rosalina Coelho Lisboa, primeiro premio da Academia Brasileira em 1921, revela-se desta guiza nada menos que um grande poeta.

Extraordinario caso! A sensibilidade da poetisa, delicadissima por certo, de preferencia aos transbordamentos de alma tão em voga, que convisinham a demencia dos sentidos — não teme o equilibrio das sensações, do sentimento, do proprio pensamento. Quando a poesia se encaminha para além da vida emotiva, com ingresso para o mundo dos instinctos e passaporte para o da lua, a de Rosalina Lisboa toma logar na galeria illustre em que formam os mestres do pensamento e da elegancia do pensar. Essa, a accentuada marca dos seus versos de ouro.

Não era preciso que o dissesse a auctora, tão visível, tão relevante é a nota em todo o livro. Disse-o, porém, tão admiravelmente que traçou uma profissão de fé, que não é a sua, pois que devera ser a de todos os poetas:

Pensa. No pensamento, exulta e gosa.
Nelle procura as sensações opinas,
E synthetisa, na arte real que animas,
O tumulto da vida rumorosa...

Transforma a dor na idéa victoriosa...
E para o altar em que teu sonho ani-
[mas,
Nas garras de ouro de quatorze rimas,
Engasta a maravilha luminosa.

Castigando a expressão, burla em riste,
Interpreta em teu canto a natureza...
Busca a invisível luz á sombra triste,

O bem secreto ao mal, força á fraqueza,
— Que a summa gloria de viver con-
[siste
Em desvendar aos homens a belleza!

E' surpreendente. A capacidade metaphysica não é nas mulheres o forte. O espirito feminino, ao contrario, propende decididamente para as realidades, sinão da vida, do coração ao menos. O singular espirito de Rosalina distingue-se exactamente pelo poder de metaphysica, de generalisação e universalidade. E' assim que nesse primoroso soneto chega á linda concepção da unidade das coisas: "Busca a invisível luz á sombra triste", ao mal o bem secreto e á fraqueza a força...

A essa mesma larga comprehensão das coisas moraes deve-se a estupenda belleza do soneto "A minha filha":

Faze de teu conforto e de teu pão
O bem de amigos e de estranha gente.
Aperfeiçoa, em sonho, a tua mente,
Aperfeiçoa, em dor, teu coração.

Si, no apogeu da desesperação,
As lágrimas te vierem num repente,
Que só povoem, silenciosamente,
O segredo da tua solidão.

Sê generosa para os maus e os nescios.
No embate cruel que a toda a vida vem,
Os teus desejos de ventura, esquece-os.

A má revolta de teu ser contém,
E os fios toma á tua magua, e tece-os,
Em trama de ouro, para o albelo bem.

A senora tuba do "Rito Pagão", pelo proprio clangor alto que a distingue, não se exime, ás vezes, de uns toques barbaros, de uns tons ríspidos, como neste verso — "Triumpho consagre-o em gloria ou derrota anniquile-o..." São raros, aliás, e desaparecem no mundo de originalidade, de força e de belleza que no livro se contém.

Quem escreveu "Trecho da carta" é, sem restricções, grande poeta:

Perdoa si te escrevo em verso. Escravo
[assim
Pois tenho, como dogma antigo, para mim,
Ser um consolo bom dizer a gente,
Na tortura do verso, a tortura que sente...

A edição, de Monteiro Lobato & C., é sem duvida a mais rica e fina que já se fez no paiz, trabalho do Est. Graphico "Pasquino Colonia-

le", de São Paulo. Parte, encadernada em camurça, representa uma ousada tentativa da indústria paulista.

Amadeu Amaral — DANTE — S. E. "Olegario Ribeiro" — São Paulo — 1921.

A comemoração do VI centenario de Dante foi condigna em S. Paulo. No Theatro Municipal, o sr. Amadeu Amaral, da Academia Brasileira, fez a mais bella conferencia das que fizeram por essa occasião no Brasil. Pelo estudo consciencioso do poema, pela forma em que o vasou, pela orientação e pelo conceito, nada temos que se lhe compare. A Academia de Letras, da qual se esperavam produções de largo folego, a sua obra resultou parcellada, fragmentaria, mofina.

A conferencia de Amadeu Amaral, que agora apparece em linda edição, é completa, pela informação, pela analyse e pela synthese.

Ruy Barbosa — ORAÇÃO AOS MOÇOS — Ed. "O livro" — São Paulo — 1921.

Uma das mais estupendas paginas do excelso estylista, esta "Oração aos moços", lida na Faculdade de Direito de São Paulo pelo sr. dr. R. Porchat, representante do paranympho.

Pouco, muito pouco já se escreveu, que se compare áquella maravilha de pensamento, de ideação, de dialectica, que é o prologo desse hymno de fé e civismo, symphonia esplendida em que vibram todas as notas da prosodia vernacula e todas as cordas da alma. A coincidência da formatura daquelles moços com o jubileu juridico do seu paranympho e a circumstancia da sua ausencia no proprio momento do exercicio dessa qualidade, forneceu-lhe thema para as mais bellas variações philosophicas sobre a

psychologia das gentes. "Longe dos olhos, longe do coração", esse motivo popular de tão encantadora poesia, dá-lhe margem, virado ao avesso, para a prodigiosa pagina de estudo psychico, em que o homem de letras deixa de o ser para se revelar o sabio.

"Oração aos moços", joia rara das nossas letras, apresenta-se em edição de excellente feitura.

Dr. Renato Kehl — O PERIGO VENEREO — D. N. da Saude Publica — Rio.

O dr. Renato Kehl, operoso escriptor medico, que o publico de São Paulo e Rio bem conhece por uma dezena de livros e folhetos sobre os mais variados themas clinicos e scientificos, acaba de publicar o folheto intitulado "O perigo venero", editado pelo Departamento da Saude Publica, de que é um dos dignos inspectores.

O trabalho vem illustrado com varias gravuras, que reproduzem os horrores dos males de natureza venerica.

Menotti Del Picchia — O PÃO DE MOLOCH — Typ. Piratininga — São Paulo — 1921.

Depois do poeta e do romancista, Menotti Del Picchia nos revela o jornalista. "O Pão de Moloch" é a sua obra de jornal. Com ella vem alimentando diariamente o velho deus resurgido na forma da Imprensa.

Contém o livro as chroniquetas de Helios no "Correio Paulistano", cujos leitores bem o conhecem.

Não ha, pois, revelação. Apenas, consolidação, em volume, de uma obra esparça.

M. Veiga Cabral — COMPENDIO DE HISTORIA DO BRASIL — Ed. Jacyntho Ribeiro dos Santos — Rio — 1921.

Em segunda edição apparece o volume "Compendio de Historia do

Brasil", da autoria do sr. Mario da Veiga Cabral.

O volume encerra cerca de trezentas paginas. Os capitulos attingem no estudo de nossa Historia os dias que correm.

R. P. — *CORAÇÕES* (Romanço brasileiro) — Ed. Livraria Garnier — Rio.

Es dois volumes excellentemente confeccionados, Tranquilino Leitão, que se occulta sob duas iniciaes, publica o seu interessantissimo romanço de costumes nacionaes, intitulado *CORAÇÕES*.

A acção complexa mas bem delineada, passa-se em varias regiões do paiz, desde o norte até o sul, apanhando assim os mais variados aspectos da vida brasileira e offerecendo margem a cotejos muito expressivos. Todo o trama do enredo desfecha em varios casamentos, o que dá a impressão optimista com que se conclue a leitura dos dois alentados volumes.

Com isso o auctor revela qualidades de narrador e criador, que não deve desprezar.

Belisario Penna — *EXERCITO E SANEAMENTO* — Typ. da "Rev. dos TRIBUNES" — Rio — 1921.

O sr. dr. Belisario Penna, illustre clinico e distincto cidadão, em quem as virtudes civicas equalam as profissionaes, umas e outras postas ao serviço activo da defesa da saude publica e do bem da nação, envia-nos varios trabalhos de sua lavra, entre os quaes "Exercito e Saneamento" e "Os dois mosquitos predominantes no Rio de Janeiro", os quaes merecem a attenta leitura de todos os que se interessam pelo paiz.

F. Iglesias — *"INSECTOS NOCIVOS E UTEIS AO ALGODOEIRO"* — Off. do "Jornal do Brasil" — Rio.

F. Ing'ezias, nome conhecido por varios trabalhos scientificos de reconhecido valor, dedicou-se ao estudo dos "Insectos vns e nocivos ao algodoeiro", produzindo o presente trabalho, que muito se recomenda aos srs. lavradores. E' um trabalho intelligente de observação local, que muitos serviços vem prestar.





O CULTO DA ALEGRIA

Bem considerado o homem é o mais miserável dos animais, com toda a sua inteligência, toda a complicação da sua vida moral e social, todo o seu orgulho. Tudo o que os outros animais têm, naturalmente, no homem é uma artificialidade: a habitação, o vestuário, a sociedade, a alimentação, o matrimônio, a saúde, a alegria.

Entre as definições pittorescas do homem está a de que elle é o animal que ri. E' o animal que ri, justamente porque é o mais triste. Sob o peso de tantas complexidades na sua vida, inclusive as preocupações da vida futura, roído, sem parar, pelo seu proprio pensamento, elle precisa crear elle mesmo a sua alegria, para não se afundar no desespero.

Ainda ha poucos dias, no morro do Castello, sob o influxo de uma palavra eloquente, mas terrivelmente triste, toda uma multidão se debulhou em lagrimas e convulsionou-se em soluços, pensando na miséria da vida e na necessidade de conquistar a vida futura pelo soffrimento. Que outro animal encogitaria para si mesmo um semelhante supplicio?

Conta Svett Marden que o millionario Vanderbilt, estando ambos em Constantinopla, pediu ao celebre comico Coquelín que lhe recitasse alguns monologos, a bordo do seu "yacht", amarrado no Bosphoro. Coquelín recitou tres dos seus monologos e alguns dias depois recebeu do millionario a seguinte carta:

"V. fez-nos vir lagrimas aos olhos e o riso aos labios. Estando de accordo todos os philosophos em que mais vale rir que chorar, os seus emolumentos são as seguintes:

Por nos ter feito chorar seis vezes, 600 dollars; por nos ter feito rir, doze vezes, 2.400 dollars; total, 3.000 dollars.

Queira accusar o recebimento do cheque incluso".

Segundo Vanderbilt, o riso valla o dobro do chorar, mas os physiologistas e os hygienistas fariam uma outra conta differente, porque para elles, cada vez mais, hoje, a alegria e o riso são ele-

mentos de saúde, e o pranto se não pôde ser abolido, deverá ser reduzido ao minimo. Só nos recomnascidos é que o choro deve ser considerado um phenomeno normal e util, porque ahí elle não representa um soffrimento moral, sendo o primeiro choro um acto reflexo que começa e favorece a respiração, e mais tarde ainda actos reflexos que são o unico meio de que elles dispõem para demonstrar as necessidades ou as incommodas physicas que soffrem. Fôra disso, o pranto, no homem, é um phenomeno pathologico e nocivo, que se deve procurar supprimir, como toda outra doença. O pranto e a tristeza.

O homem deve cultivar a alegria. E' este um dos motivos de estudo da physiologia e da hygiene moderna. As emoções que produzem a alegria influem beneficentemente sobre as funcções do nosso organismo, contribuindo para a saúde. Este conceito está fundado em experiencias e observações scientificas. A secreção gastrica, na do intestino e das glandulas, externas e internas, modificam-se sob a influencia das emoções depressivas, o medo, o susto, o pesar, a ira, a dor. A simples vista de uma comida appetitosa faz-nos vir agua á bocca; quer dizer que só isso bastou para pôr em acção todo o complicado mecanismo da secreção de uma glandula, as glandulas salivares.

Outro facto de observação corrente é o da completa perturbação da digestão por emoções subitaneas, como a raiva e o susto. E outros ainda existem, como aquelle que narrao Zola, de soldados que na emoção da batalha imminente se desmanchavam em fluxos intestinaes incontivis.

Não ha duvida. De tal sorte que em vez de dizer hoje que é a saúde que faz a alegria, diremos que a alegria é que é um dos factores da saúde, a qual se deve adquirir e conservar tambem por outros processos.

E assim nasceu o novo lemma de que o homem deve cultivar a alegria. Não a alegria ficticia, só apparente ou formal, mas a alegria verdadeira, sã, natural.

Quem diz alegria, diz riso, mais ou menos franco.

E o riso, diz-nos Svett Marden, é um dos meios de que a natureza se serve para por em exercício os seus órgãos internos; considerando só o lado mecânico dos movimentos que elle provoca, nos pulmões, no diaphragma, no fígado, no estomago, e em outros órgãos, considera-se que elle tem uma acção salutar quasi igual á da equitação. Estimula a circulação e os centros vaso-motores, augmenta a ventilação pulmonar, fazendo-nos absorver mais oxygenio, esse elemento essencial á nutrição. Os antigos já diziam que o riso é desopilante, e de um cousa que far rir gostosamente é usual contar-se que é desopilante; quer dizer que melhora a circulação, que estimula a secreção e facilita a excreção das glandulas.

"A alegria é remédio de Deus, diz o Dr. Oliver Wendell Holmes; todos devem usal-o. As preoccupações, a ansiedade, os aborrecimentos, o mau humor, são a ferrugem da vida, que se deve tirar com o oleo da alegria."

Aquelle padre eloquente que fez chorar á vontade os seus fiéis no Morro do Castello commettiu um peccado hygienico, e fez-lhes muito mal á saude. Não digo que os fizesse rir, mas poderia ter dito as mesmas cousas graciosas sem provocar aquellas emoções depressivas, sem quebrar-lhes as energias, sem tirar-lhes a alegria de viver, desde que devemos viver. E se havia um facto doloroso que soffrer, ensinar-lhes a luta contra o soffrimento. E se a vida futura é uma alegria, como não pôde deixar de ser, mostrar-lhes assim, e levar-os á conquista-a com alegria.

Os philosophos do optimismo, isto é, os philosophos da energia e da saude, resumem um pensamento geral quando nos dizem que os cuidados, os temores, a tristeza, o desanimo, são os maiores inimigos da vida humana, e que uma alma deprimida, melancolica, torturada, que cessa de crer no seu valor sagrado, no seu poder, na sua missão superior, no seu trabalho, é uma vida perdida e inutil para si e para os outros.

Os conselhos para a alegria são velhos. Na sabedoria popular e nos autores, "Mais vale um gosto do que quatro vintres, "rê tu e enagordarás", são proverbios. "O riso é proprio do homem", é um apophtegma. "Um bom riso faz mais bem á saude mental do que os mais fortes appellos á razão", diz o Dr. Ray, chefe da hospital Butler, para alienados. "Um coração alegre vive muito tempo", é referido como de Shakespeare. "E' uma excellente cousa o riso, diz o poeta Dryden, e o palliço que produz coérgas num homem, e o faz rir, contribue para a sua felicidade." "A faculdade de rir, de cessar o trabalho e de alegrar-se enagordando todos os cuidados da vida é uma dispensação divina", diz Campbell Morgan.

E assim, nos estudos scientificos modernos confirmam a intuição do povo e dos litteratos.

Cultivemos a alegria. A alegria é necessaria á saude e á vida. Ella não nos impede de culminar na maior grandeza, na maior energia, na maior efficiencia, antes é factor de tudo isso.

Pobre animal homem que até a sua alegria precisa crear, estudar, codificar e praticar voluntariamente.

Mas tal é a vida humana. Rir para não morrer. Miséria!

Plácido Barbosa.

ESTIRPE DE INVENTORES

Lá ha dias nos jornaes que o engenheiro (supponho que é engenheiro) Dr. Maximino Correia apresentou a varias autoridades e competencias técnicas, um systema de estabilização automatica dos aeroplanos, de sua invenção.

Edu Chaves, o intrepido aviador, interessou-se pelas experiencias decisivas; Carlos Sampaio declarou que é ao e verdadeiro o principio em que se baseia a descoberta; Sampaio Correia disse que a base theórica foi bem estabelecida, e o ministro da Marinha, que é o nosso presado collega Veiga Miranda, opinou que o governo deve auxiliá-lo, por se tratar, realmente, de um invento que, a ser confirmada a expectativa que o aerca, representará uma conquista scientifica do maior proveito para o nome do país.

Que auspícios pôda haver melhores?

Pois ha — ao menos para mim. Em primeiro lugar estou convencido de que tudo que se faça de essencial e de grande em materia de navegação aérea, tem que ser brasileiro. Desde o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão que o ar do Brasil alenta espiritos para a conquista do elemento superior, no espaço. O illustre antenno, subindo em Lisboa apenas alguns metros, na sua "passarola", demonstra praticamente, no seu pequeno exito, todas as possibilidades, até a propriamente formal, que são hoje realidades corriqueiras. Foi o primeiro lampejo de genio que abriu ao problema seductor a porta da realização. Provou-se que era "possivel". E quando se não provasse mais nada, isso bastaria para o tempo. Era a primeira aquisição; ficava o misterio desvendado, á espera que outro brasileiro viesse. Vieram muitos. Todos lutaram, com sacrificios, com tenacidade, até á dação da propria vida. Afinal, chegou um, o grande, o maior, o immenso, que venceu. Venceu, salvou o primeiro problema. E logo começou de estudar o segundo e resolveu-o. E ahí temos, submetidos ás duas maravilhas humanas, privilegios da espécie e fontes unicas da sua gloria na criação e do seu dominio do Universo — a Intelligencia e a Mão

— a nave mais leve e a nave mais pesada que o ar. Ambas nasceram da intelligencia de Alberto Santos-Dumont e da sua mão houveram forma.

E a glória do moço brasileiro é certa e imperecível; a elle já nenhum Montgolfier pôde pretender tira-la, como tirou a de Lourenço de Gusmão.

A segunda razão que tenho para "certeza" do exito do Dr. Maximino Correia, só é realmente uma razão, se elle fór da linhagem que lhe supponho.

Invoco, para os meus leitores, uma reminiscencia da minha meninice:

Entre os onze e os treze annos de idade, eu era caixeiro de uma papelaria da rua da Quitanda — que é hoje o grande estabelecimento de Heitor Ribeiro e C. Eram dois os donos da casa, ambos distinctos pela bondade e pela intelligencia, mas de caracteres differentes: um, que ainda vive, era grave, repousado, lento de movimentos, posto que trabalhador. O outro era activo, tráfego, movedido, que fazia tudo, de tudo entendia, um destes homens para quem não ha difficuldades, que tudo resolvem num ápice. Quando não existia qualquer coisa de que elle precisava para o serviço da casa, inventava-a. Vio inventar muitas coisas, muitas, mas só me lembro bem de duas. A primeira foi alli por 1870, quando, apenas estabelecida, a companhia de bondes do Jardim Botânico teve de mandar imprimir "coupons" numerados para a fiscalização do serviço dos conductores. Imprimil-os em edição de muitos milhares, então era relativamente facil. Difficil era numerá-los em pouco tempo, porque as máquinas de numerar eram então de um só rodizio de algarismos e moviam-se umas com o pé outras com a mão, como as de cozer; a numeração daquella infinidade de bilhetinhos levaria muitos meses e a companhia tinha pressa.

O homem creio que inventou uma nova máquina, tallando peças em madeira; mas não havia quem a fizesse depressa. Coçou a cabeça, quasi desanimado, passou alguns minutos na loja, e de repente disse: Temos que tentar outra coisa. Rodizios ha por ali muitos. Pois vamos pôr quatro ou cinco na nossa máquina e na mesma proporção diminuirão os dias a empregaz na numeração.

Pegou num canivete e num pedaço de pau, poz-se a estudar o mechanismo do aparelho numerador e a cortar ao mesmo tempo o pão em peças de varios feitios e tamanhos, adaptando-os, justapondo-os, separando-os, corta aqui, raspa ali, apara acolá... e passadas algumas horas embrulhava tudo num papel, punha o chapéo e sahia á procura de um serralleiro.

Dois dias depois vinham uns ferrinhos iguais aos modelos de pau; pegou nelles, examinou-os, fez-se á máquina, collocou-

os todos com parafusos, ajustou-lhes cinco rodizios — e nesse mesmo dia começou o aparelho a numerar cinco "coupons" de cada vez.

Uma das difficuldades do negocio era a impressão dos cartões de visita, sempre encomendados com urgencia, e que as máquinas existentes só imprimiam um cento por hora.

Um dia, os empregados viram o patrão com o canivete a cortar paizinhos, e ajuntá-los cuidadosamente, combinando-os com rodinhas de papelão; quando já tinha os necessários, comprou uma mesa pequena, fez-lhe vários furos, adaptando-lhes algumas hastes e logo depois mandava chamar um "preto do ganho" e lá sahia com a mesa e o embrulho dos paus, em busca do serralleiro.

Algumas semanas depois, entrava na loja a mesma mesa com um pequeno e delicado maquinismo adaptado á tampa, um pedal e uma estreita correia de transmissão. Posta no fundo da casa, veio uma lata de tinta de impressão, untou-se o tinteiro, poz-se sobre a mesa um cento de cartões, um empregado sentou-se em frente da máquina, deu ao pedal — e quinze minutos depois estava impresso o cento de cartões.

— Quinze minutos. É muito. Vamos estragar um milheiro de cartões; a máquina deve gastar só cinco minutos na impressão de cada cento.

E já no dia seguinte não gastava mais do que isso. E era linda, leve, elegante, como uma máquina de costura.

Ora, este homem de excepcional engenho, que não era engraveiro, nem mecânico e sómente commerciante, chamava-se Maximino Correia, Maximino Antonio Correia e morreu ha mais de trinta annos.

E ora aqui está a razão porque eu tenho "certeza" da efficiencia do systema inventado agora pelo Dr. Maximino Correia — se este fór filho do outro ou, pelo menos do mesmo sangue, como é do mesmo nome.

Filinto de Almeida.

O CRITERIO ESTHETICO DOS SEXOS

Quando é bonita a mulher? Os homens de talento e as mulheres bonitas. A mulher intelligente e os homens maldicos. A mulher julgada pela mulher. A opinião do namorado.

Quando é bonita a mulher?

É um sério problema, dada a diversidade de gosto, como também o modo particular de cada um apreciar a belleza. O melhor juiz da belleza feminina é a propria mulher, que por instinto possui

um senso especial de minúcia para esses julgamentos; não quer dizer que os homens também não saibam apreciar o que é bello. É que a mulher sabe examinar tanto quanto o homem é possível de deslumbramentos.

A mulher pôde ser bonita sem ser bella; entre a boniteza e a belleza var grande differença. A mulher bonita é a que possui linhas corporaes regulares, bem conformada na sua fôrma material, contornos sem imperfeições. A mulher bonita é a mulher materialmente perfeita. A mulher bella é mais alguma coisa; é a belleza carnal servindo à belleza moral. A mulher bella é mais divina do que humana, e a mulher bonita é apenas humana. Uma volta-se para o céu e outra debruça-se sobre a terra. A proposito de saber quanto é bonita a mulher, Helena Mac Loe escreve a seguinte observação:

"Ouvi de um senhor casado que, a despeito da maior harmonia conjugal, nunca conseguiu estar um dia em perfeito accordo com sua esposa em relação a achar uma mulher bonita. A mulher que lhe parecia linda sua esposa considerava feia e vice-versa.

Outros maridos se queixam da mesma falta de harmonia e critério em se tratando do mesmo thema. Estes factos são frequentes devem ter uma explicação.

Será porque as esposas, ou, melhor, as mulheres têm o máo veso de deturpar a verdade? Ou que dissimulem emitir sua opinião real? Será possível que a mulher casada escureça a belleza de outras mulheres para evitar que seu marido desvie sua admiração para ellas?

Não é conveniente que se estimule os homens a julgar a belleza feminina, salvo quando incidir sobre suas esposas. Nos homens, a apreciação da belleza feminina, como a caridade, deve começar por casa. Fugindo, porém, ao "Santo Estado", encaremos a questão sob um ponto de vista mais generalizado.

Inclino-me a crer que os homens propendem suas inclinações para as creaturas lindas, gentis e mimosas. Os homens intelligentes são os mais sensíveis ao encanto das mulheres. Não terão muito juizo, porém, já isso é uma vantagem para o homem de talento.

A presença de uma mulher bonita serve justamente para que o homem intelligente reconheça em si mesmo essa qualidade pessoal e della faça um conceito elevado. Demais, uma mulher bonita tem a precisa intelligencia para admirar a superioridade de seu marido. Eis ahí um casal feliz.

Uma das menores tragedias da vida, parece-me, é que os homens de pouco talento sahem, frequentemente, sob a palmatoria de esposas verdadeiramente intelligentes, que os governam à vontade. A explicação é clara.

Uma mulher intelligente, que prepare suas armas para conquistar um homem

intelligente, arrisca-se a perder muito tempo. Repito o meu conceito, os homens intelligentes se dedicam às mulheres bonitas, porém, se occupam das mulheres intellectuaes. Por isso é que as mulheres intelligentes apropriam-se dos homens pouco intelligentes e fazem delles o que querem, até o fim da vida. Ainda neste caso, em que ha desproporções intellectuaes, reside a perfeita harmonia dos conjuges.

Quando é bonita a mulher?

Haverá quem dê a esta pergunta uma resposta definitiva?

Os homens têm um ideal diverso da belleza feminina, segundo as etapas de sua vida. Pôde-se fazer a mesma pergunta a varias mulheres, porém, não garanto que se tome a serio as respostas obtidas.

Demais, as mulheres não se especializam no estudo da belleza feminina, como procuram fazer os homens, de modo que não pôdem ter equal preparo, equal experiencia na solução do problema. Leve-se em conta, que a mulher leva muita subtilidade, muita agulheza, muita penetração no tratamento desse thema e se manifestam com muito pouca sinceridade. São pequenos segredos que não deve a mulher desvendar...

Algumas raparigas bonitas são mais atrahentes do que outras, independentemente da boniteza. Todas as mulheres bonitas sabem conscientemente que são bonitas, presuppõem uma superioridade sobre o resto do mundo feminino, e não esquecem que a mulher naturalmente linda, sem affectação, sem atavios é muito mais atrahente do que a que demonstra a propria consciencia da boniteza; sabem disso, porém, não permitem, nem deixam que os demais pensem de equal modo.

Ha tipos de bellera bonata, que se vestem de maneira impropria e apoucam a propria fortuna. Ha trajes que cooperam para realizar a belleza, artificializando esse dom aos olhos do mundo, outros que attenuam a boniteza e finalmente outros, tão proprios, tão harmoniosos com o tipo feminino, que transformam em lindas mulheres as que são feias. Estes ultimos demonstram o emprego do gosto pelo raciocínio.

Assim como o traje tem o ponto de conveniencia com a mulher, do mesmo modo com as cousas ambientes e circumstantes, que exigem uma inquebrantavel harmonia.

Uma rapariga acostumada ao ar livre, uma "girl-scouts" e que seja bonita, parecerá superiormente linda no campo de "golf" ou de "tennis", com o seu traje apropriado. A mesma rapariga, vestida a rigor de etiqueta, num salão, será insupportavel pela insignificancia. Pôde haver excepções, porém, o tipo de boniteza exige o estylo de veste adequada, para que realce.

A maior imbecilidade social é apresentar-se, uma moçoila habituada ao urbanismo, as taes moças da cidade, essencialmente artificiosas, em pleno ambiente agreste, á luz livre do sol. As fitas, o pó de arroz, as brilhantinas, os perfumes parecem abomináveis á sombra das arvores, entre flores, borboletas, passaros e ribeiros expostos ao sol.

Entre as pessoas, cuja opinião é suspeita, quando se trata da belleza feminina, está em primeiro lugar "o namorado". Este vê uma belleza illusoria na mulher amada, portanto, o seu criterio está transitoriamente falsado. Absorve-se por um detalhe que o agrada e preacinde dos demais. E' essa interpretação esthetica do homem sobre a mulher eleita. Por exemplo, deslumbra-se por uns olhos doces, uns cabelos loiros, um nariz delicado... o resto para elle nada influe, pôde mesmo ser defeituoso.

A mulher, ao contrario, quando examina uma mulher bonita, não deixa escapar uma linha; por isso, não admite nem reconhece a lei das compensações. Na analyse esthetica, a mulher procura os defeitos, o homem busca as perfeições. E' o homem mais indulgente pela harmonia do sexo, a mulher é mais rigorosa pela rivalidade.

A mulher é severa para com a belleza artificial. O homem aceita-a com facilidade e nella crê fundamentalmente. Na esthetica feminina a mulher pesquisa e retalia as "causas", o homem vê somente os "effeitos".

O homem se deslumbra procurando belleza e é facilmente enganado; a mulher não ha fantasia do "mimetismo" feminino que desconhece, não ha laço nem pomadas que a enganem; inspeciona tudo de um golpe de vista. Se a mulher que examina é artificiosa, reconhecerá a perfeição do artificio empregado pela mulher julgada, porém, não o revelará... também não guardará segredo. Se, porém, não gosta de artificios, sentir-se-á indignada ante a "camouflage" e se afastará da artificiosa.

E' uma felicidade para a mulher a diversidade dos gostos estheticos dos homens. O que seria das mulheres, se assim não fosse? Umas estariam na cuspide da gloria e outras cahiriam na formidavel derrota.

Assim pensa uma mulher, Helena Mac Kee, portanto, inuspeita no julgar as outras mulheres.

THOME DE SOUSA, ESQUECIDO

Peraute o arrasamento do morro do Castello, a collina sagrada, por excellencia, da cidade do Rio, muita alma estremeceu de commoção instinctiva. E' um mundo que desaparece, um mundo de tradições, ligadas ao berço de um povo. O sentimento da tradição é forte nas almas cultas: ellas sentem, na sua

propria vida, o palpitir de centenaes de vidas; uma alma culta é a resultante de muitas almas, que viveram no passado, e que lhe foram transmittindo, ampliado sempre, o deposito sagrado de experiencia, que elaboraram seculos de aperfeiçoamento continuo. A nossa vida é a continuação de milhões de vidas. De longe, vem o sangue que nos corre nas veias: é um rio mysterioso, de origens mais obscuras do que fóram as do Nilo, para a antiguidade.

O culto da tradição é o apanagio dos povos antigos; a America é nova demais, para sentir bem a deficiencia de recordar, sonhando... Não faltam, contudo, almas antigas, almas desgarradas de velhas civilizações, para quem não passam indifferentes as demolições do progresso, esse monstro voraz e roncador, que levou o desassossego ás thebaldas do espirito.

Houve-as, entre nós. As mais timidas choraram, no silencio e na sombra. Outras, porém, mais resolutas, aconselharam respeito ás cinzas sagradas que ali jaziam. E, entre ellas, as de Estacio de Sá, o fundador e defensor da cidade, que deu a vida para livrá-la de extranhos invasores.

Uma voz isolada, a principio; outras vieram, depois, formando coro; e bôa parte da imprensa reclama francamente que os ossos de Estacio de Sá se trasladem, com pompa e honras militares, para a Igreja da Cruz dos Militares. E allega um official do exercito que Estacio, atacando os francezes, foi um dos remotos organizadores da defesa e unidade nacionaes.

Ha qualquer coisa que paira acima da injustica humana. E a voz desse *quid* mysterioso fala sempre, na occasião oportuna. E' conveniente que o povo não fique surdo, ante as raras suggestões dessas vozes languinhas...

— Ouvindo eu falar em defesa, em unidade nacional, acudiu-me de novo á mente uma idéa que, desde muito, me absorve o espirito. Como é que no Brasil quasi se apagou da memoria do povo a grande figura de Thomé de Sousa? Nem uma rua que lembre o seu nome, para não falar já em monumentos fantasmas!

E, não obstante, é Thomé de Sousa o verdadeiro fundador do Brasil-nação. Ao seu tino, á sua prudencia, á sua visão larga de estadista ingloria, se deve a organização da sociedade brasileira, nas bases solidas em que, para o futuro, se apoiou e cresceu.

Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil, conscientemente, e delle tomou posse, em nome del-rei. Martin Affonso de Sousa demarcou-lhe a costa e dividiu-o em capitania, nucleos de colonização, mas impotentes para viverem sobre si, luctando contra os "varredores do mar", pela costa, e contra os ataques dos indios, pelo sertão.

João Ribeiro, que no seu compendio de historia do Brasil, scripto para gymna-

sios, lançou as bases científicas de um monumento, referindo-se ao que elle chama o "drama e a tragedia das capitâneas", tem palavras de muita justiça para os obscuros heroes dessas tentativas de povoamento, que de maneira alguma foram estereis.

Essa tragedia anonyma, que custou fortunas e vidas sem conta, poderia bem figurar num capitulo appenso á "Historia Tragico-maritima".

E' dos destroços de tantos naufragios que vai servir-se, em grande parte, o governador geral, Thomé de Sousa, para constituir um bloco homogêneo, que será como o cerne da nacionalidade futura.

Elementos dispersos, perdidos entre a floresta e o mar, pedem a acção immediata de uma força que lhes dê cohesão e resistencia. Em 1548, Luiz de Góes escrevia, de S. Vicente, a D. João III, supplicando que algum viesse em auxilio d'elle. "Em breve, esta terra se perderá, e os francezes que a tomarem, tomarão depois a Africa, e irão atacar a Asia portugueza; e, se essas presagios não movem V. A., tenha V. A. compaixão e piedade de tantas almas christãs desta terra."

No mesmo anno, creava-se o Governo Geral, e o escolhido para, em tão grave conjunctura, emprender a grande obra de salvação, foi o experimentado Thomé de Sousa. Não o chama ao Brasil, como a Orellana, a fascinação de um fabuloso *El Dorado*, mas sim a árdua tarefa de, pelas armas e por sã administração, dar estabilidade a uma população nomada, homogeneidade a forças que se repellem, consistência a elementos dispersos e vagabundos.

O pulso forte que souber reunir, de pontos diversos, e organizar para a defesa e para a vida social, os agrupamentos minúsculos, que se acotam, aqui e além, terá conseguido salvar o Brasil, para a corôa portugueza; mais do que isso, conseguirá salvar o Brasil, para si mesmo, imprimindo às moléculas a mysteriosa força da vida, que as fará gravitar numa orientação definida e certa, para a constituição de um corpo, para o robustecimento de um organismo. E este pulso forte, dirigido por uma capacidade rara, teve-o, nessa era longínqua, Thomé de Sousa, primeiro governador geral.

— A Bahia, como ponto mais ou menos central da immensa costa do Brasil, foi por Thomé de Sousa escolhida, e comprada à família do donatario, para ali estabelecer o núcleo de organização e de defesa. Fez-se acompanhar de elementos que servissem de freio ao desmorramento de costumes, numa terra onde a lei deixara de actuar e onde a religião não servia de neutralizar os maus instinctos dos aventureiros. Trouxe consigo os jesuítas, cuja acção, no desenvolvimento da sociedade brasileira, merecerá a gratidão de presentes e futuros. Figuras

como Nabrega, como Anchieta, como Vieira, devem ser veneradas por todos aquelles que ainda sabem apreciar o bem, a generosidade, o altruismo, e que nutrem pelo Brasil um amor solido. Quando ainda só de longe conhecia esta plaga, entrevendo-a, como um paraíso terreal de passaros e de flores, de canticos e de sonhos, através das chronicas dos missionarios da Companhia, foi tamanho o entusiasmo que em mim despertou a sagrada pleiade dos filhos de Santo Ignacio, que, com impeto juvenil, o exarei num poema, não de todo desconhecido — *O Gran Pay*.

Escolhendo taes auxiliares, mostrava bem Thomé de Sousa que conhecia uma das primeiras qualidades do estadista, que é cercar-se de elementos aptos a levarem a cabo, como executores, um programma de governo.

Congregou logo os habitantes de Villa Velha, num ponto alto, onde pudessem fortificar-se. Não desprezou o indigena, antes soube aproveitar-se das boas relações de Caramurú com os *morubisabas* para os interessar na construção da nova cidadella, para os incorporar á nova comunidade, em que se fundiam, desde já, os tres elementos ethnicos, constitutivos da raça brasileira.

Ao lado da fortaleza, ergue-se o collegio dos padres jesuítas; será este o protoplasma binuclear de quasi todas as outras cidades que, de futuro, vão surgir no Brasil: a religião que suavia os costumes, e a força que mantem a ordem. Com o *ouvidor-mór*, o *procurador* e o *capitão-mór da costa*, estabelece definitivamente os órgãos essenciaes da justiça, da administração e da defesa.

O commercio surge, como por encanto, e a lavoura estende-se para o interior, em numerosos engenhos. Sem relaxamento, afrouxa o rigor dos *Ordenações*, perdendo a facinorosa de toda casta e nacionalidade, só porque podiam ser uteis em misteres necessarios á organização social. O rigor que usou com alguns chefes indios teve em vista espalhar o terror entre os mais selvagens e irreductiveis. Depois, são elle mesmo pelas capitâneas, com o fim de ampliar a defesa e errar novos centros administrativos; funda povoações como Conceição de Itanhaem e Santo André, "a fim de reunir a gente que andava derramada pelos campos ou pelas praias". Concebeu logo idéas de autonomia, para o tempo, apenas no campo religioso, separando o Brasil do bispado de Funchal, e creando o futuro archiepado da Bahia, que teve como primeiro titular um martyr.

O lemma que inscreveu nas armas da cidade é um resumo eloquente do programma de Thomé de Sousa: *Sic illa aut arcem reverent est*: "assim ella voltou á arca". Palavras allusivas á pomba do diluvio, que no escudo figurava, tendo no bico um ramo com tres folhas de oliveira.

A Bahia, com a organização completa de uma cidade europeia, ficava sendo a arca de salvação para todos aquelles que escapos do diluvio dispersivo das capitanias, quizessem viver e trabalhar á sombra da lei, dentro da moral e da ordem. E foi tambem, por muito tempo, a capital da extensa costa da America do Sul.

O famoso governador geral proveu ainda a mais largos recursos, para o futuro do Brasil, encaminhando as expedições de Jorge Dias e de outros exploradores, para a conquista das minas. E a expedição ao norte desconhecido, que só se realizou no tempo de Duarte da Costa, foi providencia ainda de Thomé de Sousa. Lançou as linhas dessa organização

militar, descripta por João Ribeiro com requinte de termos technicos, maravilhosas para os pouquissimos recursos do paiz, e que foi a base verdadeira da unidade nacional, e a preparação da estrema defesa contra as mais poderosas nações da Europa, e contra as mais ferozes tribus da America.

E todo este programma, plataforma social e politica de uma nação immensa, realizou-o Thomé de Sousa no curto espaço de quatro annos! Que a generosidade brasileira, que a justiça da historia o não deixem no esquecimento!

J. M. Gomez Ribeiro

(D' "O Paiz")



Si sou um menino
gordo e corado
devo tudo ao
Biotônico
Fontoura

**BIOTONICO
FONTOURA**

**O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE**

ALBIN IRMÃOS & C. S. PAULO-RIO.

The advertisement features a young boy in a blue sweater and light shorts, standing on a checkered floor and writing a testimonial on a door. To his right, a window shows a box and a bottle of Biotônico Fontoura on the sill. Below the window, a larger image of the product box and bottle is shown. The text is in Portuguese, with the product name in bold red letters. A ruler at the bottom indicates the image's dimensions.

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



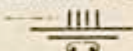
Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA

CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAÚDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTONICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desapparecimento completo das dores de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saúde.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das forças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas convalescenças de todas as molestias que produzem debilidade geral.



O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
cientifica do professor
DR. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de ob-
servar que ha, em geral, re-
sultados vantajosos. Partien-
larmente, mais proficuo se me
tem afigurado o seu uso quan-
do ha accentuada denutrição
e occorrem manifestações ner-
vosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Se-
ptembro de 1920.

(A) Dr. Henrique de Brito Bellert Roxo
Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
temente em minha clinica o
Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais furtar
a obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica Medi-
ca da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado com
os maiores resultados na cli-
nica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratice da
clinica neurologica da Facul-
dade de Medicina do Rio de
Janeiro.

Palavras do eminente
cientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes
meus e sempre que lhe acho
indicação therapeutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Julião Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C.^{IA} - S. Paulo





DEBATES E PESQUIZAS

A INTELLIGENCIA DA MULHER

Pretende-se geralmente que a intelligencia da mulher é semelhante á dos homens, que ellas não se distinguem sinão por ligeiras differenças quantitativas, devidas mais a uma falta de habito de trabalho do que a menores aptidões. Importaria concluir que tais differenças podem se desfazer rapidamente pela adopção, cada vez mais diffundida, entre as moças, dos mesmos programmaes escolares que seguem os rapazes.

Pela minha parte, depois de haver passado numerosos annos entre estudantes (estudei letras e medicina), depois de ter observado entre ellas as mulheres de diversos paizes da America do Sul e do Norte, cheguei a convicção contraria; sou de opinião que as differenças entre a intelligencia feminina e a intelligencia masculina são differenças não de quantidade, mas sim de qualidade e de tendencias; são differenças com as quaes os habitos e mesmo as tradições pouco têm a ver, pois ellas se baseiam na propria função para a qual a mulher é feita e que nenhuma reforma social poderá mudar, a maternidade.

A maternidade determinou na mulher um altruismo fundamental que orienta toda a sua vida, e que é uma necessidade da especie. Entre os animaes tambem, e mesmo entre os vegetaes, podemos constatar e phenomeno de altruismo da femina, de sua consagração á especie.

As flores sacrificam as suas pétalas que são suas bocas, seus olhos, abertos para o mundo, para favorecer o crescimento da semente. A femina da borboleta concentra todas as suas faculdades nos cuidados a dar ás borboletas que ella jamais conhecerá, e vai morrer sobre a terra humida, á raiz das plantas, lá onde ella não encontra o que comer, mas onde ella pode pôr seus ovos nas condições necessarias á vida de suas creaturas.

Este altruismo que a maternidade determinou creou uma sensibilidade de natureza especial, que differencia nêdamente a mulher do homem no dominio moral e no intellectual.

A sensibilidade feminina — e é ahí que ella differe da sensibilidade masculina — tem sempre por objecto o muer vivo e concreto, que ella pode amar e que a pode amar, um ser capaz de dôr, de alegria, ou que ella creí tal, um ente cujas emoções ella possa constatar. Eis a primeira differença entre a intelligencia da mulher e do homem.

A intelligencia da mulher tende inteiramente a ajudar a vida concreta dos que lhe estão perto, a resolver os problemas que a interessam mais que a qualquer outro: "os problemas da alegria e da dôr". Os themas abstractos, (philosophia, politica, geographia, historia natural), os individuos distantes, (electores, publico, posteridade), que tanto interessam os homens, lhe são quasi indifferentes.

A mulher não anseia por conhecer os fins da creação para formular-lhe leis, mas para que gosem delle os que ella ama. A mulher não é sensivel ao julgamento da posteridade ou do mundo longinquo, mas ao amor e á estima dos que a cercam. Ella quer conhecer os males deste mundo para delles tirar formulas, para tentar cural-os.

Plantas, animaes, individuos, não a interessam pelo seu aspecto, por sua voz, por sua belleza, mas porque elles a podem amar e porque ella os pode amar. E' sempre maternalmente que a mulher contempla o universo.

Porque é tão chocante ver uma mulher dirigir mal seu lar, ou deixar os seus na desordem?

E' porque uma mulher, verdadeiramente mulher sente-se a guardião dos que a cercam; porque ella não pode ver um cão manquejar, um moel se deteriorar, sem soffrer, sem ser levada a procurar o meio de os trazer á sua vida normal.

Eis porque a intelligencia da mulher é tão viva e tão aguda quando ella tem relações com o mundo vivo, real e concreto, ao passo que é muitas vezes irreal, sem energia e sem originalidade, para tudo quanto é de ordem abstracta.

• •

As abstractas, preferem jogar cartas, siação entre a intelligencia dos homens e a das mulheres provem de habitos differentes, de aptidões differentes, de meios differentes; ou ainda do facto de que a mulher durante seculos não se ponde cultivar. A sensibilidade nada tem que ver com a cultura, nem com as aptidões, nem com o habito, nem com o meio.

Os rapazes, já attrahidos para as coisas abstractas, preferem jogar cartas, da-

Que não venham dizer que esta oppo-damas, xadrez, jogos de azar ou de reflexão, a brincar de genio grande ou de mestre escola, enquanto as meninas brincam com delicia de senhora, de dona de pensão, de cozinha. Esta differença para com a abstracção se encontra tanto entre as mulheres que se collocaram na litteratura ou na sciencia, que viveram num meio favoravel, quanto entre as moças mais simples.

Em compensação, mesmo onde falta qualquer tradição de cultura, entre os camponeses e operarios, o homem é muitas vezes levado por instincto a se apaixonar pela sciencia, pela arte, pelas ideas geraes.

Elizabeth Browning, numa passagem curiosa, declara que "a sciencia é utilidade". Ora, a sciencia é na realidade, de abstrahir, que levou os mais intelli-gentes a uma concepção, nascida da necessidade da abstracção sinão em vista de resultados gentes dentre os homens a dirigir sua attenção para os phenomenos, afim de lhes descobrir as regras. Mas como os seres vivos e concretos são a unica paixão da mulher, ella não concebe o estudo da abstracção sinão em vista de resultados praticos, uteis ao aperfeiçoamento dos seres vivos.

Quando digo que só as coisas vivas podem interessar a mulher, não excluo as coisas inanimadas ás quaes ella empresta uma alma, ao passo que chamo coisas mortas mesmo a coisas vivas cuja individualidade ainda lhe escapa. Eu tive experiencia propria. Após meus estudos de medicina, devia seguir cursos de anatomia. Habituada como estava desde minha infancia a ouvir falar disso não tive nenhuma impressão desagradavel. Não me lembrei jamais de identificar os corpos sobre os quaes trabalhava com seres vivos; eram objectos de estudo; musculos, nervos, e eis tudo. Mas um dia, um preparador antes da lição abriu diante de mim a mão sigida de um morto; cahiu della um pequeno

retrato de mulher. Foi para mim um abalo tal que nesse dia tive que renunciar a ouvir. Esse simples testemunho de amor tornara-me vivo esse corpo, deralhe uma alma capaz de alegria e de dôr, fizera-o totalmente differente dos que eu havia visto até ahi. E sómente então experimentei pela anatomia a repugnancia que geralmente lhe imputam.

Da mesma forma a mulher, indifferente aos seres desconhecidos, ama apaixonadamente, como se tivessem vida, sua mobilia, seus quadros, seus bibelots, ao ponto de poder Lombroso determinar casos de loucura em mulheres que se viram bruscamente espoliadas delles. E' que, para uma mulher, a mesa a que ella se assenta, as thesouras com que ella trabalha são na realidade amigos nos quaes ella confia e que fallam ao seu coração.

Vê-se, ás vezes nesse sentimento um gosto de propriedade mais forte na mulher que no homem. E' exacto. Nós não amamos nossos moveis, nossas plantas por serem nossas, mas porque nós as personificamos como a creança personifica sua boneca.

• •

Acabo de falar em termos geraes. Outros elementos podem intervir. Assim o amor proprio, muito desenvolvido na mulher, consegue transformar quasi em prazer os estudos de que ella espera tirar prestigio. Sua actividade, bem maior que a do homem, faz com que ella se esfalte no trabalho que emprehe, mesmo que seja fastidioso. Enfim e sobretudo, mencionarei seu desejo de agradar ás pessoas que ama, sua ambição de ajudal-as, sua alegria e seu orgulho de estar associada ás suas preoccupações moraes ou intellectuaes.

Si me permittem citar ainda um exemplo pessoal, que tem pelo menos o merito de ser absolutamente sincero, direi que eu mesma experimentei algumas dessas illusões. Vivendo no meio de medicos e naturalistas, em que a medicina era objecto da maior parte das conversações, amando meu pai com todas as minhas forças, ajudando-o desde a infancia em seus trabalhos, eu acreditei verdadeiramente ter vocação para a anthropologia, estudei medicina com paixão; cada lição me era uma revelação, os casos clinicos me estimulavam a pensar, a ligar ideas novas; a psychiatria, a anthropologia criminal, a homeopathia, que interessavam particularmente meu pai, me pareciam as unicas sciencias dignas de interesse. Mas, quando meu pai, a quem eu communicava tudo o que me suggeriam estes estudos, não existia mais, a medicina perdeu para mim o seu encanto. Eu não recobrei certo gos-

to pela physiologia sinão quando me encontrei de novo ao pé de meu irmão, que é physiologo. A antropologia criminal só me agrada ainda, mas tenho bem certeza de que isso é uma reflexão do intenso interesse que ella tinha para meu pae, uma maneira indirecta de o continuar, de o crer vivo, de amar ainda o que elle amava muito mais que a vida: sua obra.

E' assim que se apaixonam pela politica as mulheres e as filhas dos homens politicos. E' assim que as moças almejam na Cruz Vermelha como enfermeiras, se apaixonam pela medicina. E' assim que as estudantes se apaixonam pela historia ou pela philosophia: esses estudos interessam as pessoas que ellas amam.

Eis porque uma mulher deseja bem mais ser a inspiradora, a consoladora, a Egéria dum pensador, do que ser ella mesma um pensador: eis porque uma mulher prefere valorizar um homem que ella ama, contribuir para a sua gloria, do que subir ella propria.

Tal tendencia allás aproveitou mais á sociedade do que si as mulheres tivessem cultivado sua intelligencia por sua propria conta. Muitos grandes homens devem, com effeito, seu successo ao apoio entusiastico das mulheres; quantas obras primas devem sua perfeição a uma collaboração feminina!

• • •

A impossibilidade em que se encontra a mulher de amar as coisas abstractas, si ellas não estão ligadas a seres vivos, explica porque as mulheres ditas intellectuaes têm necessidade de encontrar alguém que as encoraje, de se dar a illusão de que agradam a alguém. Si esta illusão a abandona, é muito raro que seu ardor para um trabalho abstracto se mantenha por muito tempo.

"O trabalho, por si mesmo, escreve A. C. Lefler, confidente dos mais intimos pensamentos de Sophia Kovalevsky, a procura abstracta de uma verdade scientifica, não a satisfaz: era preciso, que ella fosse comprehendida, adivinhada, admirada, encorajada a cada passo, a cada nova idéa que nascia nella; sua obra espirital não devia pertencer a uma humanidade abstracta, ella queria enriquecer com isso a alguém, de quem recebesse dom analogo. Si bem que mathematica, o fim ideal não existia para ella, seus sonhos, seus pensamentos, toda a sua pessoa estava apaixonada."

Observemos ainda que, si a paixão abstracta na mulher é quasi sempre resultado duma influencia masculina, o trabalho que dahi deriva pode ser original e independente, pois o genero de intelligencia feminina é bem mais original que o do homem. Não é raro que mulheres arrastadas por seus maridos a tratar de politica, acabem por ter sobre

este ponto idéas pessoais, e as impor por sua vez. Nos casamentos de nacionalidade mixta, é quasi sempre a nacionalidade da mulher que predomina.

• • •

Eu disse que o sexo diferenciava a intelligencia. A da mulher se inspira na faculdade mais apta a tomar parte nas alegrias e nas dores dos seres vivos: a intuição.

Que é a intuição? E' toda essa parte da intelligencia que não pertence ao raciocinio, é a faculdade de concluir sem a logica necessaria a tal conclusão, é qualquer coisa muito parecida com o ouvido musical que, inconscientemente, percebe e classifica as sons, ao elle que mede a distancia ou as proporções, ao tacto que distingue o peso ou as differenças entre diversos grãos.

A intuição não é privilegio da mulher, mas não é tão indispensavel ao homem como á mulher.

O homem pode chegar aos fins que se propõe por meio da razão. Elle não confia n'ella sinão depois de a ter controlado. A intuição é para elle um canal fechado, de que a razão e o interesse têm as chaves, um guia que elle consulta, mas que pode dispensar; enquanto a mulher que não fôr dotada de intuição nada poderá fazer na vida pratica, nem na vida intellectual.

A vida muda sem parar. O que hoje causa immenso prazer, amanhã será indifferente. O doente pode morrer enquanto se attende aos conselhos da razão, a planta pode secar enquanto o homem de sciencia a estuda, a criança perece si se não a adivinha. O papel principal da intelligencia feminina reclama acção rapida e sem hesitação, quasi sempre sem a verificação do raciocinio. E' mister intuição.

• • •

A intuição é uma faculdade natural, um dom de Deus. Como as outras faculdades intellectuales, ella tem meios que augmentam sua capacidade: são a observação e a introspecção. Com effeito, si por vezes a intuição não repouza em nada ou somente sobre esse ouvido mental que nos permite harmonisar as idéas entre si, mais communmente repouza sobre a introspecção mais ou menos consciente, sobre factos observados em si ou em outrem, e cuja recordação ajuda a descobrir as semelhanças e as consequências de outras factos analogos.

A intuição é em somma mais communmente uma solução por imitação, por approximação de casos semelhantes.

Mas para imitar é necessario ter observado e para conjugar observações é preciso ter accumulado muitas. A intui-

ção, com effeito, está limitada ao campo de sua jurisprudência. Ao contrario da opinião corrente, o historiador não tem intuição a não ser em historia, o artista a não ser em arte, o intriguante sinão para suas proprias occupaões. Mas, para accumular exemplos, é mister excellente faculdade de observação. Ora, si esta faculdade é mais desenvolvida no homem para themas abstractos, ella é, em tudo quanto se relaciona com a vida real, infinitamente maior na mulher.

Para considerar o mundo exterior, um homem tem cinco sentidos; uma mulher tem cem. Ella vê, sente, observa, por todos os póros de sua pelle. Observar é para ella um dos prazeres mais delicados e apraziveis; ella se procura em todas as occasiões. As flores, os animaes, os passaros de que ella se cerca servem-lhe para observar. Quem sabe si essa mania de se rodar de ares vivas não vem da procura inconsciente desse prazer?

E' certo que assim que ella constata que seu passarinho botou pennas novas ou que sua flor se abriu, quando ella constata como se operou a transformação duma chrysalida, é certo que ella tem uma sensação de triumpho analogo á do homem que ganha no jogo.

Pedi á mais simples, á mais humilde das mulheres de vos relatar o que ella vê, o que se passa em redor d'ella, que descobrireis n'ella uma collecção multipla e complexa, bem mais rica do que a dos homens cuja vida parece mil vezes mais variada.

Quando um homem tem que escrever uma carta ou que contar o emprego de seu dia, é breve, a se crêr n'elle.

Nada occorreu, nada houve de novo. E' que, fóra de suas occupaões pessoais, elle não observa nada.

E' tão verdadeiro isso que si tendes de ser apresentado a uma mulher, daes á vossa toilette meticulosos cuidados que não darieis si deveis ser apresentado a um cavalheiro. Sabeis bem que a mulher vos examinará em um instante da cabeça aos pés, no passo que um homem verá o conjuncto. Uma visita de mulher, anticipadamente vos preoccupa. A mulher tem vocação para inspecção. Ausente, o arranjo da casa é rapidamente concluido pelos creados, mesmo que o patrão lá esteja. Elles ficam muy tranquilllos. A senhora vê tudo, o senhor não vê nada.

Si a mulher é capaz de ver tanta coisa em si mesma e em d'around, é que ella observa com paixão, porque tudo o que cás sob seus sentidos excita sua compaixão, sua piedade, seu amor, sua inveja, sua vaidade, seu orgulho; por que sua intelligencia tem como organo o coração e não o cerebro. Este espirito de observação é tão ligado ás emoções que elle se desfaz quando ellas desaparecem. Um livro, uma figura, um discurso, si não causam a uma mulher nenhuma

emoção, é que ella não os viu, nem os pôde recordar.

•
•

Repugnando-lhes a logica masculina, as mulheres preferem trabalhar ás apalpadellas, segundo seu empirismo pessoal.

Diz-se que ellas são precoces, mas que seu desenvolvimento cessa aos 18 annos. Mas é muito simplesmente por que ellas se sabem melhor nas escolas secundarias do que no curso superior, pois os programmas dos primeiros são mais praticos, mais variados, e se prestam melhor a ser assimilados por intuição do que os programmas de estudos superiores, que exigem methodo e raciocínio.

E' tambem porque as mulheres conseguem melhor que os homens aprender pelo uso uma lingua estrangeira, executar trabalhos manuaes os mais diversos, passar sem esforço da sala para a copa, da cosinha para o escriptorio, do escriptorio para os bordados, e porque ellas conseguem estudar menos a fundo uma materia. Para a pratica, serve-se ella da intuição, mas, para ir ao fundo duma arte ou duma sciencia, é necessario classificar e generalisar objectivamente.

Será isso inferioridade da mulher? Mas, collocada pela intuição em condições de resolver os problemas que lhe são propostos, ella não fatiga o espirito a procurar uma solução logica, e perde assim o habito de raciocinar.

Porque o homem se atém ás regras methodicas e aos instrumentos de precisão? Porque sem elles elle está desoccupado, porque, para responder a uma questão, tem necessidade de saber como a responderam seus predecessores, porque para medir elle precisa do metro.

A intuição inspira a Santa Catharina de Senna, ignorante e simples mulher do povo, conselheas os mais finos, os mais subtile, que ella dá aos papas e aos imperadores. Uma pobre mulher que não sabe uma palavra de medicina ou de psychologia percebe, antes que o medico lhe declare, a doença de seu filho, percebe antes que elle lhe fale, as preoccupações de seu marido, assim como adivinha sem confidencias que suas amigas estão desgostosas e encontra na sua propria experiencia meios de as consolar. O homem, ao contrario, capaz de ler livros de medicina, de historia, de mathematica e de dissertar sobre tudo, é capaz de viver dez annos junto a uma mulher doente, dum filho prostrado de cuidados, sem nada descobrir cosinha, e quando se lhe diz isso, elle appella para o medico ou para o advogado, que adquiriram pelo estudo de casos analogos a experiencia necessaria á solução de questões ante as quaes elle se reconhece impotente.

As obras intellectuaes das mulheres são desiguales e intermitentes, porque a intuição de que dimanam não é como a

vista e o ouvido ordinários, que se podem abrir e fechar à vontade, e que vemos e entendem sempre igualmente, segundo leis physicas invariáveis; é um organo caprichoso, que se abre quando quer, que se fecha quando lhe apraz, capaz de adivinhar as coisas mais profundamente escondidas ou de não enxergar as mais evidentes.

O trabalho da mulher é imperfeito porque ella não sabe corrigir, porque, sendo inspirações todas as suas idéias, ella não sabe distinguir seu valor relativo, importância ou originalidade. Falta-lhe nexo na exposição por que a intuição — facto intermitente, que ora vem fraco, ora forte, sem outra ligação que a successão, não é uma technica do espirito. Sua expressão é ás mais das vezes confusa, porquanto explicar-se claramente exige uma ordenação racional. O enunciado das idéas intermediárias que conduziriam a tal deducção, o processo, mesmo da deducção, são desconhecidos ao maior numero de mulheres.



Mas, si a intuição torna os trabalhos femininos intermitentes e confusos, ella permite á mulher saber sem aprender, com uma grande facilidade, coisas as mais disparas, e de inventar num repente soluções úteis.

Durante a guerra, pediu-se ás mulheres o concurso de sua actividade, e os homens constataram com surpresa não desprovida de certa inveja, como suas mulheres, suas filhas, suas irmãs, que elles julgavam somente capazes de flutuar e de densonar o tingo, se transformaram de repente em enfermeiras de primeira ordem, em notáveis organisadoras, em commerciantes prudentes, tudo isso por intuição, sem ter estudado nada anteriormente.

E si ellas não fossem assim como, pois, fariam para manter sua casa, dirigir sua familia? A familia é um pouco como a agua do rio que passa, sempre o mesmo e sempre differente. As creanças crescem, o marido envelhece, os recursos augmentam ou diminuem, as estações variam, o preço das coisas muda. E' graças á sua agiltade mental, á sua facilidade de conceber e de resolver depressa que a mulher se aje no caso bem melhor do que o poderia um homem.

Tudo o que torna agradável a vida, tudo o que torna possível a fundação de um lar, a educação da creança têm sido encontrado espontaneamente pelas mulheres. Foram ellas as primeiras que tiveram a idea de cultivar o trigo em redor da casa, foram ellas que tiveram a idea de criar vacas, galinhas ou carneiros, foram ellas que amassaram a terra para fazer panellas, ellas que utilizaram a

casca das arvores ou flocos de algodão para fazer tapetes ou tecidos.

Mau grado seus titulos, os homens são bem inferiores ás mulheres pelo numero e variedade de invenções! Si se não reconhece isso, é justamente devido á facilidade com que a mulher inventa e á sua pouca ambição, que a faz realizar seu invento unicamente por ella ou por sua familia, sem o levar mais longe. Da mesma forma, a necessidade de mudar de occupação desorienta completamente um homem. Advogados, banqueiros, inventores ou industriais, os homens fazem a mesma coisa todos os dias do anno, e para reduzir ainda sua gymnastica mental, subdividiram ao infinito suas profissões, diminuindo a variedade da que têm a fazer.

O homem não experimenta grande prazer com seus inventos e não os faria si não lhe trouxessem ganho ou prestigio, ao passo que gosta muito com descobrir o que fez espontaneamente. A mulher, ao contrario, quando realiza uma coisa, quando consegue salvar uma planta que ia morrer, quando consegue transformar um vestido velho num chapéo util, experimenta verdadeira alegria, que não vem somente da economia realizada, mas de ter satisfeito um gosto instinctivo.



A indifferença que a mulher sente pelas abstracções e o real interesse que ella toma por tudo quanto é vivo, afasta-a dos estudos abstractos, os dos que a obrigam a esquecer o circulo que a rodeia, como a philosophia, as mathematicas, a politica. O prazer que ella experimenta por causar prazer, leva-a ás artes e ás profissões que podem utilizar sua intuição, que a podem pôr em contacto directo com o mundo real e suas emoções, a litteratura, a beneficencia, a medicina, a agricultura, o ensino, o pequeno commercio, mas sobretudo a maternidade, a direcção da casa. Toda a mulher, em todos os povos, em todos os tempos, tem sido o economo, a enfermeira, a medica e a consoladora bemfazeja: toda a mulher é a costureira, a cozinheira, a educadora de seus filhos; toda a mulher é a guardiã mesmo involuntaria do lar que a abriga, que ella se esforça por embellezar.

Durante a guerra, cada mulher se tornou enfermeira, guarda de creanças, organisadora de instituições de caridade: nenhuma escreveu sobre a origem dos conflictos europeos.



Deixemos, pois, as coisas como as fez a natureza. E' verdade que as profissões praticas que nos convêm não gozam de muito grande prestigio; é verdade que

ellas nos collocam sob a dependencia do homem. Mas nós gosaremos de menos prestigio ainda si só adoptarmos profissões que não correspondam a nossas aptidões, a nossas superioridades, e estaremos mais ainda sob a dependencia do homem si nós o libertarmos da dependencia em que elle se encontra respecto a nós, pelos serviços que lhe prestamos.

Entre homem e mulher não ha nem superioridade, nem inferioridade, ha differença. Entre mulher e homem, não ha nem imperio nem servidão, mas dependencia reciproca.

Pois que differem, a sociedade tira partido das variedades de suas intelligencias. E' essa differença que forma o enojo da vida, que atrai os dois sexos um para o outro. Elles são copazes de agir de accordo, com forças dobradas. Si os homens e as mulheres procurassem transformar-se, isto é, equalar-se, sua união perderia todo o valor, elles tornaram-se-iam estranhos uns aos outros, e a sociedade perderia a superioridade relativa de cada um delles em seu proprio dominio.

Gina de Lambrazo.

(Da "Revue de Geneve")

AS ENERGIAS HUMANAS ACCUMULADAS

*As forças que contêm o corpo humano —
O poder do coração; a pressão at-
mospherica — O actor e o orador
como potências dynamicas*

Os sybaritas, segundo a historia, eram avessos ao trabalho, porém, se impressionavam tanto vendo os escravos trabalharem, que suavam em bicas. E' bem de ver que os naturaes da famosa cidade de Sybaria, por serem avessos ao trabalho consumiam suas forças em prazeres, fantasiando gosos cada vez mais refinados e, por isso, a sua designação patronymica ficou para adjectivar os gonadores da vida, em todas as épocas.

Se se pudesse avaliar o quanto de energias o homem expende util e inutilmente no commercio da vida, dando a essas energias um valor pecuniario, poderíamos todos nós nos considerar mais do que ricos, riquissimos.

Em todos os nossos actos, no emprego dos nossos sentidos como na utilização das nossas faculdades, expendemos insensível ou sensivelmente, consciente ou inconscientemente, forças que não parecem nada, porém, accumuladas, representam uma consideravel potencia.

No particular da produção e consumo de energias, o homem é uma machina, com molas e aduelas bem ajustadas, que funcionam com perfeita harmonia, bem entendido, quando não tem desarranjos causados por qualquer accidente alimen-

tar, pois o estomago é a caldeira dessa machina.

Vejamos em primeiro lugar qual o material necessario ou equivalente a esse machinismo, segundo os estudos de alguns sabios allemães, que fizeram curiozas observações sobre a força que o homem dispõe na acção da vida.

Os elementos de um organismo humano sadio, a materia prima para construção de um homem forte, é encontrada em uma gusa de ovos de gallinha, isto é, com 150 ovos se obtém as energias que possuem um homem são que pese de 65 a 70 kilogrammas.

Os cientistas allemães desceram a detalhes mínimos nos seus estudos transcendentes sobre as energias do homem.

Se reduzimos a fluido o corpo de um homem do peso referido, encontramos em resultado cerca de cem metros cubicos de gaz de iluminação e o volume de hydrogênio sufficiente para encher um aerostato com poder ascensivo de 80 kilos.

Importa, apenas, reconhecer que a força produzida por esse corpo humano é superior ao seu peso. Nesse mesmo organismo encontramos outros materiais apreciavos: poderíamos extrair a quantidade ferro para fundir sete cravos de 25 grammas cada um; acharíamos carvão para fabricar 9.000 lapis, dos de modelo Faber; o phosphoro apurado daria para 8.500 caixinhas de phosphoros de cera; a gordura encontrada produziria sete kilos e quinhentas grammas de velas. Além desse precioso material, teríamos 40 litros d'agua, 300 grammas de sal e 600 grammas de assucar, e tambem um sahão em formas corpusculares de pureza extraordinaria.

Essas materias estão sujeitas às condições de alimentação, ao meio de vida e aos costumes do individuo. Suppondo um individuo normal vamos ver qual o poder de suas energias gastas na vida. Todos os nossos actos representam força: comer, falar, respirar, olhar, etc. Se essa força dispersa aos momentos e instantes, pudesse ser accumulada, o homem que o conseguisse haveria descoberto a pedra philosophal, mais do que a maravilha que é o segredo da Alchimia.

O homem é um dissipador de forças incalculaveis, por exigencia da vida.

Um simples aperto de mão exige de nós a força equivalente a um quarto de H. P. Um politico democrata, que ao fim de uma excursão de propaganda tenha dado 200.000 apertos de mão, se pudesse deter essa dispersão da força e energia, e empregal-a accumulada de uma só vez, teria a seu dispor 50.000 H. P. força sufficiente para fazer navegar um dos grandes vapores da Cunard Line, cujas machinas não possuem maior potencia.

O esforço do pensamento não é menor se bem que seja menos apparente. A

obra de um poeta, de um juiz, de um jornalista representam uma grande força, sem se computar o trabalho material da escripta. A obra de Virgílio, de Dante, de Tasso, de Camões, representa um esforço mental enorme se dermos valor a todos os órgãos affectados pela acção do pensamento. Com a energia despendida por Camões, nos Lusíadas, caso ella fosse accumulada, poderíamos erguer um peso superior a 15 toneladas; a da "Divina Comedia" daria para suspender um vagão de estrada de ferro, com 45 toneladas de carga.

Um actor de theatro, em papel movimentado, tendo de agitar braços, pernas, falar, pular e ouvir o ponto, gasta consideravel força no desempenho de uma comedia. O orador, um deputado ou tribuno, atirando braços, gesticulando com emphase, curvando-se para um lado e para outro, durante uma hora, se pudesse concentrar toda essa energia, suspenderia um dos grandes carros da Light and Power e atirava longe.

Um órgão gastador de energias é o coração; a actividade das aurículas e ventriculas para effectivar a circulação do sangue durante dez horas, daria, se fosse accumulada, a força sufficiente para suspender com um braço um peso de 5 toneladas, ou atirar a uma altura de 30 metros um dardo ou disco de uma tonelada de peso. Só a força consumida pelo coração durante 24 horas, daria energias a um homem para puxar um trem de 240 toneladas a 35 kilometros por hora de velocidade. Estão nesse caso os grandes executores, os pianistas, etc., que para tocar uma partitura fazem prodigios de rapidez.

A nossa cabeça recebe a pressão atmosphérica de mais de 1.500 kilogrammas, e não nos parece que gastamos essa pressão. Se se pudesse tornala; negativa, poderíamos conduzir um peso de 800 kilos com a maior facilidade.

Essas energias não podem ser totalmente aproveitadas, porém podem ser poupadas ou bem empregadas. Quando estamos enfermos, o consumo de forças é muito grande e é por isso que o repouso auxilia as curas.

Mas, pensarmos apenas nessa coisa consideravel se o homem pudesse accumular suas forças e industrialisal-as; não seria mister a força hydraulica, electrica, vapor, vento para mover as maiores fabricas. O braço humano as suppriria com vantagem, por ser força consciente. O inspirar e respirar absorvem forças que annullariam as façanhas de Hercules e de Sansão.

Um homem que concentre essas energias, poderá trazer um trem de ferro na mão direita e um automovel na esquerda, como quem carrega uma pluma.

O REJUVENESCIMENTO DOS RATOS E DOS... HOMENS

O apparecimento nas nossas livrarias do livro do Dr. Serge Voronoff tem feito com que nos nosos meios scientificos e profanos haja, de novo, grande preoccupação pelas experiencias de rejuvenescimento.

O merito dessas pesquisas pertence, porém, inteiramente ao professor viennense Steinach, cujo ultimo trabalho recém-chegado ao nosso paiz: "Verjungung durch experimentelle Neubelebung der alternden pubertatsdruse" — Rejuvenescimento pela revivencia experimental das glandulas da puberdade envelhecida — é de extraordinario merito pela seriedade e prudencia das conclusões.

Antes de tudo, é bom saber que essas experiencias já datam de 9 annos e só por escurupulo scientifico não tinham tido mais ampla divulgação, embora em 1912 houvesse Steinach feito a Academia de Sciencias de Vienna uma communicação sobre experiencias, coronadas de exito, de rejuvenescimento dos ratos.

A base desses trabalhos repousa na influencia da secreção interna dos órgãos genitais na conservação dos caracteres da mocidade. Ora, quando os canaes excretorios dessas glandulas impede-se a secreção externa, mas se exalta a secreção interna. E, facto muy importante, não é preciso ligar ambas as glandulas, basta a ligadura de uma só e assim o individuo conserva a propriedade de procrear.

Nos ratos, Steinach obteve resultados estupendos. Alguns desses roedores, apresentando sinais de completa senilidade que nesses animares já apparecem aos dois annos (os ratos vivem em média 30 mezes) — após a ligadura bilateral, ou simplesmente unilateral do vaso deferente, se transformaram por completo, parecendo completamente novo o rato, que antes da intervenção tinha a pelle em muitos lugares desguarnecida de pelle, que fugia dos seus semelhantes adultos, que não brincava mais com os ratinhos novos, que se desinteressava pela femea, incapaz de tentar qualquer esforço para se alimentar e de se limpar de pulgas; algumas semanas após a operação é um individuo corajoso, aggressivo, cuidadoso da sua toilette, mais galante para com as companheiras do que os proprios ratos jovens, e, com a ligadura unilateral alguns desses roedores de novo procrearam, coisa que ha cerca de dez mezes não faziam. Note-se: um mez na vida do rato representa talvez dois annos de vida do homem.

No mesmo tempo voltam ao animal o mesmo bello abundante de outra e a mesma voracidade, augmenta de peso, tem a musculatura de um individuo joven e tem prazer em brincar com os filhotes e lutar com os ratos adultos.

Nas fêmeas, a experiência é mais difícil, é preciso fazer a implantação do ovário de indivíduos jovens. Assim mesmo, Steinach conseguiu rejuvenescer uma velha ratzana a tal ponto, que recuperou os seus dotes de sedução; e, ella que já havia um anno era desprezada, achou marido. Mais do que isso, na avançada idade de 29 mezes teve cinco ratinhos, facto nunca visto no mundo roedor.

Nô que diz respeito aos homens não resta duvida que são grandes as esperanças de que o beneficio do rejuvenescimento não venha a ser privilegio exclusivo das ratazanas. No seu livro, Steinach cita apenas tres experiencias no homem. A mais interessante dellas se refere a um ancão de 71 annos. Este veneravel individuo sentiu-se notavelmente remocido; elle antes da intervenção um velho doente, padecendo muitos achaques, achou-se agora tão differente que recusou acreditar na sua idade. Ao mesmo tempo nelle resuscitaram as capacidades de moço, ha muito tempo abolidas. Uma outra observação de um commerciante de 66 annos tambem é muito convincente. Esse senhor, que já apresentava todos os signaes da velhice, seis mezes

após a intervenção, pesava 60 kilos (antes pesava 48) e de tal modo rejuvenescido, que haviam desaparecido, completamente os symtomas senis (difficuldade de respiração, vertigens, etc.) e se comportava como no tempo da sua juventude.

Não se pôde, pois, duvidar que tambem no homem são exequiveis as operações de rejuvenescimento, destinadas a terem em proximo futuro a mais larga extensão.

Desde já nada mais logico do que aconselhar áquelles que julguem dellas necessitar que procurem um cirurgião habil. Praticadas com a technica devida nenhum inconveniente offerecem (sendo unilateraes nem sequer resultará a esterilidade) e só podem ser vantajosas, constituindo ao mesmo tempo uma curiosa experiencia scientifica. Nas mulheres a difficuldade de obter o enxerto ainda não foi vencida; é de esperar, contudo, que, com o tempo, a juventude prolongada não seja reservada unicamente aos Faustos modernos, mas tambem permitta ás Margarkias, quando envelhecerem, a esperança de uma nova primavera.





NOTAS DO EXTERIOR

UM NOVELISTA DO NACIONALISMO BRASILEIRO

Isaac Goldberg, notável crítico norte-americano, autor de uma obra recente "Studies in Spanish-American Literature", hoje especializado em estudos sul-americanos, publicou no "Evening Boston" o seguinte artigo sobre Monteiro Lobato.

Entre as correntes literárias recentes que mostram várias fases interessantes não se devem desconsiderar as tendências nacionalistas capitaneadas no Brasil, com tanto ardor e tanta eficácia imediata pelo mais activo dos espíritos "novos": Monteiro Lobato. Lobato passou, apenas, dos trinta e cinco, e dispõe para seu propósito de uma influente onça editora em S. Paulo; consegue, assim, fazer-se lido e ouvido, tanto como sentido. Parece ser um propagandista nato, no sentido intelectual desta palavra. De certo não lhe falta a tinta, nem a coragem, e seja o que for o que se pense das suas ideias, fornece leitura altamente instructiva e delectosa.

Um primeiro logar e sobretudo é elle o campeão da personalidade nacional. E por esta mesma feição torna-se o inimigo de indebitos influxos estrangeiros sobre a nação. Quando se lêem os seus muitos contos as suas críticas encrespadas, seus ensaios vigorosos, chega-se à conclusão, a não ouvir senão Lobato, de ser principalmente franceza a influencia estrangeira, e condemnável em sua maior parte.

A impressão profunda da literatura franceza sobre a America Hespanhola e Lusitana é innegavel e por vezes deletéria; nem se poderia, verificado isso, allegar com bastante força que a França é, a respeito de bellas letras, uma segunda patria de quem quer que não seja francez.

Dahi é possível que se estranhe o caso brasileiro, contra a influencia franceza; e quando em Lobato se depara o mesmo protesto muitas vezes reiterado, começa-se a suspeitar que o afflige certa gallophobia. Isto, todavia, é nullo, afinal, antes ardor em exuberancia do que um erro absoluto nos valores. Não lhe falta o apreço pelos grandes homens de França; não lhe peja usar como epigraphe, em um dos seus livros para crianças, de uma citação franceza de Anatole France; não protesta si algum dos seus contos é mencionado a par dos de Maupassant e, sobretudo, reconhece a força creadora da imitação, por paradoxal que se affigure. "Convenhamos" — escreve elle no prefacio da sua ardorosa collecção de criticas *Idéas de Jéca Tatú* — "a imitação é, de facto, a maior das forças creadoras..."

O livro todo apresenta-se como "um grito de guerra pela nossa personalidade".

Na base do nacionalismo de Lobato encontra-se o unico fundamento da arte: sinceridade.

Si elle, ás vezes, exaggera o seu protesto, merece perdão pelo fundo solido de mesmo: é uma parte da sua propria personalidade ver as cousas em suas cores primitivas, desempenhar o papel de nacional fervoroso, não no sentido chauvinista — pois não é nenhum sequer obcecado dos poderes administrativos, nem é nacionalista no mau sentido de algum barato tamhor mór — mas no sentido da que o nacionalismo é o desenvolvimento logico das potencialidades da patria. Um cidadão pessoalmente independente, pois, que desejaria alcançar para o seu país essa mesma independencia.

O começo da guerra mundial encontrou Lobato estabelecido em uma fazenda, longe da vida de pensamento e dos centros de literatura. Foi por accidente que elle descobriu os seus dotes de escriptor. Conta-se a historia que certo dia, indignado contra o costume de se pôr fogo às matias para fazer roças, com perigo para os vizinhos, enviou uma carta de protesto a um grande diário de S. Paulo. Parece que a carta era importante demais, demasiado bem escripta, muito claramente reveladora de natural talento literario, para ser relegada ao canto onde se escondem geralmente as jeremiadas dos leitores, e que, ao em vez, foi estampada em lugar de destaque.

A partir desse dia a sorte estava lançada. O episodio, a meu ver, é mais importante do que parece. Pois, sendo embora diversa a forma por que seus ultimos escriptos se publicaram, não, em gráo mais alto, justamente o que foi essa aventura inicial: um protesto, um meio de melhoramento cívico, uma contribuição nacional. Converta-se tal carta e o seu tom em conto e resultará, digamos, tal historia como a do "Jardineiro Timotheo", em que até um jardim se pôde transformar em campo mudo e multicôr para a flora nativa; ponha-se-lhe politica e surgirá tal producto genuinamente humorístico, como "Supplico Moderno", dessa estranha collecção dos **Urupês**.

Em verdade, não são estes proprios **Urupês**, uma critica, uma exposição do cabocio brasileiro?

Foi com o livro **Urupês** que Montello Lobato se affirmou definitivamente. Em tres annos alcançou uma venda verdadeiramente phenomenel para o Brasil: vinte mil exemplares. Foi louvado extravazadamente por figuras de tamanha divergencia como o laureado mas não corado Olavo Bilac (que podia ter dito mais que umas poucas palavras sobre a legitima influencia franceza na poesia brasileira) e o imponente Ruy Barbosa, que por instincto reconheceu o valor fundamentalmente sociologico da obra de Lobato. Porque da pura literatura, pouca coisa se achá na joven paulista. Recuso que elle, como também um grupo semelhante em Buenos Aires, menospreze o elemento esthetico em arte, confundindo-o, talvez, com os espiritos snobistas, alcandorados, vaporosos, cujo habito é infestar todos os proprios movimentos com suas nevroticas locubrações. Todavia esta opinião pôde ser injusta. Seu estylo, sua attitude, sua obra, são directamente condicionadas pelo ambiente no qual opéra e pelos problemas que se propoz resolver.

Critica menos injusta seria, de certo, a que se lhe fizesse quando o seu arrebatamento degenerou em pleito particular, quando o seu intenso sentimento se estyua em sentimentalismo, e quando o que pretendia ser humor descomba em caricatura. De onde se pôde colher que Lobato escreve — ou, antes, reimprime — mais do que era preciso; pois grande copia de bom jornalismo devia quedar onde nasceu em vez de se lançar adeante, em livro. Assim, também, em parte apreçavel da sua obra, a execução está aquém da intenção, devido, em medida não pequena, a uma certa falta de auto-disciplina e a uma sinceridade não amadurecida artisticamente.

A **Urupês** seguiu-se logo **Idéas de Jêca Tatu**. Jêca Tatu é um pescador do Parahyba, um câmpira já apresentado no livro precedente, symbolo da inerçia do homem indigena. Contudo, no segundo livro, suas idéas são tudo que se queira menos idéa da inerçia; Lobato vestiu a pelle do pescador e produziu uma serie de criticas e de ensaios admiraveis. De natureza parecida são os capitulos incorporados em **Cidades Mortas**. **Negrinha** é uma collecção de contos. E desde então, além de autor destes livros, director de uma esplendida revista, a "Revista do Brasil", editor da nascente geração de redemptores literarios, instructor de hygiène para o seu país, suas energias correm, ainda por outros canais.

E' também escriptor de varios livros para creanças. O mais conhecido delles é o **Narizinho Arrebitado**, e confesso, com o devido rubor nas faces, que as aventuras da menina entre as flores e a bicharia da sua terra foram-me responsaveis pelo roubo de algumas horas de estudo em tomos mais ventrados e menos infantis.

Como alguém que pretende renovar as letras nacionaes, tem Lobato muito que dizer sobre as antigas e actuaes figuras das letras patrias, dentro e fóra do Brasil. Sua obra, em todas as suas phazes, é antes de tudo um acto de nacionalismo.

Do ponto de vista exclusivamente estilístico, Lobato é polido, vigoroso, intenso, quanto basta. Os capítulos dedicados à criação do estilo constituem valiosa allegação em prol de uma arte genuinamente autochthona, e é muito instructivo observar como elle trata a questão no que se refere à architectura.

O Brasil possui uma flora nativa, uma fauna, uma mythologia, que seus escriptores desprezam pela repetição dos hospedeos sedicões da Helade.

(Contudo Lobato cochila às vezes e enxerza Laocoonte numa arvore retorcida). E' este um escripto "anti-literario", escarnecedor das mais finas graças, embora, além de trahir a consciencia aguda de ser um escripto, empregue situações muitas vezes exploradas, e, mais ainda, em tramas que não são mais brasileiros do que magyares, ou senegaleses. Assim, n' *O Bugio Moquendo*, topamos aquella historia da mulher forçada a comer, dia por dia, um prato que um marido vingativo lhe prepara do cadaver do proprio amante. E' característico, que o autor brasileiro amontoa horror generosamente, sem nada acrescentar ao effeito do thema tal como apparece na mythologia grega ou no cancionete da velha Provença.

A verdade seria que Lobato, no fundo, não é um contador de historias, porém é um critico. Sua veia é distinctamente satirica, ironica; possui o dom do caricaturista, e eis porque as suas historias deitam tantas vezes ou para o macabro ou para o sentimentalismo. Quando narra um conto horrivel, não é a arte impensadamente graduada de um Poe, mas o proprio facto em si, que causa horror. Sua innata tendencia didactica revela-se não sómente em seus trabalhos francamente didacticos, mas ainda no habito de prefixar às suas narrativas com preloio philosophico, de commentario. Sendo elle largamente lido e pessoa cosmopolita, seus contos e commentos possuem, muitas vezes, essa significação mundial que nenhuma dose de preocupação regional pode obscurecer completamente; mas, por tanto empenho em fazer vibrar a nota nacional, extrahi muitos dos seus escriptos, em cujas paginas atropella a sua propria pessoa.

Quando em sua melhor disposição, suggere o surto na literatura brasileira de uma força creadora fresca e espontanea. Contos como "Supplico Moderno" são raros em qualquer lingua, e não estariam deslocados numa collecção de Chekhov ou Mark Twain. Aqui está o humor servido pela terra, pela natureza e pelo homem; não a serviço destes elementos. Do mesmo modo "Choo-pan!", com seu começo humorístico e progresso gradual até o desfecho lamentavel, demonstra e que é possível obter quando se escrave como senhor, não como escravo, de lendas indigenas.

A comparação deste conto com outro semelhante, o "Mata-Páu", faz manifesta a franqueza do autor e a sua força. No primeiro, em circumstancias peculiares, um homem encontra a morte por obra de uma arvore que, segundo a crença nativa, vinga a derrubada de uma das suas iguaes. No segundo, o "mata-páu" é explicado numa especie de profaolo; segue-se uma historia de creaturas humanas, em que uma creança de peito abre caminho até o amor de um casal sem filhos, apenas para trahir o marido e, depois de maltratar a mulher, dar cabo della pela mesma forma. A primeira historia, além de bem contada, apresenta-se de modo a parecer intimamente brasileira; a morte do homem, um toleirão, que atamancou a obra, a ponto do modelo apenas poder levar a bréca, recupla natural, e não é necessario crer effectivamente na lenda; esta serve para dar ao conto cor e atmosfera. O "Mata-Páu", envez, é meramente uma outra historia do triangulo domestico, tão brasileira como qualquer outra, com uma replica final que deve ter appellado ao pregador escondido, em Lobato; a analogia entre a arvore e o pupillo não é parte integrante da historia; o conto, de facto, acrescenta-se à explicação da planta parasita, e é tambem parasitario.

A attitudão do autor, quanto à educação, vislumbra-se em seu livro para creanças, "Narizinho Arrebitado" e na epigrama de Anstole Franco. Prefere cultivar a imaginação a recheiar a intelligencia. E, mesmo neste segundo livro de leitura — refrigerantemente depurado do methodo do "eu vejo um gato" — percebe-se em varios passos o seu intento de instruir e de satyriar a gente grande.



Para este espírito caustico, o Brasil real — o que se deve esforçar por imprimir o seu cunho nas artes do futuro proximo — jaz no interior do paiz. Lá encontrou elle o genuino brasileiro, incontaminado pelo "esperanto de idéas e costumes" característico dos centros onde afflue a imigração de todas as partes do mundo. Lá é que descobre a materia prima para a verdadeira arte nacional, distincta da phantasmagoria forasteira importada nas cidades. E para esta arte do interior achou o grande precursor em Euclides da Cunha, escriptor notavel verdadeiramente, diga-se de passagem, de quem o viajante escocês, Richard Cunningham Graham, tratou abundantemente em sua obra rara sobre Antonio Conselheiro, mystico e fanatico do Brasil.

"Foi Euclides da Cunha — escreve Lobato em "Idéas de Jéca Tatú" — quem entreabriu as portas interiores do paiz, etc."

Não se pode por em duvida a personalidade dinamica deste joven. Tampouco se pode por em duvida a influencia salutar que está exercendo. Até agora, contudo, é mais fraco no papel de escriptor de contos — com as excepções importantes já apontadas — e mais forte como crítico polemista.

Seus dotes pessoais parecem destinados a tornal-o um propagandista da especie ironica, satirica, com pronunciada inclinação para a caricatura. Pode-se com segurança aventurar esta opinião: que elle, até agora, no sentido creador — de transformar a realidade, através da imaginação, em vida artistica — ainda não se achou a si proprio, casualmente. É muito mais do que uma promessa; apenas o seu preenchimento ainda não está claramente definido.

UMA CAUDAL DE OURO

Um dos phenomenos mais notaveis, symptomaticos da deslocação economica que se agrava no mundo, phenomeno que tem a mais seria influencia sobre o credito universal, bem como sobre todas as formas do commercio, se manifesta na attração de um novo e extraordinario stock de ouro do exterior para os Estados Unidos. É uma situação absolutamente anormal essa absorção do ouro das nações estrangeiras pelos Estados Unidos, que o tomam em todos os cantos do universo, ainda que sobrecarregado de metal amarello e aneloxos por mercados para sua super-produção. De janeiro a maio deste anno, 300 milhões de dollars ouro foram recebidos pelos Estados Unidos. Em todo o correr do anno findo, o lucro de reserva ouro realiado no paiz pelas importações foi um terço inferior ao de 1921.

Essa caudal de ouro corre de todos os pontos do globo: 26 nações concorrem para engrossal-la. A França foi a que mais exportou ouro para a Republica do Norte, seguindo-se a Inglaterra, o Canadá, a China e as Indias Inglesas.

Esse stock metallico excede de 300 milhões de dollars, o que significa que os Estados Unidos possuem cerca de 25 % do stock mundial de ouro. Para avaliar o crescimento da reserva ouro dos Estados Unidos, é preciso comparar o total actual com os 1.500 milhões ouro detidos lá, no começo da guerra, ha menos de sete annos.

A razão profunda desse transbordamento de ouro das outras nações para aquella — diz um tecnico de Nova York — é a significação de nossa incapacidade como centro financeiro universal para governar as reservas de credito... Não ha necessidade de muitas explicações para salientar as consequências directas que disso resultam para os Estados Unidos. O proprio ouro contribue para a inflação, a paralyza das compras acarreta a paralyzação dos negocios.

O TELEPHONE NA INGLATERRA

Na Inglaterra como em toda a parte todos se queixam do telephone. A administração faz reaes esforços para restabelecer a efficacia dos serviços, observada antes da guerra.

Por falta de fundos e de apparelhamento material, no emtanto, deixaram de ser attendidos este anno 24 mil pedidos de instalações.

O ministro dos Correios é partidario decidido do telephone automatico, de que já se fez experiencia com excellentes resultados e que deve ser introduzido em Londres. O seu custo, porém, sobe a 6 milhões de libras, importancia excessiva para os fundos de que dispõe.

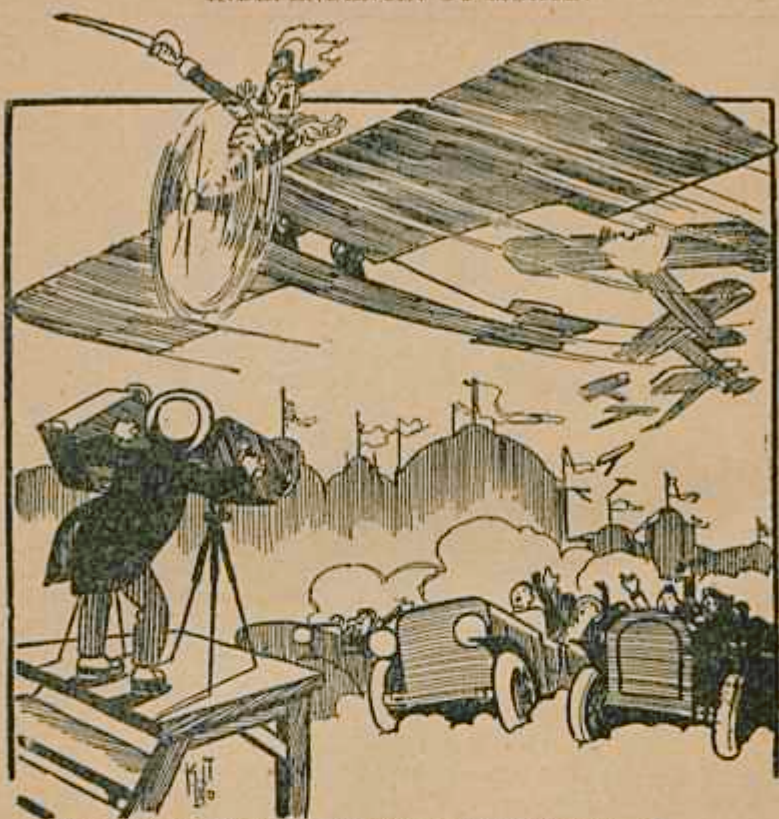
CARICATURAS DO MEZ

O JOGO LEGAL



Washington — E ahí fica o fiscal para não permitir que se jogue mais a "estrada de ferro"; este jogo, d'oravante, passará a chamar-se "estrada de rodagem"...

INDEPENDENCIA OU MORTE!



Como seria dado o grito do Ypiranga se a coisa fosse em 1922.

"No Estado de Minas foi encontrada
uma enorme mina de ouro".
(Dos jornais)



Gêco — Que bunitiza! E' pena não tê ninguém p'ra tirá ella do buraco!

INDICE GERAL DO VOLUME XVIII

<i>As livrarias do Oriente</i> , por Arthur Neiva	3
<i>O filho</i> , por Mario Sette	9
<i>Plágios e plagiários</i> , por Sergio Buarque de Hollanda	14
<i>A psychologia morbida de Augusto Comte</i> , por Claudio de Lemos	23
<i>Aspectos amazonicos</i> , por Raymundo Moraes	29
<i>Coração de caboclo</i> , por Rodrigo Octavio	34
<i>A caveira</i> , por Gabriel Marques	44
<i>O Brasil á luz do theosophia</i> , por Josebento	49
<i>Romance politico</i> , por Sylvio Julio	59
<i>Fabulas em prosa</i> , por Monteiro Lobato	63
<i>Rag</i> , por M. Deabreu	69
<i>Bibliographia</i>	76
<i>Resenha do mez</i>	84
<i>Debates e pesquisas</i>	92
<i>O momento</i> , por B. F.	97
<i>A classicomania</i> , por Antonio Salles	99
<i>O bello poema do Lexicon</i> , por Plinio Salgado	108
<i>Importancia da riqueza mineral no progresso das nações</i> , por Miguel Arrojado Lisboa	112
<i>A literatura infantil</i> , por Marcel Braunschvig	112
<i>No tumulo de Machado de Assis</i> , por Carlos de Laet	127
<i>Da "Arte de Amar" (fragmentos)</i> , por Julio Cesar da Silva	128
<i>O infinitamente grande como agente curador</i> , por Honorio Rivereto	131
<i>Controversia esthetica</i> , por Magalhães de Azeredo	146
<i>Fabulas em prosa</i> , por Monteiro Lobato	153
<i>Bibliographia</i>	159
<i>Resenha do mez</i>	163
<i>Debates e pesquisas</i>	173

<i>Notas do Exterior</i>	179
<i>O momento</i>	193
<i>A poesia de Vicente de Carvalho</i> , por Sampaio Freire	195
<i>A angustia do silencio</i> , por Lindolpho Esteves	208
<i>Rondô da Gloria</i> , por Gustavo Teixeira	221
<i>Sulamita</i> , por Araujo Filho	223
<i>O bigode do gentilhomen</i> , por Theodoro Magalhães	226
<i>O contagio da variola</i> , por Rodolpho Theophilo	230
<i>A revolta dos lampiões</i> , por Barbosa Lima Sobrinho	237
<i>A caminho da sociedade das nações</i> , por Helio Lobo	242
<i>Bibliographia</i>	258
<i>Resenha do mez</i>	264
<i>Debates e pesquisas</i>	275
<i>Notas do Exterior</i>	281
<i>A theoria da relatividade de Einstein</i> , por Roberto Marinho, profes- sor da E. Polytechnica do Rio	289
<i>A inquietação na poesia</i> (A proposito de Ribeiro Couto), por Renato Almeida	305
<i>Excavações</i> (Versos aureos), por Hyppolito da Silva	309
<i>Variante carioca de um subdialecto brasileiro</i> , por Antenor Nascentes	312
<i>Poesias</i> , por Carvalho Aranha	322
<i>Historia simples</i> (conto) por Julio Scheibel	325
<i>O governo popular</i> , por Alberto Salles	330
<i>Ao luar</i> (sonetos), por Rodrigues de Abreu	349
<i>Não paga a pena</i> (conto) por Oliveira e Souza	351
<i>Bibliographia</i>	358
<i>Resenha do mez</i>	362
<i>Debates e pesquisas</i>	369
<i>Notas do exterior</i>	377

Novidades literarias

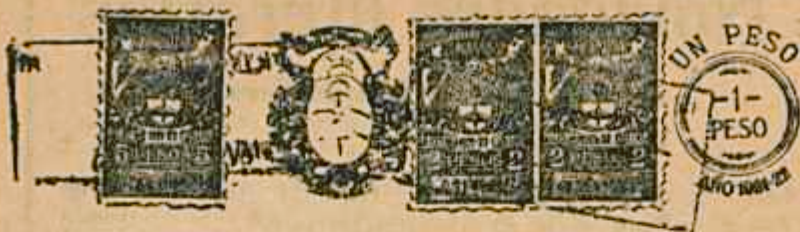
á venda na "Revista do Brasil"

Lais — romance de Menotti del Picchia, 3. ^a edição . . .	4\$000
Pão de Moloch — chronicas do mesmo autor . . .	5\$000
De tudo para todos — complicações de um jornalista em férias por Alberto Velga . . .	3\$000
O Declive — pelo mesmo autor . . .	3\$000
Na esteira da luz — pelo mesmo autor . . .	4\$000
Mocidade — versos de Affonso Schmidt . . .	3\$000
Impressões de arte — por Carlos Rubens . . .	3\$000
Vida Rociera — Contos regionaes por Leoncio Oliveira .	6\$000
Reliquias da Memoria — romance por Canto e Mello . .	4\$000
Alma em delirio — idem . . .	4\$000
Bucolica — poemeto pelo mesmo autor . . .	1\$000
A Sciencia do Lar Moderno — livro de receitas pela D. ^a Eulalia Vaz . . .	5\$500
Rito Pagão — Rosalina C. Lisboa, o magnifico livro de poesias premiado pela Academia Brasileira.	
Edição de luxo, broch. . .	4\$000
Enc. em camurça . . .	12\$000
Ipês — Ricardo Gonçalves, o mallogrado poeta que tan- tas saudades deixou. — Linda edição broch. . .	4\$000
A Renegada — audacioso romance realista de C. D. Fer- nandes, n. ^o 2 da Collecção Brasilia.	
Brochado . . .	1\$500
Encadernado . . .	3\$000
Elogio do Amigo — optimo estudo critico do grande cri- tico brasileiro, Nector Victor.	
Primeira edição, brochado. . .	4\$000
O Sacy, livro para crianças, por Monteiro Lobato, com 40 dese- nhos de Voltolino.	
Fabulas de Narizinho, por Monteiro Lobato, com illustrações.	

MONTEIRO LOBATO & CIA.

Rua da Boa Vista, 52-sob.

PORTE PAGO POR NOSSA CONTA



Buenos Aires Octubre 13 de 1921

Art.1- La "Editorial Bayardo", Sarmiento 565, adquiere del Dr. G. Martinez Zuviria, Galería Quemes 560, el derecho a publicar con el seudónimo de Hugo Wast, su novela "El amor Vencido".

Art.2- La "Editorial Bayardo", hará una edición en La Novela del Día de cien mil ejemplares, y treinta ediciones de mil, cada una en volumen, de 2.50, en la "Edición Libertad".

Art.3- La "Editorial Bayardo" pagará al Dr. G. Martinez Zuviria, al ponerse en venta, tres pesos m/n, por cada línea impresa, que resulte en el volumen de la "Edición Libertad", en cuerpo 10, a medida 15.

Art.4- El segundo episodio de esta novela, con el título de "El Amor Invencible", será adquirido por la "Editorial Bayardo", en las mismas condiciones, debiendo ser entregado por su autor en Diciembre del corriente año.

Art.5- El derecho de adaptación teatral y cinematográfica de estas novelas, no se incluyen en este contrato.

Firmado en dos ejemplares:

G. Martinez Zuviria *Editorial Bayardo*
 DIRECTOR-GERENTE

Banco da Provincia do Rio Grande do Sul

Fundado em 1858

Sede Central: ————— **PORTO ALEGRE**

Capital Rs. 40.000.000\$000

Fundo de Reserva Rs. 22.000.000\$000

Filial no Rio de Janeiro — Rua da Alfandega, 2

Filiaes e Agencias no Estado do Rio Grande do Sul

Alegrete	Ijuhy	Rio Pardo
Arroio Grande	Itaqui	Rosario
Bagé	Jaguarão	Santa Cruz
Bento Gonçalves	Lajeado	Santa Maria
Bom Jesus	Lavras	S. Ant. da Patrulha
Cachoeira	Livramento	S. Fco. de Paula
Caxias	Montenegro	S. Gabriel
Cruz Alta	Nova Hamburgo	S. Leopoldo
Caçapava	Passo Fundo	S. Victoria do Palmar
D. Pedrito	Palmeira	Taquara
Estrella	Pelotas	Uruguayana
Guaporé	Pinheiro Machado	Vaccaria
Garibaldi	Rio Grande	Venancio Ayres

Correspondentes em todas as praças do Rio Grande do Sul e nas principaes do Brasil e do Estrangeiro

ACABÁ DE APPARECER SENHORA DE ENGENHO

Romance de costumes pernambucanos

POR MARIO SETTE

A' VENDA NA "REVISTA DO BRASIL"

PREÇO: 1\$500 O VOLUME

MONTEIRO LOBATO & CIA.

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

==S. PAULO==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.



**Se no nosso tempo houvesse
esta bebida não estaríamos
assim, velhos e doentes...**

DIABETICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a função
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infância; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. - - - - -

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.
Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferre em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIREGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

REGISTERED TRADE MARK OF LIDGERWOOD & CO. LTD.